

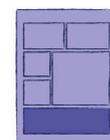
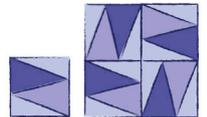
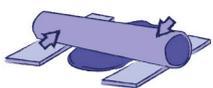
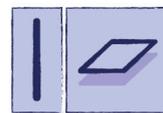
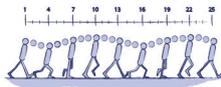
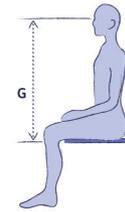
# Educação Artística

vol.2

PLÁSTICA

5º e 6º anos

Manual do(a) professor(a)



# **Educação Artística**

vol.2

**PLÁSTICA**

5º e 6º anos

**Manual do(a) professor(a)**

**Educação Artística**  
**vol.2**  
**Plástica**  
**5° e 6° anos**  
**Manual do(a) professor(a)**



---

**Autores**

Jair André Pinto dos Reis  
Manuel Lima Fortes

**Capa e Design Gráfico**

Oficina de Utopias

**Ilustração**

Oficina de Utopias - Gilardi Reis

**Revisão Linguística**

Direção Nacional de Educação

**Coordenação Geral**

Direção Nacional de Educação

**Editor**

Ministério da Educação

**Impressão e Acabamento**

Imprensa Nacional de Cabo Verde

---

*Este Livro respeita as regras do Novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

**Edição**  
2018

# APRESENTAÇÃO DO MANUAL

No mundo atual, a Educação está cada vez mais exposta, no exercício das suas funções, o que requer da parte dos (as) professores (as) em particular, o domínio de conteúdos que respondam às exigências da vida escolar, criando meios necessários de modo a preparar os (as) alunos (as) para os desafios futuros.

A integração da Educação Artística no contexto educativo, através das linguagens dramática, musical e plástica contribui para a melhoria da relação entre os seus intervenientes, dando espaço à expressão e comunicação, proporcionando o desenvolvimento individual e coletivo e um clima favorável à aquisição de novos conhecimentos, assentes em práticas que recorrem a metodologias ativas, com finalidade de compreender e interpretar contextos educativos diversificados, de acordo com as diferentes realidades, dado à insularidade do país.

O Manual de Educação Artística é constituído por dois volumes. O primeiro volume é composto pelas linguagens, dramática e musical e este segundo, pela linguagem plástica.

Cada uma dessas linguagens traz os seus conteúdos específicos, onde se encontram propostas de atividades com imagens elucidativas que podem auxiliar, da melhor forma, o ensino e a aprendizagem. No entanto, essas atividades não constituem receitas, mas propostas que podem e devem ser recriadas e enriquecidas.

A finalidade da Educação Artística, através das diferentes linguagens, é a de promover a educação do (a) aluno (a) numa estreita relação com uma educação social, cívica, cultural e artística, contribuindo para o enriquecimento da sua personalidade, formação da sensibilidade, e promoção da cultura geral.

As unidades temáticas com as respetivas atividades e propostas de exercícios propostos foram selecionados, tendo em conta os objetivos e conteúdos definidos no programa da disciplina de Educação Artística, bem como a sua adequação ao público-alvo.

# ÍNDICE

## PLÁSTICA

5º e 6º anos 5

INTRODUÇÃO 6

METODOLOGIA DE PROJETO 8

### PARTE 1 CONSCIÊNCIA AMBIENTAL 12

- O Ambiente 12
- Ambiente natural 13
- Ambiente rural 13
- Ambiente urbano 13
- Poluição ambiental 14
- Poluição atmosférica 15
- Poluição sonora 15
- Poluição visual 16
- Defesa ambiental 17
- Comunidade 17
- Cidade 18
- Património Cultural 18

### PARTE 2 COMUNICAÇÃO VISUAL 20

- Perceção 20
- Meios de comunicação visual 21
- O cartaz 21
- A banda desenhada 25
- O desdobrável 26
- Jornal de parede 28
- O postal 29

### PARTE 3 ELEMENTOS DA GRAMÁTICA VISUAL 31

- O ponto e a linha 32
- Texturas 34
- Estrutura 36
- Luz-cor 38
- Espaço 43
- Movimento 45

### PARTE 4 TÉCNICAS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO 48

- Desenho 48
- Pintura 53
- Representação tridimensional 59
- Fotografia 61
- Geometria 62
- Técnicas de impressão e reprodução gráfica 65

### PARTE 5 TRABALHO, MATERIAIS E TÉCNICAS 67

- O Papel 67
- A Argila 70
- Os Têxteis 77
- A Madeira 80
- A Cestaria 81
- Os Metais 81

### PARTE 6 PROPOSTAS DE ATIVIDADES 83

- Exemplos de projetos 85

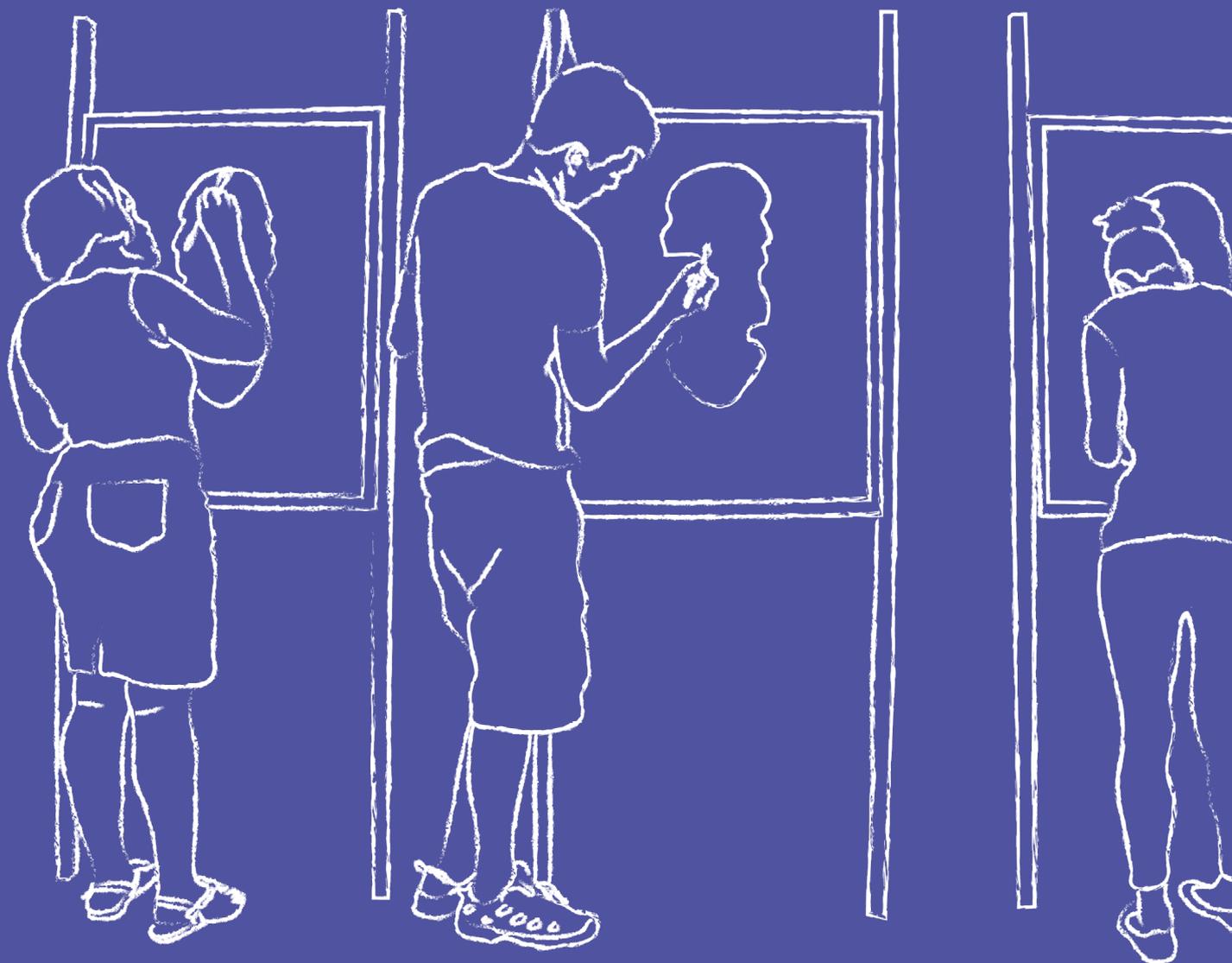
### FONTES DE CONSULTA RECOMENDADAS 103

# PLÁSTICA

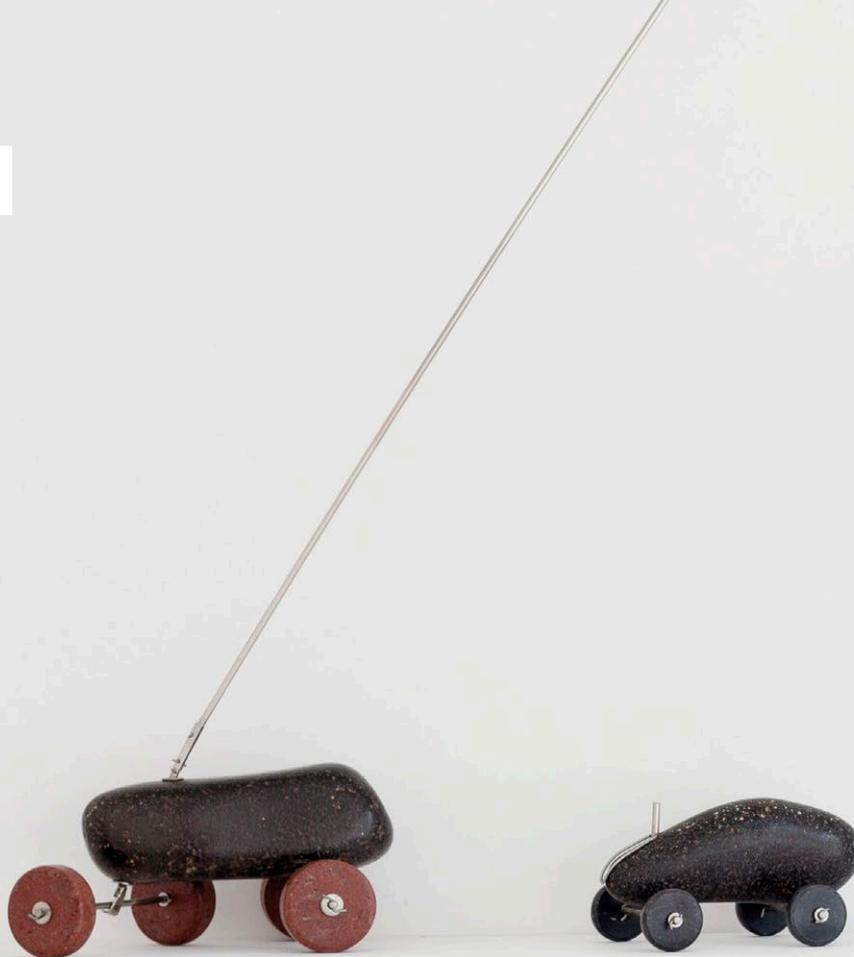
## 5º e 6º anos

**Autores**

Jair André Pinto dos Reis  
Manuel Lima Fortes



# Introdução



Caros (as) colegas do ensino básico, do 5º e 6º ano, em Cabo Verde, depois de vários anos de incessante busca de respostas às inquietações inerentes a Educação Artística em Cabo Verde, procurando sempre uma reflexão para melhorar o desempenho dos professores e conseqüente resultados dos alunos, apresenta-se o nosso manual da Educação Artística Plástica.

Este manual resulta de sucessivos encontros entre professores do Ensino Básico Obrigatório - EBO e os autores onde os conteúdos apresentados vêm na sequência das mudanças sociais, culturais e climáticas sentidas na sociedade.

Constitui ainda um documento de apoio ao/ à professor (a), inserido no contexto da reformulação/ conceção dos programas da Educação Artística e das outras áreas do saber, de acordo com a nova configuração do currículo do Ensino Básico e secundário em Cabo Verde, e deve ser tomado como um ponto de partida para a elaboração de propostas ajustadas a cada realidade de sala de aula. Este leque de experiências, estratégias e métodos,

estão partilhados aqui como caminhos possíveis que podem e devem ser adaptados, visando assim um contributo para o ensino diversificado, respeitando a criatividade e individualidade dos(as) alunos(as) e necessidades da turma, a realidade e as especificidades socioculturais de cada região do país.

Nesta fase de ensino (5º ano), entramos no 1º ano de Educação Plástica, pois, até o 4º ano o ensino da Expressão Plástica é feito através da expressão da criança, mas, a partir do 5º ano, é necessário que aprendam conteúdos teóricos, enraizados na prática para a construção da sua personalidade científica.

A sua organização reúne versatilidade e facilidade de consulta, onde os conteúdos podem ser trabalhados por unidades de trabalho sem uma ordem linear, propondo a seleção dos referidos conteúdos de acordo com as necessidades de cada professor. O(A) professor(a) deverá sempre assumir-se como um(a) investigador(a) assíduo(a) da área que trabalha, para poder diversificar as atividades e criar



"Meridianos" Exposição de Albertino Silva no CNAD. Diogo Bento, 2018

várias possibilidades, de modo a enquadrá-las, sempre que possível, em projetos interdisciplinares.

O presente documento está estruturado em sete partes, distribuídas respetivamente em Consciência Ambiental, Comunicação Visual, Elementos da Gramática Visual, Técnicas de Expressão e Representação, Trabalho, Propostas de atividades e Fontes de Consulta Recomendadas.

Em cada parte, pode-se encontrar uma abordagem introdutória com indicações pedagógico-didáticas e algumas informações técnicas, acompanhadas de apoio visual/ilustrativo sobre os materiais e as ferramentas necessárias, processos e produtos.

Recomendamos que as informações e propostas, contidas neste documento, sejam exploradas pelos profissionais desta área do saber apenas como auxiliares do processo do ensino e aprendizagem deste nível de educação formal. Não devem ser interpretadas como determinações rígidas ou único caminho a seguir para alcançar os objetivos pretendidos em cada área da expressão plástica.

## NOTA IMPORTANTE

*Este manual é do professor, pois os conteúdos estão aqui expostos como um complemento dos conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação. Os conteúdos devem ser abordados numa linguagem mais simplificada, de acordo com a faixa etária e os pré-requisitos dos alunos.*

## METODOLOGIA RECOMENDADA

Normalmente, na Educação Artística Plástica, trabalha-se por Unidades de Trabalho, que são blocos de aprendizagem ligadas entre si, com vista a um projeto final. Sendo assim, para ser mais produtivo e coerente para a criança, a referida unidade deve reunir conceitos, capacidades e os principais problemas, de modo a ser significativo para a construção do saber.

Para isso, nós aplicamos o **Método de Resolução de Problemas**, que se fundamenta, pelo facto de uma necessidade ocasionar um problema e que exige uma solução. Isso constitui uma alternativa a outros métodos baseados na simples transmissão do conhecimento.

Para que o ensino se torne eficiente, o problema deve ser, na maior parte das vezes, sentido pelo aluno e não inventado pelo professor. O aluno ao resolver o próprio problema, constitui um desafio que se traduz na motivação e responsabilidade. Nesta situação, o aluno passa a criar um enunciado para compreender o problema e a procurar solução. Durante todo o processo, ele dá passos como: a formulação de hipóteses, a investigação, o tratamento dos seus dados e procura elementos para a verificação do produto final. Cada uma destas etapas, faz com que o aluno cresça e desenvolva o seu espírito reflexivo, pois, nesta fase, isto não se limita à solução do problema em si, mas visa o procedimento que conduz à solução.

Todos os passos deste método, conflui na execução de um projeto que visa a realização do trabalho, em busca de solução.



# Metodologia de Projeto



## 1 ESTUDO DO PROBLEMA

No estudo do problema, sendo uma fase de reflexão e para mais facilmente encontrarmos a solução, devemos começar por pensar corretamente o pretendemos realizar, isto é, devemos analisar o problema, quais as questões que, de alguma maneira, possam condicionar a sua realização.

## 2 PESQUISA DE INFORMAÇÃO

Qualquer tarefa a ser realizada requer um esforço intelectual na conceção das ideias iniciais que vem da imaginação. Entretanto, essa imaginação não nasce do nada. Devemos, sempre, procurar aprender com o que já está feito e, estes devem servir de referência. Portanto, antes de começarmos a projetar, devemos recolher toda as informações possíveis, estudá-las e ver nas situações semelhantes à nossa, o que resultou bem e o que resultou menos bem na execução dos projetos.

As informações podem ser registadas no caderno destinado as nossas investigações, pois, elas serão de igual utilidade como os materiais e ferramentas a serem utilizados na materialização do projeto.

### 3 TRATAMENTO DOS DADOS

Estando na posse de toda a informação recolhida de diversas fontes, é necessário:

- Organizar a informação
- Proceder à sua análise
- Selecionar a que é adequada
- Elaborar uma base de dados, isto é, guardar as informações recolhidas e organizadas para um futuro trabalho.

### 4 ANTEPROJETO

Com todos os dados adquiridos anteriormente, vamos começar a ter as nossas ideias, que deverão sempre ser registadas e transformadas em desenhos, esboços, e funcionarão como a nossa memória. É também nesta fase que começamos a pensar sobre os materiais, nas técnicas e nos instrumentos necessários à execução do trabalho. Todos estes dados devem, também, ser registados. Pode, ainda, haver a necessidade de fazer experiências, testar materiais ou construir maquetas, para melhor nos apercebermos de como tudo irá funcionar.



## 5 TOMADA DE DECISÃO

Antes de iniciarmos o projeto, devemos ser capazes de fazer as nossas opções, as nossas escolhas, deixando de ter várias hipóteses para termos uma única solução. É uma fase de ponderação, tendo em conta diversos fatores:

- A relação forma/função
- Os materiais disponíveis
- Os custos
- A nossa satisfação pessoal

## 6 PROJETO

Feitas as escolhas e tomadas as decisões mais acertadas, segue-se o momento de aplicação dos conhecimentos técnicos e científicos.

Procedemos a representação da solução escolhida, usando os meios de representação necessários à compreensão do trabalho. Passamos aos desenhos mais rigorosos, que traduzem exatamente a solução encontrada. Estes desenhos constituem o projeto. Frequentemente, a natureza do trabalho exige que esteja definido, ao mais pequeno pormenor, quer em termos da forma, materiais ou dimensões. As medidas ou cotas são assim registadas nos desenhos técnicos, razão pela qual estes se denominam desenhos cotados.

## 7 REALIZAÇÃO/MODELO

É a fase da execução do trabalho. Terminado o projeto, passamos finalmente a concretização da obra, a sua construção.

Se a peça que estruturamos se destinar à produção industrial, a este primeiro modelo obtido damos o nome de protótipo, que servirá para um último teste antes da produção em série. Depois de feito, podemos fazer ainda, os ajustes e melhoramentos.

## 8 AVALIAÇÃO

Avalia-se o grau de sucessos do trabalho, testando as suas condições adequadas aos objetivos visados.

# PARTE 1 Consciência Ambiental



Oficina de Utopias, 2018

## O AMBIENTE

O termo ambiente é usado para designar um espaço com todos os seus componentes e as inter-relações que se desenvolvem entre eles. O meio ambiente é constituído por um conjunto de elementos, isto é, por cada um de nós e por tudo o que nos rodeia. Ou seja, as árvores, os jardins, as montras, os anúncios, a televisão, o cinema, a rádio, entre outros.

Deste modo, pode-se, então, dizer que há vários tipos de ambiente e as suas designações são resultantes de diferentes formas de intervenção humana. Neste momento, com o avanço da humanidade, o homem já chegou a quase todos os lugares do nosso planeta.



Jair Pinto, 2018

## AMBIENTE NATURAL

O meio natural é o que não foi alterado pelo homem. Sabendo que não é uma definição perentória, pode-se dizer que é constituído por todos os locais onde a intervenção humana menos se tem feito sentir. No entanto, é o homem que determina sobre as espécies vegetais de cada um desses meios.



Jair Pinto, 2018

## AMBIENTE RURAL

No ambiente rural, embora as formas naturais predominem, pode-se observar uma grande intervenção das populações e isso verifica-se na determinação do cultivo e principalmente na organização dos solos, de acordo com as suas necessidades.

Nos ambientes rurais é a população local que decide sobre a cultura de alimentos como legumes, frutas e plantas ornamentais.



Jair Pinto, 2017

## AMBIENTE URBANO

O ambiente urbano é constituído pelo meio físico e biológico e também pelo homem e as atividades que desenvolve. Ao falarmos do ambiente urbano, estamos a falar das cidades e vilas, onde se pode notar claramente a ação do homem e as suas interações com grande intensidade.

Nos locais de muita agitação humana, as formas dominantes são as artificiais: as casas, as ruas, as praças, as escolas, as fábricas, etc.

É devido a esta maior intervenção das pessoas no seu meio ambiente que, habitualmente, a poluição nas grandes cidades é mais intensa.



Jair Pinto, 2018

## POLUIÇÃO AMBIENTAL

A destruição da camada de ozono, o efeito estufa, a perda da biodiversidade e o crescimento populacional têm sido um grande problema ambiental que junta peritos mundiais para debates acesos em busca de soluções para essas perturbações globais, pois, afetam a vida de todos os seres do planeta.

A atividade industrial, principalmente, é responsável por uma grande parte desse problema que incide sobre o meio ambiente.

Isso deve-se a evolução do homem que ao longo da história, foi-se tornando cada vez mais “inteligente” e adquirindo o domínio da natureza. Nessa evolução não levou em conta as leis da natureza e de gestão ambiental, não administrou o exercício de atividades económicas e sociais de forma a utilizar, de maneira racional, os recursos naturais e isso levou ao início da destruição progressiva do seu próprio mundo. O desenvolvimento mundial, embora indispensável, causou danos irreparáveis ao meio ambiente.

O uso indevido de pesticidas altamente tóxicos e de alta persistência e a contaminação das águas coloca em grande risco as praias, os peixes e as culturas agrícolas. Alguns rios e ribeiras onde an-

tes corria água límpida, onde se pescava e nadava, foram transformados em vazadouros dos rejeitos industriais e domésticos e materiais assemelhados.

A má gestão do lixo, o derrame de grandes quantidades de petróleo nos acidentes com petroleiros e a falta de consciência ambiental fizeram com que a poluição alastrasse até ao mar e oceanos que, aliado ao excesso de pesca, vêm prejudicando a vida marinha, levando ao declínio das zonas pesqueiras.



Para além da poluição das águas, a extração de inertes para a construção civil, também causa problemas e prejuízos, porque é feita sem controlo.



## POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA

A atmosfera é o produto do equilíbrio dos seres vivos e fenómenos geoquímicos. As principais substâncias que contaminam o ar têm origem bastante variada e é também pela mão do Homem que se faz a poluição atmosférica.

O principal fator de poluição atmosférica é a utilização de combustíveis fósseis como fonte de energia, mas também dos gases provenientes das indústrias e das fontes de radiação nucleares. Apesar da poluição atmosférica ser mais evidente nos centros urbanos, por causa das indústrias e outras atividades humanas, no meio rural verifica-se também através da utilização de químicos agrícolas.

## POLUIÇÃO SONORA

A poluição sonora é um fator de perturbação do bem-estar da população. Esse fenómeno abrange aspetos físicos e químicos e na sociedade moderna as fontes sonoras são cada vez mais diversificadas. Nas grandes cidades este tipo de poluição atinge também, frequentemente, valores elevados, pois, o ouvido humano não deve ser sujeito a ruídos que ultrapassam determinados limites em decibéis (dB).



# POLUIÇÃO VISUAL

A poluição visual é uma quantidade excessiva de imagens visuais, em forma de anúncios, ou transmitidos na televisão e redes sociais, que entram constantemente nos nossos olhos mesmo que não queiramos.

Apesar de muitas pessoas contactarem diariamente com ela, o seu conceito ainda é muito pouco conhecido. É certo que este tipo de poluição é mais intenso nos grandes centros urbanos, devido à grande quantidade de anúncios, cartazes, letreiros e outros que servem para chamar atenção, mesmo que a pessoa esteja no seu percurso normal de viagem.

Além dos materiais de propaganda, o conceito de poluição visual estende-se a outras intervenções urbanas existentes, como: o graffiti, os cabos elétricos ou de telecomunicação e o lixo exposto aos olhos das pessoas.

Com o intuito de facilitar a nossa liberdade de escolha, segundo estudos feitos, nas grandes cidades consome-se, em média, cerca de mil anúncios visuais diários. Porém, esse “bombardeamento” visual tem um efeito contrário e em vez de facilitar a liberdade de escolha, poderá fazer com que as pessoas consumam coisas que não querem ou que não precisam.



Oficina de Utopias, 2018

## DEFESA AMBIENTAL

Em Cabo Verde, neste momento, deparamos com problemas ambientais comuns a todas as ilhas. Esses problemas, as vezes, são resultantes da gestão deficiente dos recursos naturais e das mudanças climáticas. Assistimos a degradação do meio ambiente que, muitas vezes, derivam de atividades económicas e da deficiente consciencialização da população.



Urge a necessidade de começarmos um trabalho sério de arrumação daquilo que foi desarrumado durante muito tempo. Devemos iniciar a limpeza dos mares com vista a proteção das espécies marinhas e a proteção das espécies vegetais. Devemos proteger as cidades, as vilas, as aldeias, para que sejam locais agradáveis e saudáveis onde cada homem encontra o seu espaço e tenha o seu lugar.



É a obrigação de todos zelar pela preservação do ambiente de modo a permitir que todos os seres vivam bem. Para tal, e para defendermos o nosso ambiente, é uma necessidade urgente encontrar um novo equilíbrio para o planeta, construindo um mundo em que seja possível vivermos com segurança. Estar em equilíbrio com a natureza é usar todas as coisas sem as destruímos. Tudo isto é possível, pois, temos instrumentos e conhecimentos necessários para realizar tal tarefa.



Sendo a escola um lugar de excelência para a consciencialização da população, ela pode realizar atividades de proteção ambiental e promover o desenvolvimento de atividades práticas que visam a mudança de comportamentos e atitudes dos alunos. A promoção dessas atividades devem extrapolar a sala de aula e conduzir o desenvolvimento dessa consciência na comunidade em que está inserida, juntamente com os parceiros da escola (população local, instituições públicas e privadas, ONGs e cooperativas).

É de ressaltar que essas atividades exigem uma boa coordenação e devem ser rigorosamente programadas para evitar perdas de tempo e sobreposição de atividades.

## COMUNIDADE

Comunidade significa juntos num bem comum, isto é, é um conjunto de seres de várias espécies distintas, que coexistem e interagem num local. A interação entre os indivíduos numa comunidade interfere nos processos populacionais e determinam a distribuição dos seus membros.

A comunidade é, também, o espaço onde as pessoas habitam e vivem e dela fazem parte as ruas, os jardins, os animais, o trabalho, a cultura, o lazer e a relação que existe entre esses elementos.

Nos primórdios da humanidade, não havia nenhuma presença da ação humana. Com a evolução, passando o homem de nómada a sedentário, fixando em sítios escolhidos por conveniências dos grupos, começaram a transformar as paisagens naturais, modelando-as de acordo com as suas necessidades e convicções.



## CIDADE

As características de uma cidade estão intimamente ligadas ao estilo de vida dos seus habitantes, pela sua urbanização e pela concentração das atividades económicas nos diversos setores.

Durante séculos, os povos viveram em pequenas comunidades, mais ou menos cercados pelo seu ambiente primitivo. O nascimento das cidades deu-se com a passagem do homem de recoletor a produtor, surgindo assim os grandes núcleos urbanos. O aparecimento da máquina a vapor e a utilização de combustíveis provocou um grande desenvolvimento técnico nos instrumentos de trabalho, aumentando assim a produtividade, a oferta de postos de trabalho e provocando a deslocação maciça dos habitantes das zonas rurais, para formarem as cidades.

Essa deslocação descontrolada fez com que a harmonia da natureza fosse, muitas vezes, substituída por construções de espaços mal ordenados e mal estruturados, provocando desconforto nos cidadãos que habitavam nas cidades.

Hoje, em pleno século XXI, mais da metade da população mundial vive nas cidades. Assistimos a uma acentuação do desequilíbrio num ritmo aceleradíssimo, muitas vezes com altos prejuízos para o património.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

Património cultural é o conjunto de saberes, de fazeres, de expressões, de práticas e de todas as obras que, resistindo ao tempo, chegaram até nós, vindas de gerações anteriores e remetem a histórias, a memórias e a identidade de um povo.

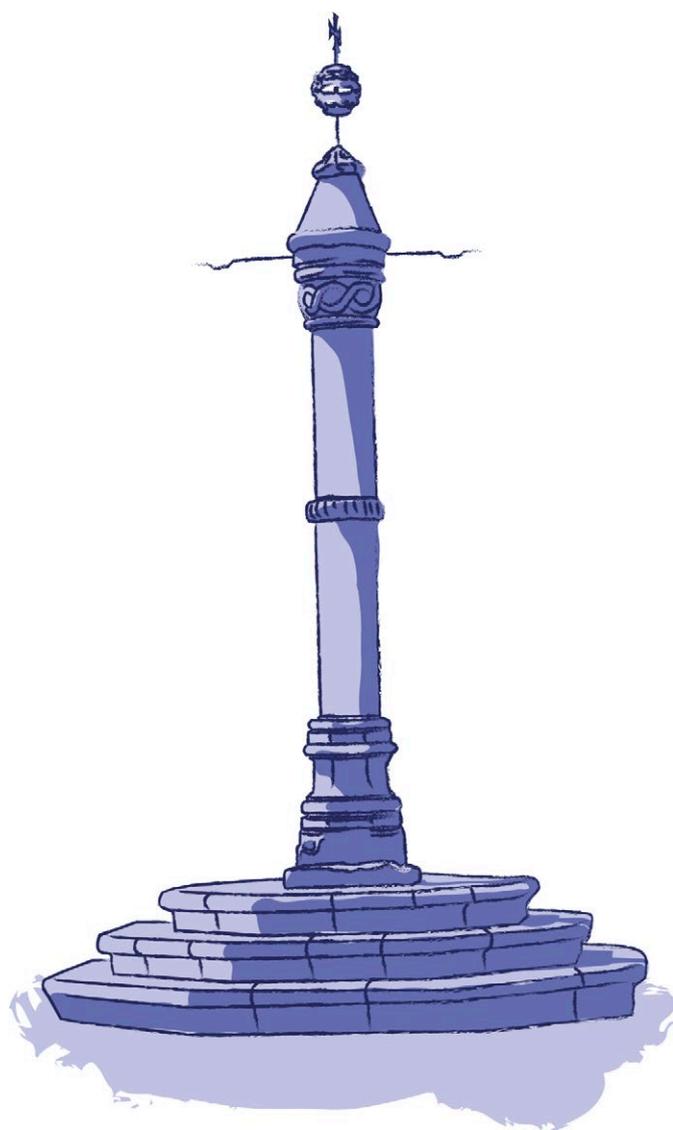
É no património que encontramos a nossa origem, a nossa história evolutiva e a nossa cultura. Património é aquilo que identifica, que marca um povo e que o diferencia dos outros povos.

Uma geração tem a missão de transmitir à seguinte, nas melhores condições, o legado que recebeu das gerações anteriores.



O que vemos hoje, é o património arquitetónico dos centros urbanos ameaçado, a banalização das memórias populares, pondo em risco a identidade das cidades e dos povos.

Cabe ao professor a tarefa de ser ponderado, sensível, ter uma cultura visual, um espírito crítico e cívico, ter sentido de comunidade e de pertença, iniciativa e espírito de sacrifício para melhor poder refletir e encontrar as melhores soluções para ajudar na preservação do património cultural.



## PARTE 2 Comunicação Visual

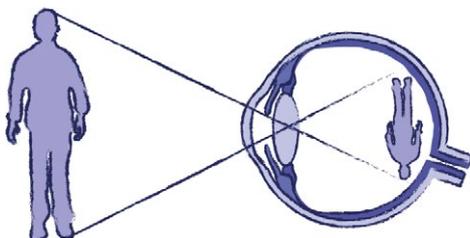


Oficina de Utopias, 2015

### PERCEÇÃO VISUAL

Quando falamos de percepção, estamos naturalmente a referir sobre a relação que estabelecemos com o meio envolvente e a forma como captamos as coisas do nosso mundo, seja pela nossa visão, audição, olfato, paladar ou pelo tato. Através dos órgãos dos sentidos, retiramos do meio físico e social várias informações e atribuímos significados diversos a cada coisa à nossa volta.

Na comunicação visual, a nossa visão deverá funcionar para além de um simples olhar, pois “ver não é só olhar”, é observar com atenção uma mensagem visual com a intenção de perceber aquilo que os nossos olhos veem.



Ao longo da vida, vemos e percebemos as coisas à nossa volta, de acordo com aquilo que sentimos, as nossas experiências e conhecimentos adquiridos em casa, na nossa comunidade, nas redes sociais, na escola, etc.

Na expressão plástica, as atividades e estratégias de ensino e aprendizagem possuem a função de desenvolver no (a) aluno (a) capacidades de observação e interpretação para compreender o mundo das imagens e aprender a comunicar expressivamente aquilo que sabe e sente, através dos vários meios e técnicas de expressão e comunicação, contemplados no 5.º e 6.º anos.



## MEIOS DE COMUNICAÇÃO VISUAL

Na linguagem musical utiliza-se os sons; na linguagem dramática, o corpo e o movimento; na linguagem plástica ou visual utiliza-se as formas visuais, as cores, as letras, e vários outros elementos gráficos ou pictóricos (o cartaz, a banda desenhada, o desdobrável, o postal e jornal de parede) que serão explorados e aplicados através do estudo dos meios de comunicação visual propostos para este nível de ensino.

## O CARTAZ

O cartaz é feito para transmitir uma informação, seja ela de caráter didático, publicitário ou de propaganda política. O seu objetivo é influenciar as pessoas. Para tal, tem de ser apelativo, atraente, eficaz e deve, de uma forma muito agradável, chamar atenção para que as pessoas o vejam ou leiam.

Na confeção de um cartaz, a qualidade estética é fundamental para o melhoramento do ambiente visual.

Muitas vezes, nas aulas de diversas disciplinas, é necessário a elaboração de cartazes para a comunicação. Como uma das formas mais usadas para a transmissão visual de mensagens, exige um estudo rigoroso.

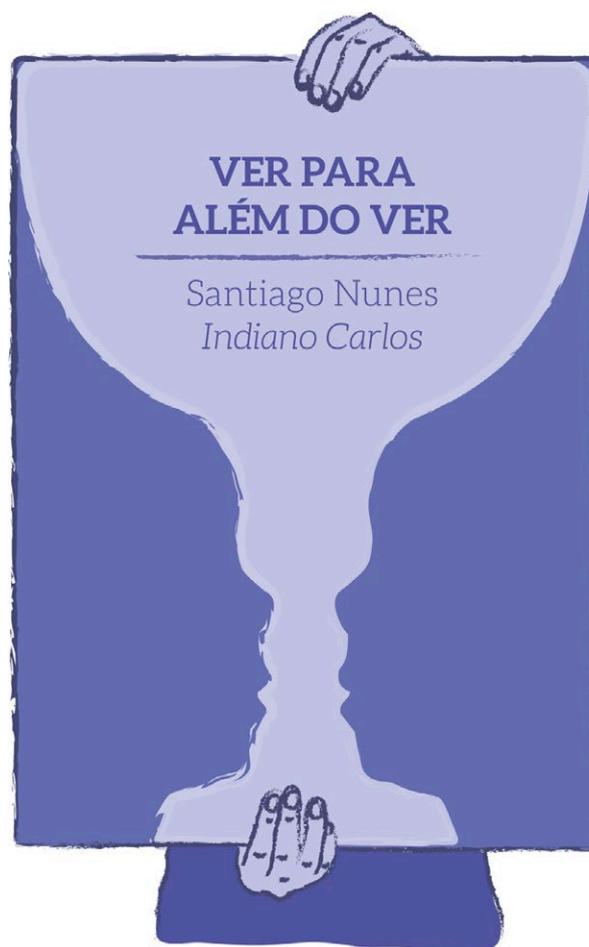
Habitualmente, o cartaz contém palavras e letras que se conjugam de forma adequada e na sua composição inclui imagens e textos. As frases devem ser curtas, de forma a condensarem a informação.

Na sua conceção, as letras devem facilitar a leitura, tanto pela forma, como pela cor e tipologia. O tamanho e formato de um cartaz depende do afastamento que deve ter do observador.

## FUNÇÕES DE UM CARTAZ

Numa comunidade as pessoas precisam de se comunicar constantemente, utilizando diversos meios de apelo a participação social. Nessa comunicação comunitária, o cartaz é um dos mais utilizados nas diferentes necessidades sociais.

Um cartaz pode ter várias funções. Destacamos algumas, que estão divididas em funções sociais e comunicacionais.



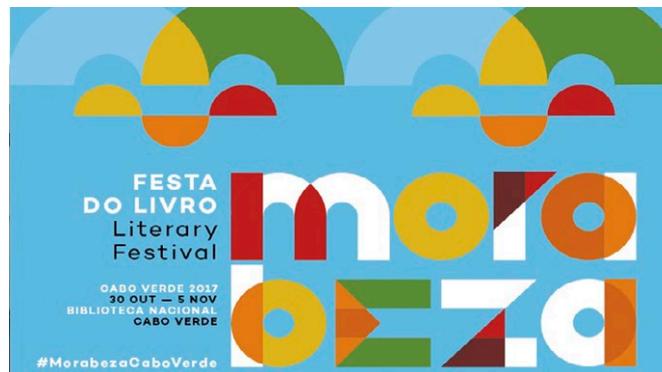
## Função social

É quando o cartaz que promove campanhas, quer sejam humanitárias ou informativas, denuncia questões que afetam a vida das pessoas, como por exemplo: campanha para a dádiva de sangue, contra a droga, tabaco, poluição, entre outros.

Num cartaz com a função social, pode-se observar diferentes subfunções: didáticas, culturais, informativas sobre diversos acontecimentos, políticas ou de propaganda e publicidades.

## Funções comunicacionais

Como um forte meio de comunicação, o cartaz terá uma função diferente, conforme a mensagem a comunicar. Neste sentido, as funções comunicacionais mais frequentes nos cartazes são: a função informativa, a função didática e a função persuasiva.



## Função informativa

Na função informativa, o cartaz informa sobre a existência de serviços, a realização de eventos, espetáculos, etc., tornando-a assim, a mais importante das funções dos cartazes.

## Função didática

Os cartazes com essa função são usados para um objetivo pedagógico. Nessa tipologia, podem incluir-se os cartazes com mapas das cidades; com indicações técnicas, que ensinam como montar um produto; com mapas dos alimentos; atlas geográficos e outros.



## Função persuasiva

Na função persuasiva, a finalidade é a conquista do público a quem se destina o cartaz, tendo como finalidade apelar, motivar, propagandear e fascinar.



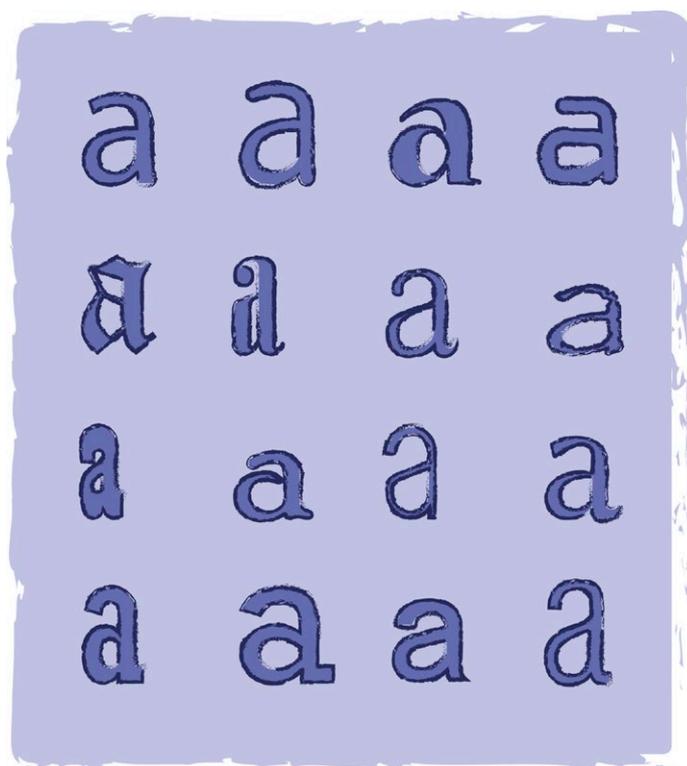
As letras têm as suas características próprias, e essas devem ser respeitadas, tendo em vista a harmonia do texto: a fonte, o tamanho, a cor, a altura, a largura, o espaço entre letras e palavras são também aspetos que devem ser levados em conta.

## A LETRA

Num cartaz, principalmente os elaborados no âmbito escolar, as letras podem ser manuscritas ou de imprensa.

A sua legibilidade não depende só do tamanho, mas principalmente do tamanho e da cor da letra e o contraste que faz com o fundo para proporcionar uma melhor leitura ao observador.

Deste modo, é consensual a letra fazer parte do desenho do cartaz, pois não é apenas um complemento e, por isso, deve merecer todo o cuidado. Mesmo havendo cartazes sem imagens, só com o texto, a sua estruturação deve proceder como um todo, relacionando a sua forma, com o texto e a imagem.



## ETAPAS PARA EXECUÇÃO DE UM CARTAZ

Na elaboração de um cartaz, há sempre algumas inquietações que seguem e, para dar resposta a isso, deve-se ter em conta alguns pontos indispensáveis a essa elaboração:

### 1 – A necessidade

- Qual é a entidade que o edita?

### 2 – A função

- Uma função informativa?
- Uma função apelativa?
- Uma função didática: ensino?
- Outra?

### 3 – O Conteúdo

- Qual é o conteúdo da mensagem?

### 4 – O Público alvo

- A quem se destina a mensagem do cartaz?

### 5 – O Local

- Onde vai ser colocado o cartaz?
- No interior de um edifício?
- Nas ruas da cidade, da vila ou da aldeia?

### 6 – O Texto

- Existe texto obrigatório a incluir no cartaz?

### 7 – O Tamanho

- Quais devem ser as suas dimensões?

### 8 – O Formato

- Qual deve ser o seu formato?

### 9 – A Quantidade

- Qual o número de cartazes a produzir?  
Um exemplo único, pequenas ou grandes séries?

### 10 – Pesquisa de informações

- É necessário realizar estudos prévios para a elaboração do cartaz?
- Quais as ideias, temas, imagens que

podem exprimir a mensagem a comunicar pelo cartaz?

- Qual o tipo de composição, como organizar os elementos plásticos e elementos do texto no campo visual do cartaz?
- Qual o sistema de cores a utilizar?

### 11 – As Técnicas

- Qual a técnica a adotar para a execução do cartaz? Guache, aguarela, colagens, fotomontagens, técnicas mistas?

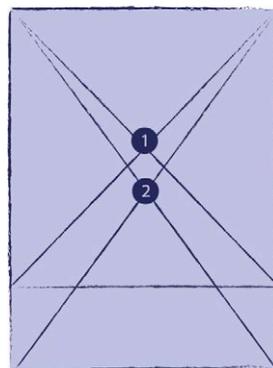
### 12 – Analisar as propostas e ideias a adotar

- Realizar a versão final do cartaz.

## ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE UM CARTAZ:

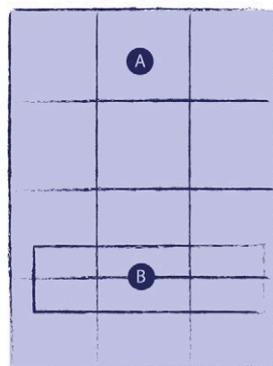
- **As cores devem ser contrastantes;**
- **As imagens devem ser sugestivas;**
- **As frases devem ser curtas e claras;**
- **O tipo e a cor da letra devem ser adequados.**

## EXECUÇÃO TÉCNICA DE UM CARTAZ



**1** Centro ótico - zona do cartaz que melhor capta a atenção visual das pessoas.

**2** Centro físico - centro geométrico do cartaz.



**A** - zona virtual mais importante do cartaz.

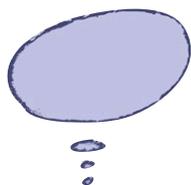
**B** - zona indicada para o texto, embora possa ser colocado noutra local do cartaz.

## A BANDA DESENHADA

Através da sua afirmação pela imagem, a banda desenhada é uma forma de contar histórias, usando a imagem em abundância e complementando-a com a palavra, criando assim uma sequência de imagens que é a característica mais importante.

A banda desenhada ou também chamada história de quadrado, é uma sucessão de imagens que contam uma história. Em Cabo Verde, as crianças têm memórias das bandas desenhadas que traziam as histórias mais tradicionais como *Ti Lobo*, *Ti ganga*, *Chibinho* e também do *Blimundo*.

A narrativa desenvolve-se em planos que exprimem uma duração muito curta e tem um ritmo próprio. O texto aparece condensado por baixo da imagem, em legendas ou dentro de balões que saem da boca dos personagens. Os sons são representados por repetição de letras ou por onomatopeias (palavras imitativas ou fonemas) que procuram reproduzir ruídos da natureza, vozes dos animais, sons de instrumentos musicais, etc. Ao lado dos balões aparecem várias vezes uma metáfora visualizada. Por exemplo o personagem tem uma ideia luminosa e aparece um balão com uma lâmpada acesa. Exemplo de balões:



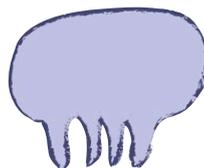
Pensamento



Irritação ou gritos



Fala normal



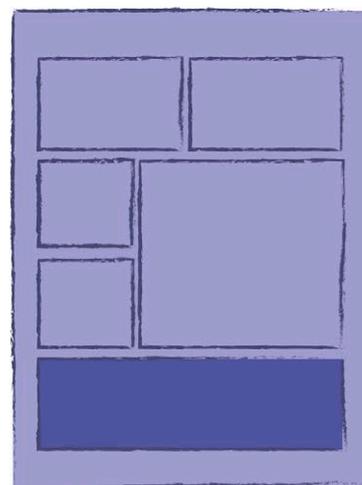
Fala coletiva

O desenho é sempre simplificado e reduzido ao traço mínimo; por vezes é cheio de pormenores. As figuras humanas são caricaturadas ou realistas.

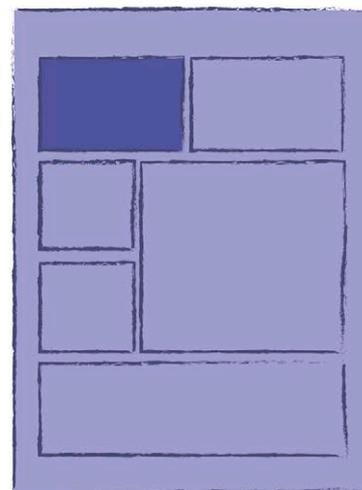
Prancha



Tira



Vinheta



A banda desenhada tem uma linguagem própria. Utiliza expressões características da sua comunicação peculiar. Por exemplo, uma página chama-se “uma prancha” que, muitas vezes, é dividida em partes na horizontal, dando origem às “tiras” e os quadrados com os bonecos, chamam-se “vinhetas”.

No seu código de comunicação, a cor é usada para exprimir sentimentos de raiva, de alegria, para criar um ambiente físico (noite, madrugada, manhã), o ambiente psicológico (o terror, as expectativas). Serve também para distinguir os planos, destacar as figuras do fundo e dar a noção de tridimensionalidade.

Não obstante a particularidade da Banda Desenhada e como tem muitas afinidades com o cinema, utiliza tomadas de vista iguais às utilizadas no cinema. Assim, o picado mostra o personagem visto do alto, o contrapicado, vista de baixo e tantos outros. Os planos de visão são: o plano geral de conjunto, em que entram todos os personagens; o plano médio em que as pessoas aparecem de corpo inteiro; o plano americano em que as figuras aparecem “cortadas pelas pernas”; o primeiro plano, só com a cara; o grande plano, com a cabeça e os ombros e, o plano de pormenor, como o nome indica, mostrando pormenores.

*Plano geral*



*Plano médio*



*Plano americano*



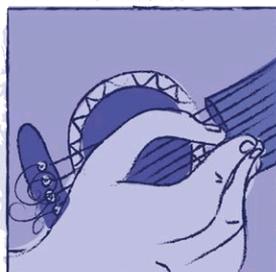
*Primeiro plano*



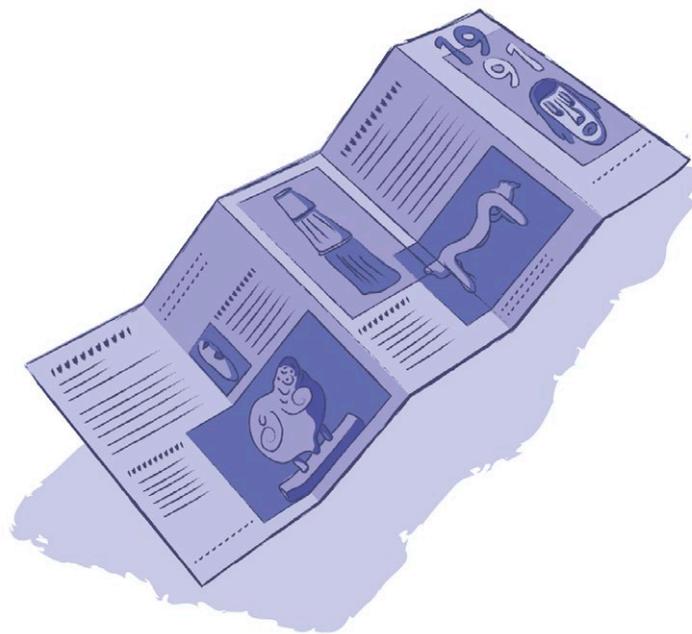
*Grande plano*



*Pormenor*



## O DESDOBRÁVEL



O desdobrável consiste num folheto informativo duplicado que se distribui ao público, dobrando de tal forma que se pode ler tanto fechado como desdobrado. Pode ser apresentado em qualquer formato e dobrado de várias maneiras, de acordo com a criatividade do autor ou a importância do conteúdo.

É um meio de se comunicar de forma objetiva e explicativa e de divulgar ideias, produtos, projetos, ideologias e outros. O suporte é dobrado e utiliza imagens, dando destaques às ideias mais importantes com quadros ou fontes maiores (maiúsculas, coloridas ou de diferentes formatos). Seu propósito é comunicar rapidamente a informação sem cansar os leitores.

## COMO FAZER UM DESDOBRÁVEL

Dependendo do tamanho do papel, é possível fazer um grande número de desdobráveis.

1º Corta-se o papel, fazendo com que as dobras obedeam a sequência dos argumentos;

2º Faz-se a capa que normalmente apresenta uma imagem muito agradável e o slogan que devem despertar a curiosidade para a abertura do mesmo;

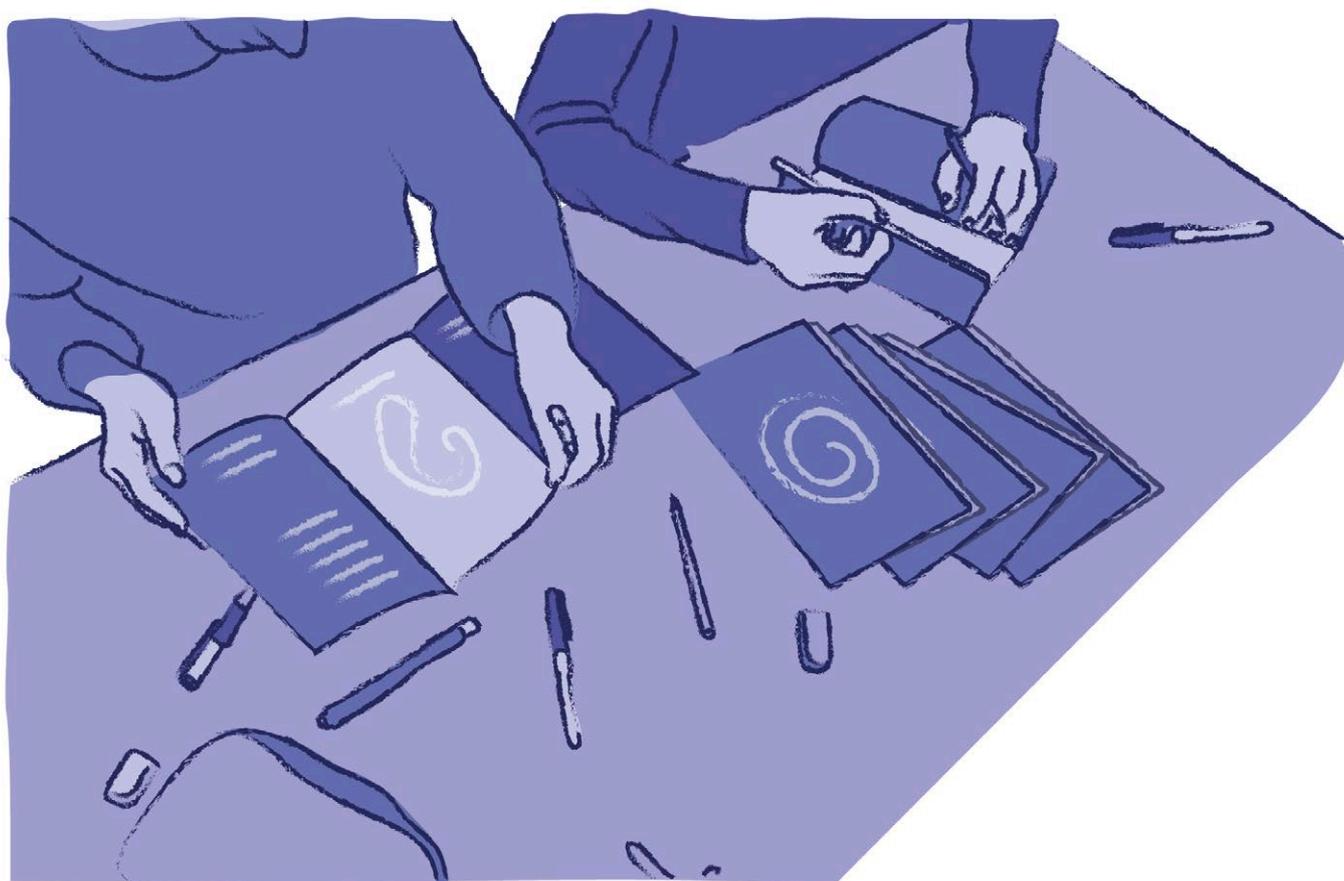
3º A primeira folha deve conter detalhadamente aquilo que foi anunciado na capa;

4º Em cada divisão interna, deve-se trabalhar o assunto e a mensagem deve ficar concluída ainda nesta parte interna;

5º A última dobra externa deve ser reservada aos dados como: logo, endereço, email, telefone, representantes, mapas de localização e outras informações.

### Nota

*Dada a sua forma de distribuição e o objetivo de atingir um alto número de leitores, a criatividade é o elemento essencial para a criação do desdobrável. Só assim ele pode tornar-se num meio de comunicação atrativo para o público a que se destina. Sendo uma ferramenta poderosa na comunicação e parecendo ser de simples criação, deve ser capaz de ter informações sintetizadas de forma original e que cative o leitor.*



## JORNAL DE PAREDE

O jornal de parede é uma tradição iniciada nas primeiras décadas do séc. XX, dentro do movimento da escola nova ou escola ativa. Foi o pedagogo francês *Célestin Freinet* (1896-1966) que inseriu o jornal de parede dentro de uma proposta fundamentada na ideia de aproximar a escola à vida e aos interesses dos alunos.

Os seus objetivos devem estar assentes em:

- Promover e divulgar informações relevantes (para toda a comunidade escolar).
- Divulgar os trabalhos feitos (pela comunidade escolar).
- Fomentar a produção de textos escritos e desenvolver a criatividade, o espírito crítico e a inovação.

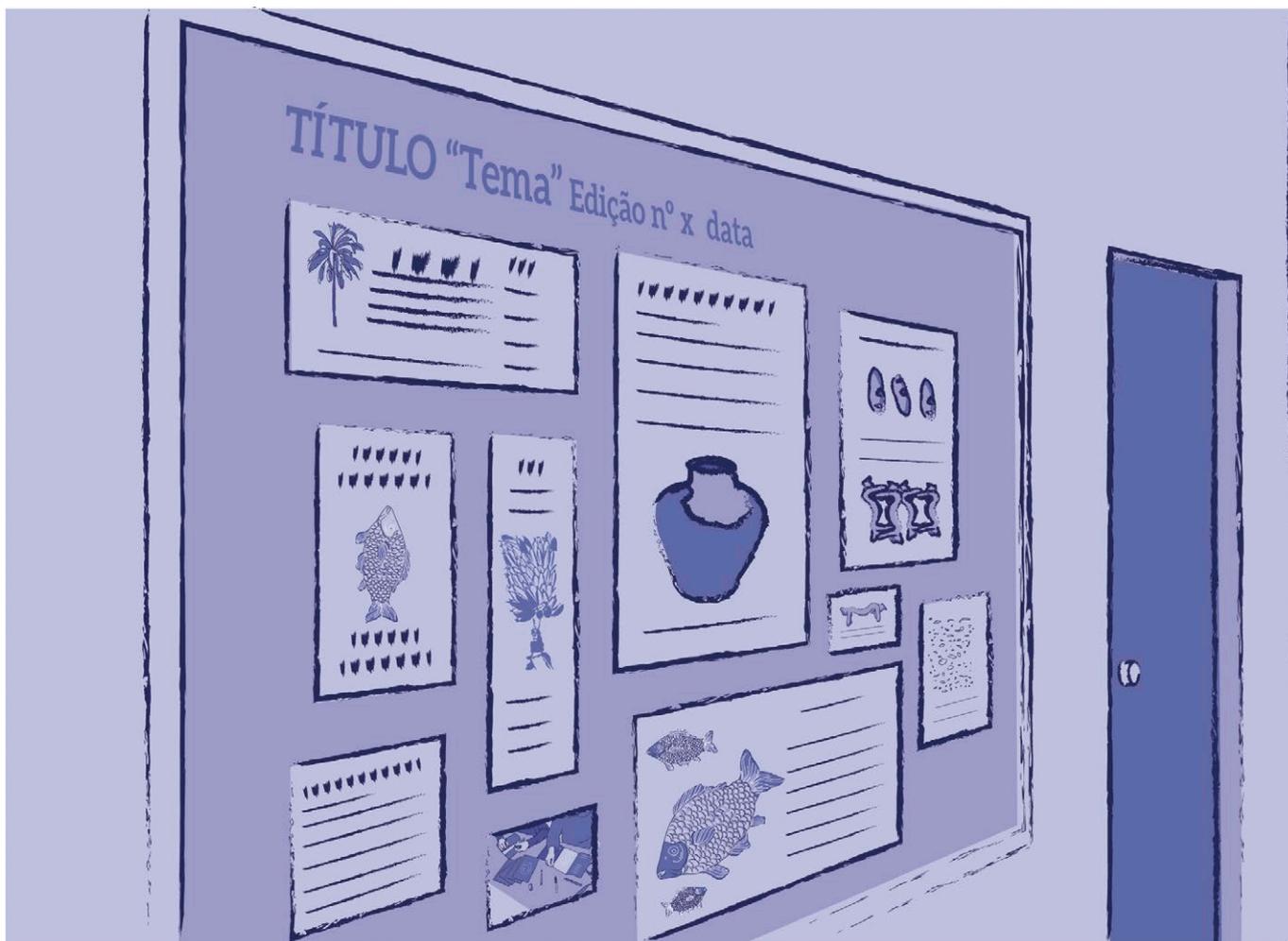
- Contribuir para uma maior interdisciplinaridade e multiculturalismo na escola.

- Proporcionar momentos de leitura e de reflexão.

- Despertar a atenção da comunidade escolar para os diferentes circuitos de comunicação existentes dentro e fora da escola.

O jornal de parede é um instrumento pedagógico que serve para comunicar 4 tipos de assuntos:

- a. **Críticas**
- b. **Propostas**
- c. **Curiosidades**
- d. **Felicitações**



## CONSTRUÇÃO DO JORNAL

- Ele pode ser feito, de acordo com a preferência, em tecido ou em papel.

- Deve-se decidir sobre o nome, a periodicidade (semanal, mensal, quinzenal, trimestral, etc.), o número, tamanho e as secções editoriais.

- Tema
- Editorial
- Notícias
- Curiosidades
- Humor

- É preciso definir um local para expor o jornal – parede.

- Sabendo que é preciso tempo hábil para elaborar um jornal de qualidade, deve-se distribuir tarefas, produzir textos e ilustrações.

### Nota

*Os textos não devem ser muito extensos, as letras não devem ser pequenas e a mancha gráfica deve ser agradável, pois o jornal é para ser lido de pé.*

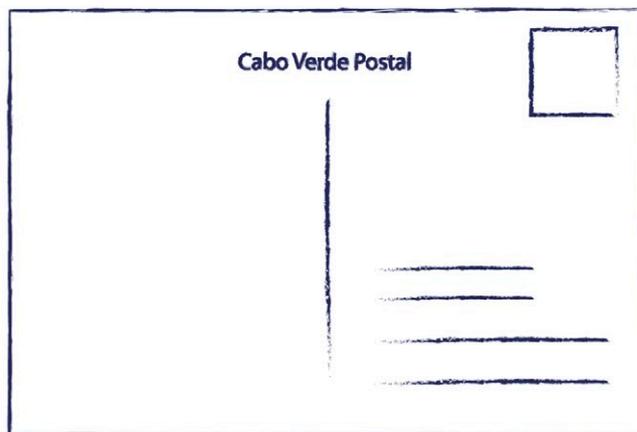
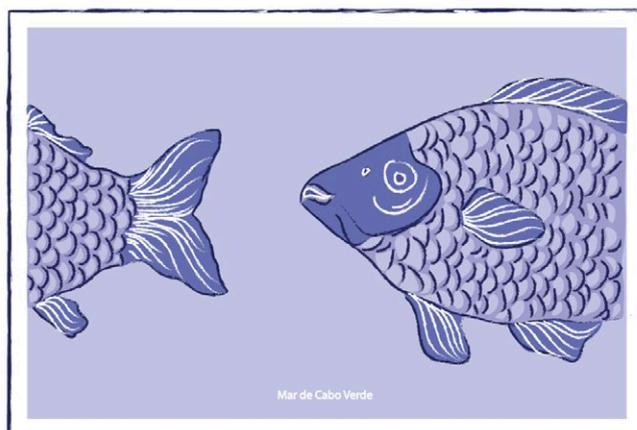
## O POSTAL

Muitas vezes, o postal faz-nos lembrar as datas comemorativas mais tradicionais (Natal, casamentos, batizados, etc.). Estando certo que serve para marcar um momento histórico e enviá-lo a uma pessoa que lhe é querida. E ele é um dos diversos géneros textuais usados no cotidiano com diferentes finalidades.

Usando a imagem, que pode ser fotográfica ou desenhada e curtíssimas mensagens inerentes à imagem, há sempre espaço para o remetente escrever uma mensagem que depois será enviada como o cartão, o bilhete, o convite, o telegrama, a carta ou o email.

Pode ser feito a partir de um pequeno retângulo de papelão fino, com a intenção de circular pelo correio, sem envelope, tendo uma das faces destinada ao endereço do destinatário, postagem do selo, mensagem do remetente e, na outra, alguma figura.

Antigamente os postais eram muito personalizados e os primeiros cartões-postais emitidos eram de monopólio oficial e já vinham selados. A sua evolução fez com que passasse a autorizar as indústrias para a sua impressão e circulação pelos correios.



## FINALIDADES

O postal possui a finalidade de escrever uma mensagem com imagens para enviar a um familiar, a um amigo ou a uma pessoa querida. Também pode ser usado para fazer convites.

## TIPOS DE POSTAL

**Cartão** – utilizado para enviar saudações a familiares e amigos.

**E-card** – pode ser utilizado por empresas para enviar saudações aos seus clientes.

**Cartão do curso** – é disponível em diferentes pontos turísticos, em todo o mundo, para marcar as passagens nas viagens turísticas.

**Ver cartões** – são destinados a colecionadores e podem conter imagens de lugares históricos, paisagens e pessoas.

**Postal de publicidade** – ajuda as empresas a promover os seus eventos.

## COMO FAZER UM POSTAL

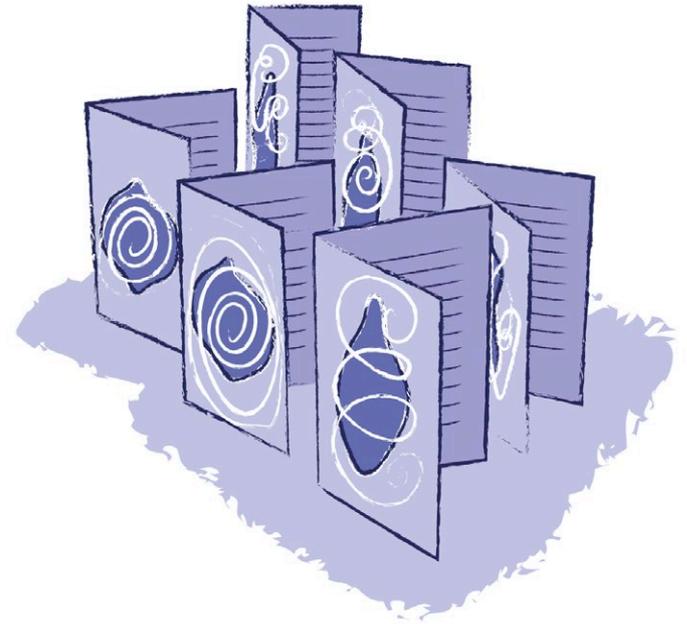
Um postal tem um valor sentimental inestimado, por isso, se for construído pelas mãos da pessoa que o envia, ganha mais valor, através da criatividade e da carga identitária da construção personalizada.

Como construir:

- 1º Usar um papel resistente para garantir que o postal não seja destruído no percurso até chegar ao destinatário;
- 2º Cortar o papel nas dimensões corretas;
- 3º Criar uma linha vertical, dividindo o cartão ao meio pelas costas;
- 4º No rosto do postal, fazer uma composição através de uma técnica aprendida (desenho, pintura ou colagem), e no outro lado riscar as linhas do endereço.

### Nota

*Deve-se lembrar que o postal pode estar muito relacionado com a época ou algum acontecimento: Natal, Páscoa, nascimento, aniversário, casamento, batizado e outros.*



Há vários tipos de postais: animados (com músicas), bi e tridimensionais, desdobráveis e no caso do último, a forma de o abrir é sempre da direita para a esquerda.

## PARTE 3 Elementos da Gramática Visual



Oficina de Utopias, 2016

### FORMA

Se olharmos à nossa volta, vemos que tudo o que nos rodeia tem forma. Estamos sempre envolvidos por uma infinidade de formas que têm uma natureza muito variada.

As formas são captadas pelos nossos sentidos e os principais órgãos para a sua percepção são a visão, o tato e o olfato.

Existem formas naturais, que são aquelas que existem na natureza, como: uma árvore, um pássaro, uma fruta, e artificiais que são aquelas criadas pelo homem, como a casa, o carro os mobiliários, etc.

Para perceber uma forma sem muita dificuldade e distingui-la facilmente de uma outra forma, temos de recorrer a um conjunto de elementos. A esses elementos chamamos de **elementos visuais da forma** que são:

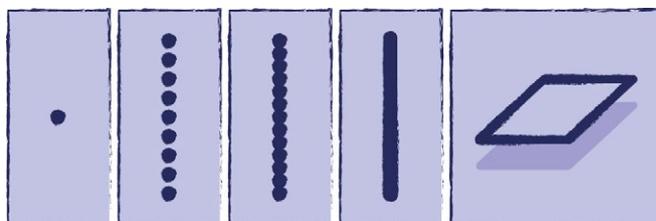
- A linha do contorno
- A cor
- A textura e a estrutura

Esses elementos servem para a caracterizar no seu espaço envolvente.



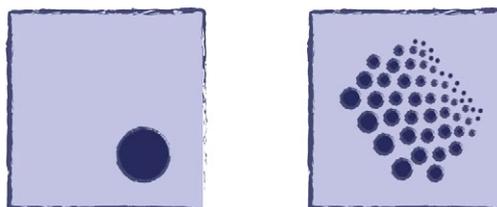
## O PONTO E A LINHA

O ponto é um elemento visual que serve para definir uma forma. Ele é também gerador da linha e do plano, podendo ter formas, cor ou dimensões diversas. Como forma geométrica, o ponto pode ser concebido como posição no espaço, como centro de uma encruzilhada ou como lugar de origem.



## AS DIMENSÕES DO PONTO

Na representação das formas concebidas através de pontos, essas podem apresentar diferentes qualidades expressivas, que derivam da sua dimensão, posição e organização no plano. A conjugação dessas características serve para modular a superfície da forma.

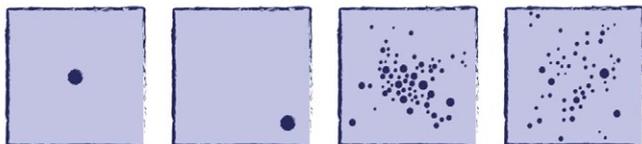


## A POSIÇÃO DO PONTO NO PLANO

Os pontos quando desenhados muito juntos, concentrados, ou quando estão muito dispersos, podem ser uma forma de exprimir, pelo desenho, a representação das formas.

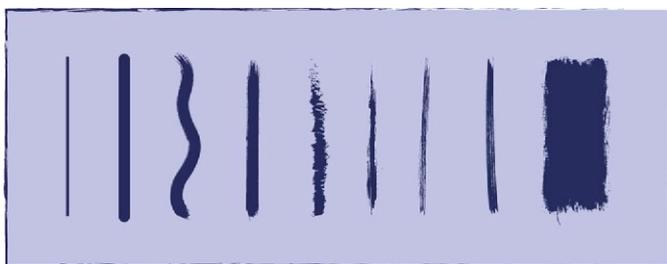
Relativamente à sua posição no plano, pode sugerir diferentes sensações: no centro geométrico do quadrado transmite sensações de equilíbrio ou estabilidade. Quando colocado num dos seus extremos, a sensação é de desequilíbrio, de instabilidade ou de fuga.

Diversas sensações como de estabilidade, instabilidade, de movimento e de tensão, podem ser criadas pela posição do ponto no plano, ou por fenómeno de concentração, dispersão ou dissolução de pontos.



## EXPRESSÕES DA LINHA

A linha é o traço deixado no papel por um ponto que se move e pode servir para definir a forma e o contorno. Mas pode também ter valor plástico em si mesma, adquirindo diferentes expressões, criando formas flexíveis, livres e espontâneas.

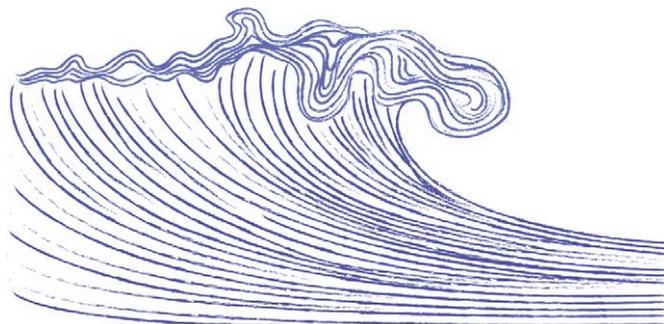


A linha ao movimentar-se cria um espaço e a sua expressão decorre não só no registo, (espessura, força e textura) mas também nos seus ritmos e movimentos e no modo como ocupa e organiza o espaço do campo visual.

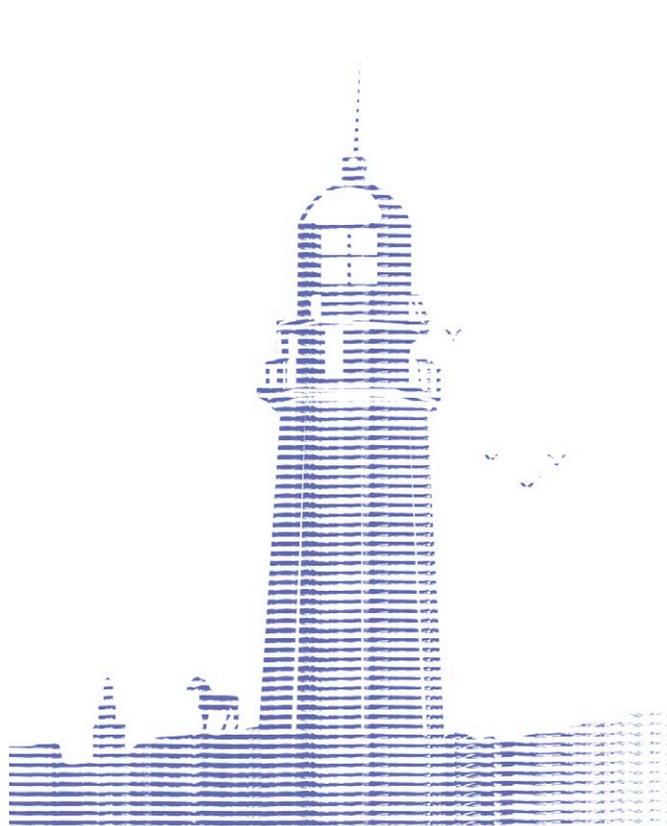
## EXPRESSÕES DA LINHA NO ESPAÇO

As linhas podem ser retas, curvas, quebradas, onduladas, etc.

As linhas retas transmitem força e estabilidade, as curvas transmitem dinamismo e as onduladas, por sua vez, entusiasmo e emoção.

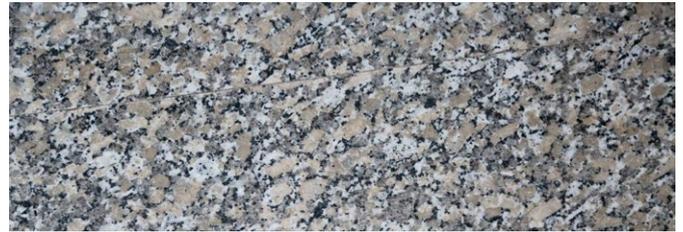


Quanto à sua organização no espaço, as linhas podem ser horizontais, verticais ou oblíquas. A linha horizontal transmite quietude, repouso, estabilidade. A linha vertical transmite dinamismo, espiritualidade, equilíbrio. A linha oblíqua sugere movimento. Assim, a percepção das várias linhas é diferente.



# TEXTURAS

A textura é a qualidade da superfície e da matéria e pode ser considerada como a pele dos objetos e ser percebida através dos órgãos de sentido como a visão e o tato. Para melhor percepção do mundo que nos envolve, é importante a textura dos objetos que vemos e sentimos. Ela está relacionada com os diferentes materiais e com a forma como esses são tratados.



## TEXTURAS VISUAIS

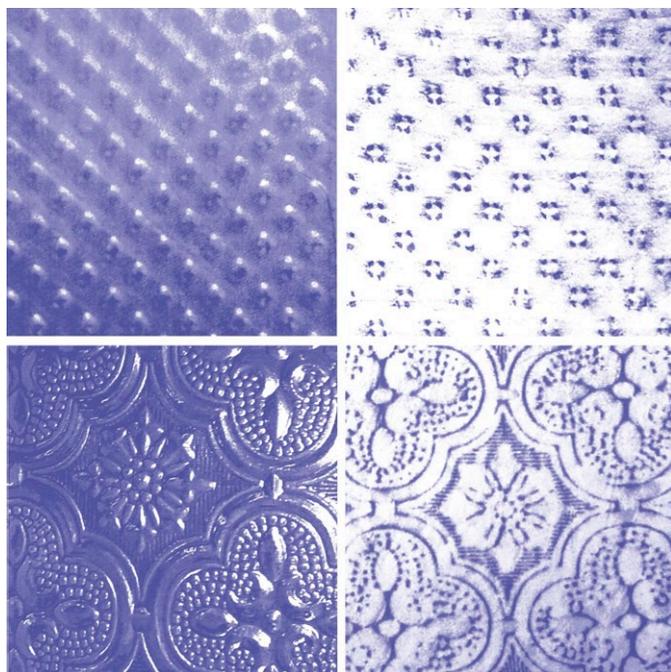
Há texturas que são apenas visuais, visto que não se formos apalpá-las, não conseguimos essa sensação tátil, como por exemplo: as fotografias, as folhas das revistas e dos jornais, dão a percepção de uma textura, mas, ela é apenas visual. No entanto, há também texturas que podem ser visuais e táteis.

Quando olhamos para um objeto, nós associamos a sua textura à percepção tátil que guardamos do conhecimento desta textura e passamos a caracterizá-la de lisa ou rugosa, áspera ou macia. Essa percepção visual é comunicada através das sensações ligadas diretamente a apresentação dos seus aspetos físicos. Por exemplo, texturas muito polidas e brilhantes podem dar-nos a sensação de uma superfície fria. Outros tipos de superfícies podem também transmitir-nos sensações de calor, de macieza ou de conforto.

## COMO FAZER TEXTURAS

Como trabalho escolar, podemos proceder à recolha e à produção de texturas visuais e táteis, naturais e artificiais, tanto para a construção de um mostuário, como para a sua utilização nos trabalhos escolares. Para isso procede-se do seguinte modo:

- Selecionar as superfícies de onde se pretende recolher as texturas;
- Colocar uma folha de papel sobre essa superfície e riscá-la até obter a impressão total da textura;
- Para as experiências, pode-se usar diferentes riscadores: lápis de grafite mole, lápis de cor, lápis de cera ou de pastel;
- Pode-se também utilizar mais do que uma cor para a realização das texturas. Depois de uma primeira impressão à uma cor, desloca-se levemente o papel e aplica-se uma nova cor;
- Outra recolha a ser feita é através de fotografias de textura (dos troncos e das árvores, da pele dos animais, das paredes dos edifícios, etc.);
- Na mesma linha, pode-se recolher alguns materiais naturais ou artificiais que tenham texturas e organizá-los em amostras.



**QUANTO AO ASPETO VISUAL  
PODEMOS AGRUPAR AS TEXTURAS EM:**

### **Texturas Naturais**

São aquelas que caracterizam o aspeto exterior das formas e coisas existentes na natureza (cascas de troncos de árvores, madeira, folhas, rochas, peles e outros revestimentos de animais).



### **Texturas Artificiais**

São aquelas que resultam da intervenção humana através da utilização de materiais e instrumentos devidamente manipulados. O Homem, desde sempre, tenta criar nas superfícies/objetos, texturas idênticas às criadas na natureza, logo elas são o reflexo do modo como expressamos o nosso entendimento do mundo que nos rodeia. Dependem da manipulação das matérias, das técnicas utilizadas e do modo como utilizamos as linguagens plásticas.



Por meio de elementos lineares, pontuais, de manchas, incisões, etc., podemos criar texturas com características ornamentais ou funcionais.

# ESTRUTURA



É o modo como as diferentes partes de um todo estão organizadas. Também se costuma dizer que a estrutura é o suporte da forma.

Exemplo: O esqueleto humano – a organização das partes (ossos) forma o todo (esqueleto), que por sua vez suporta o corpo humano.

O seu significado está ligado a organização de elementos que mantêm uma relação entre si. Pode-se estruturar um texto, uma ideia ou uma cidade. As estruturas dão resistência aos objetos construídos pelo homem, desde uma pequena ponte até um prédio de vários andares. Qualquer atividade humana exige uma estrutura.

Uma das características principais da estrutura visual é a sua capacidade de modelar um espaço, originando uma unidade formal. Se observarmos a estrutura organizadora de uma forma poderemos compreender como esta se desenvolve e funciona.



Um grande exemplo vem da natureza, mostrando que os troncos das árvores estruturam as suas formas. Encontramos alguns troncos baixos e ramificados que determinam formas diferentes das copas das árvores. Às vezes os aspetos próprios vêm da formação da sua própria estrutura.

## TIPOS DE ESTRUTURA

### Estruturas Naturais

São estruturas que existem na natureza. Exemplos: esqueletos (homem ou animais), o interior de um búzio, as asas de um pássaro, tronco e galhos das árvores, as nervuras de uma folha, etc



### Estruturas artificiais

São aquelas criadas pelo homem. Exemplos: uma escada, um gradeamento, uma ponte, uma torre, um edifício, um arranha-céu, etc.



## MÓDULO E PADRÃO

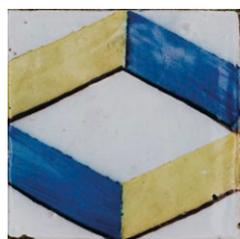
A Natureza é uma fábrica de módulos e padrões. Estes são naturais e servem ao homem como modelo para a produção da sua própria estrutura modular.

Construir módulos ajuda a racionalizar e a simplificar os processos de organização, de produção e de montagem. Com o mesmo módulo, pode-se construir padrões diferentes, em diferentes materiais.



A partir destes pressupostos vamos saber o que é o módulo, o padrão e para que servem.

### Módulo

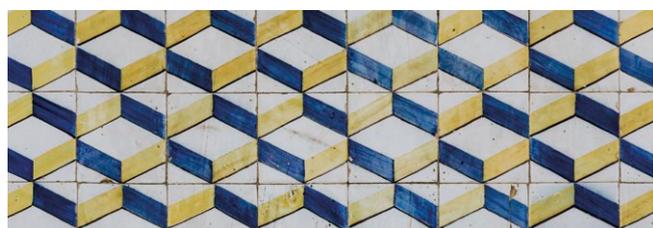


É a unidade que, repetida segundo determinada ordem, origina o padrão.

Assim, o módulo é um elemento, natural ou artificial, que pode ser repetido de várias maneiras, criando um ou vários padrões.

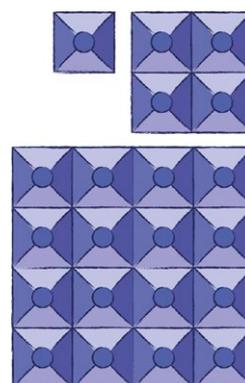
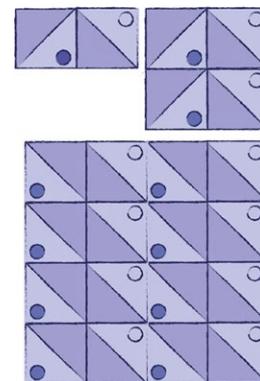
### Padrão

É o resultado da organização formal, segundo uma certa sequência.



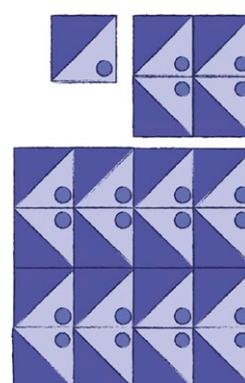
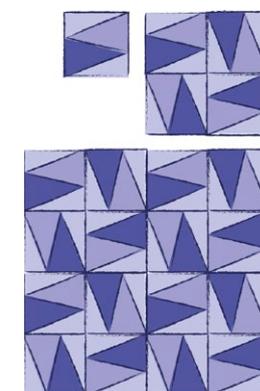
## Cinco formas básicas de obter um padrão:

**Alternância** - Padrão organizado, alternando módulos ou a cor do mesmo módulo.



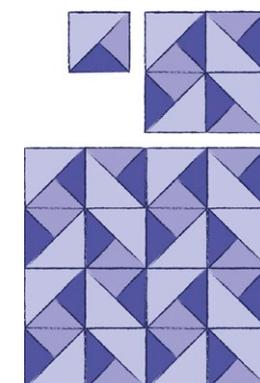
**Translação** - Padrão organizado segundo a repetição do módulo paralelamente a si próprio.

**Rotação** - Padrão organizado, repetindo o(s) módulo(s) através de um movimento giratório em torno de um eixo.



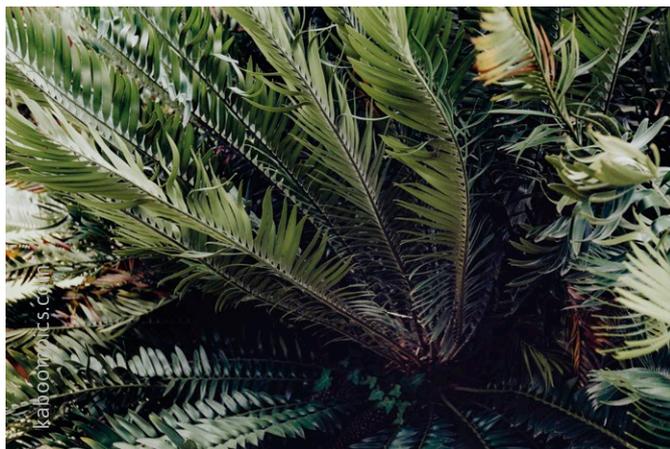
**Simetria** - Padrão organizado, repetindo as mesmas formas de um lado e do outro de um eixo imaginário.

**Assimetria** - Não existe possibilidade de estabelecer um eixo de simetria na composição.



## LUZ-COR

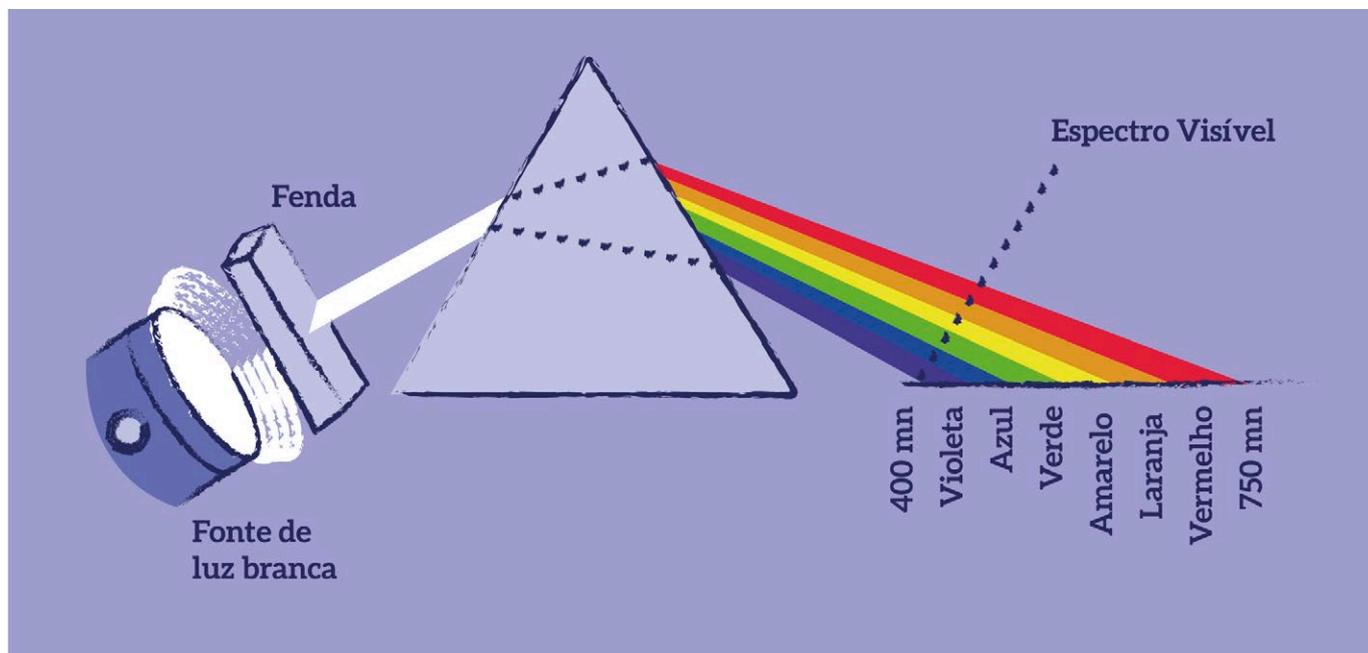
À medida que escurece, vamos perdendo a definição dos elementos da forma. A luz é a expressão da nossa vida. A sua preciosidade está ligada a “ideias luminosas”, “da discussão nasce a luz”, e outras utilizações ligadas ao esclarecimento das coisas.



O domínio do fogo fez com que o homem passasse a reverter a escuridão da noite, utilizando a luz do fogo como a lanterna para conseguir ver o abrigo e fazer outras tarefas. O desejo de obter a luz artificial foi sempre movido por uma necessidade de ordem utilitária, fazendo com que houvesse uma evolução crescente nesse domínio, através do fogo, do azeite, do gás até chegar à corrente elétrica.

Mas, quando falamos da luz, estamos também a falar da cor. A percepção da cor está diretamente ligada à luz. Se não existisse a luz seria impossível perceber a cor. À nossa volta tudo é colorido. As árvores, as casas, o céu, os barcos, os automóveis, as pessoas, tudo tem cor e cores diferentes, mas se fecharmos os olhos a cor desaparece. Podemos dizer que a luz e a cor são indissociáveis.

Na natureza existe uma variedade de cores cuja percepção vem de um fenómeno físico. Isaac Newton, no sec. XVIII, foi o primeiro a decompor a luz em partículas de cor por meio de um prisma de vidro. Podemos observar que, as vezes, quando chove, no céu em dias húmidos, mas com sol, vemos o arco-íris.



Na natureza existe uma variedade de cores cujo a percepção vem de um fenômeno físico. Isaac Newton, no sec. XVIII, foi o primeiro a decompor a luz em partículas de cor por meio de um prisma de vidro. Podemos observar que as vezes quando chove, no céu em dias húmidos, mas com sol, vemos o arco-íris que se forma pela decomposição da luz do sol, que é branca, ao passar numa nuvem carregada de gotas de água, fica refratada em todas as cores. As cores que aparecem no arco-íris são: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta.

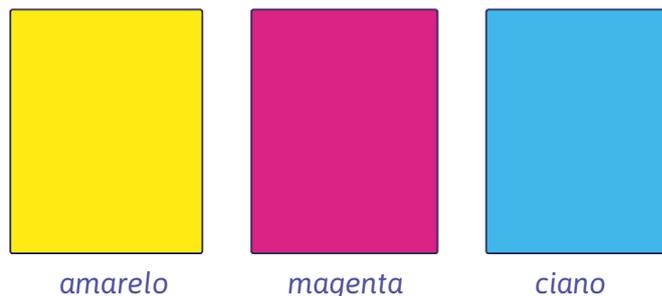
Para percebermos a cor dos objetos, temos que pensar nas partículas de cor que se comportam de forma diferente, de acordo com as suas composições que lhes permitem refletir mais ou menos luz que é absorvida e se transforma em calor. Assim, só percebemos que um objeto é de uma determinada cor, porque absorve todas as outras, menos a que é refletida para os nossos olhos. De igual modo, um corpo branco é aquele em que todas as cores são refletidas e um corpo preto é aquele que absorve todas as cores e não reflete nenhuma.



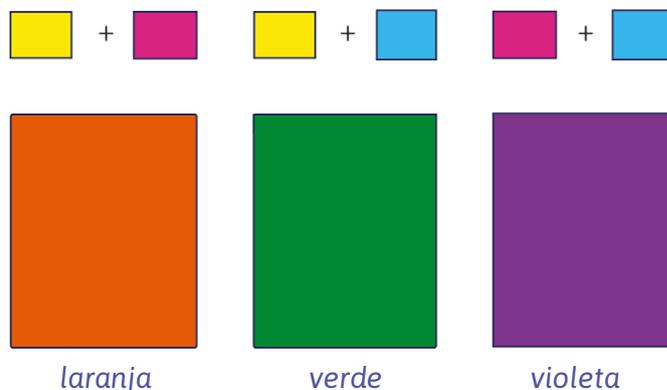
Se olharmos para os objetos expostos ao sol, vemos que a sua cor não está uniforme, ficando algumas zonas mais claras e outras mais escuras. No entanto, não há mudança de cor, há apenas variação da cor que chamamos de tons.

## MISTURA DE CORES

No estudo da decomposição da luz, observamos que há cores que se conseguem obter pela mistura de outras cores, e outras, que não se conseguem obter por misturas. Há três cores que apresentam no seu estado puro que chamamos de cores primárias, isto é, não se pode obtê-las a partir de mistura de outras cores. São elas: **Amarelo**, Vermelho **Magenta** e **Azul** ciano.



Ao contrário, as cores secundárias são cores que obtemos da mistura de duas cores primárias. São elas: **laranja**, **verde** e **violeta**.



## O CÍRCULO CROMÁTICO



## Características da cor

Ao pintar, utilizamos e misturamos as cores, quer usando o guache, a aguarela ou o óleo, num vidro, numa paleta ou no próprio suporte, papel ou tela, cartão e outros, devemos saber como obter as cores que pretendemos usar.

**A tonalidade** – Quando falamos de uma cor, estamos a referir ao seu nome preciso, amarelo, vermelho ou azul. No entanto, há uma infinidade de tons para cada cor: o verde-alface, o azul-ultramarino, o amarelo-ovo, o verde-azeitona, etc.



verde-alface



amarelo-ovo



azul-ultramarino



vermelho puro



15% branco



30% branco



vermelho puro

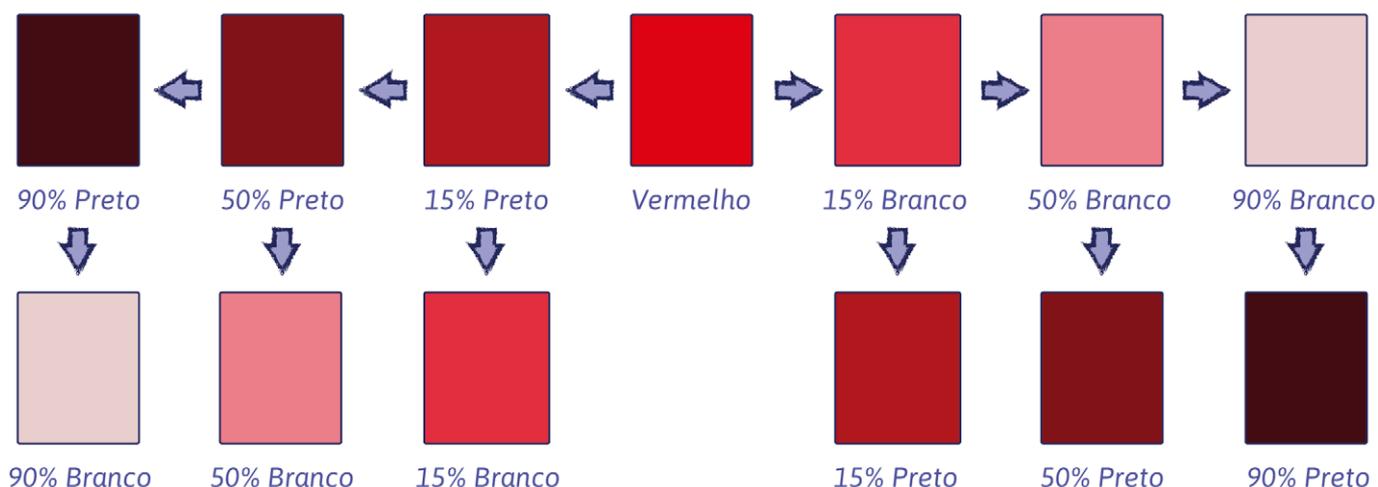


15% preto

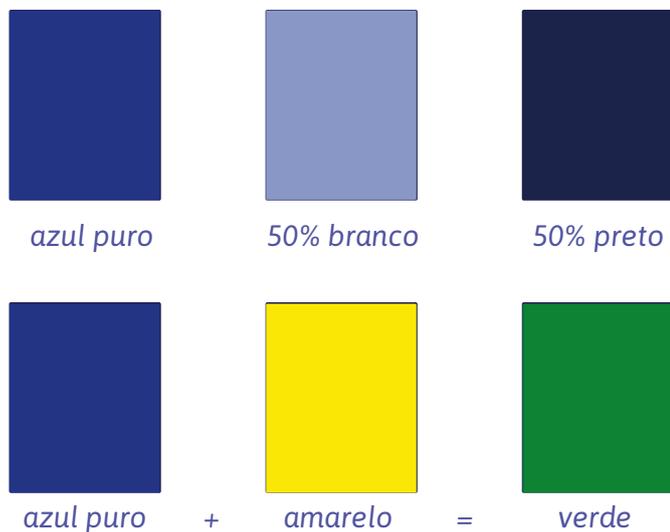


30% preto

**A luminosidade ou valor** – Quando acrescentamos mais branco ou mais preto a uma cor, obtém-se tons claros ou carregados. Podem comparar-se as cores assim misturadas a uma escada de gradação de cinzento para reconhecer o grau de luminosidade ou de obscuridade. Podemos ver que a cor vai ganhando ou perdendo luminosidade se acrescentarmos branco ou preto (respetivamente).



**A intensidade ou saturação** – Refere-se a pureza da cor, ao seu grau de pigmentação. Um azul puro parece-nos mais intenso, “mais azul” de que um outro misturado com o branco, com o preto ou com outra cor. Se, em vez de branco ou preto, acrescentarmos outra cor, por exemplo o amarelo, obteremos uma vasta gama de verde.



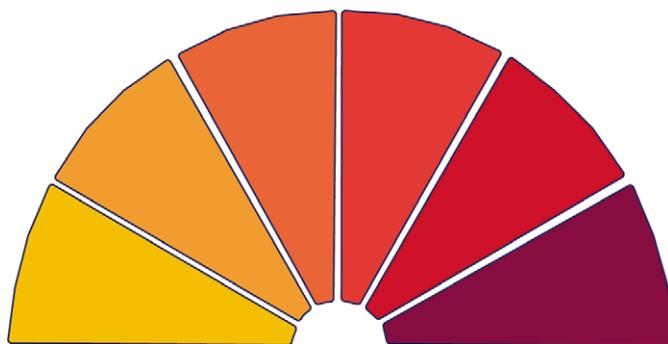
## CONTRASTE DE COR

Ao observarmos o círculo cromático, vemos a semelhança que existe entre as cores que se situam mais próximas. Ao contrário, as cores mais afastadas são completamente diversas provocando um forte contraste. Os contrastes de cores mais fortes são entre cores mais puras e luminosas, por exemplo, azul, vermelho e amarelo. A seguir, os contrastes mais intensos são devidos ao claro escuro, branco e preto.

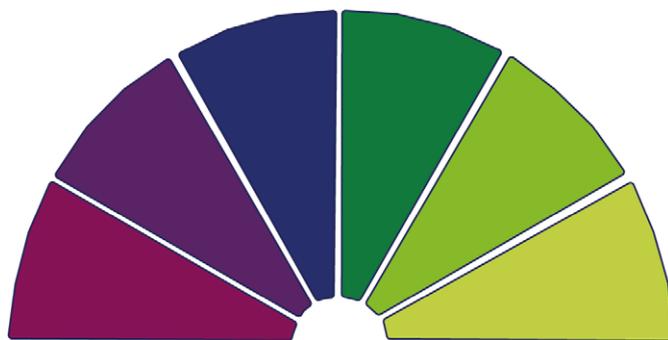
O contraste quente frio é baseado em sensações cromáticas subjetivas. Um maior contraste desta gama é entre o vermelho-alaranjado e o azul-esverdeado.

## COR SENSAÇÃO/ SENTIMENTO

As cores provocam reações diferentes nas pessoas - efeito psicológico. Podem também transmitir-nos sensações de calor ou de frio. Reagimos a diferentes sensações cromáticas de modo muito pessoal e diferenciado. Há certas cores, que por analogia com as sensações que lhes estão associadas, são consideradas cores quentes e cores frias.



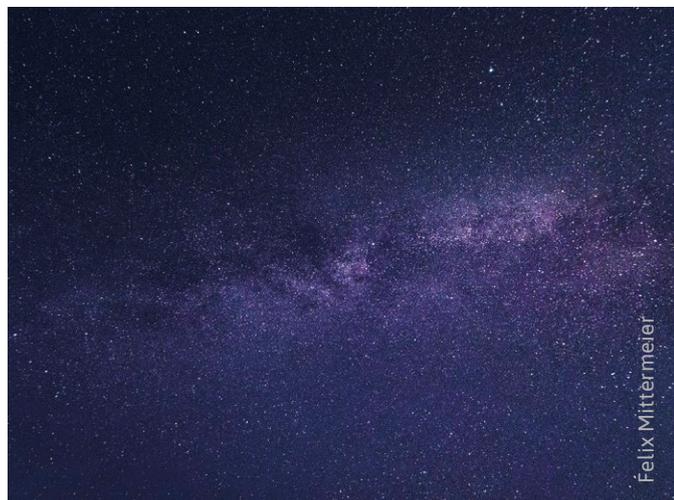
**Cores quentes** – Vermelho, amarelo e laranja, identificam-se com o fogo e a luz. Transmitem-nos sensações excitantes e de alegria.



**Cores frias** – Verde, azul e violeta, identificam-se com a água e a sombra. Transmite-nos sensações de frescura, repouso, melancolia e, por vezes, tristeza.

## ESPAÇO

Os seres vivos vivem sempre num espaço onde se relacionam. O termo espaço é utilizado na linguagem corrente e todos sabemos o seu significado. Falamos no espaço ocupado por objetos, no espaço cósmico, ou, até, em termos ou não espaço para realizarmos as nossas tarefas.



Em termos físicos, o espaço é definido pela extensão dos corpos. As distâncias que se podem estabelecer entre os diferentes materiais são aspetos do espaço físico e podem ser descritas em termos de:

- Quantidade de energia luminosa que o objeto recebe de uma fonte luminosa.
- A força de atração da gravidade exercida por um corpo sobre outra.
- O tempo que um objeto leva para alcançar o outro.

Várias pessoas podem ver o mesmo espaço e terem percepções diferentes. Por exemplo, uma mesma sala pode parecer grande para uma criança e pequena para um adulto. A escala, proporção fixa que se emprega para determinação de medidas e dimensões, é muito importante para percepção que temos do espaço.

Na representação de um espaço, os efeitos da perspetiva têm grande influência. Devemos levar em conta as proporções das formas contidas e a distância que se relacionam com os efeitos da percepção. Assim, na observação real, podemos perceber que as formas nos parecem maiores ou menores consoante a distância que estamos delas (mais próximos ou mais afastados).

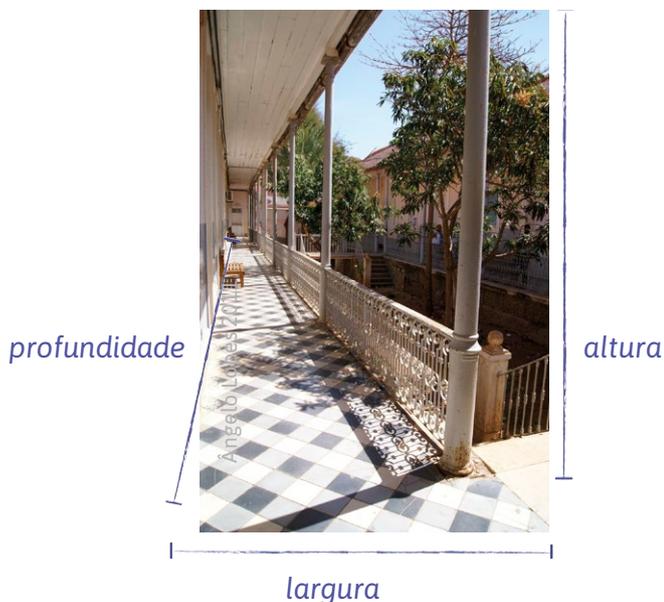
A cor, também sofre alterações resultantes da proximidade ou afastamento. Se bem observarmos, parece que tudo o que se encontra mais longe de nós parece mais pequeno e com menos nitidez. As cores parecem mais diluídas, fazendo com que os pormenores das formas deixem de ser visíveis a partir de uma determinada distância.

Ao passarmos numa rua, se olharmos em frente, parece que as casas de um ou de outro lado se aproximam e, devido à distância, a rua parece ir diminuindo. Esse fenómeno é devido ao efeito de perspetiva onde as formas se organizam em profundidade.

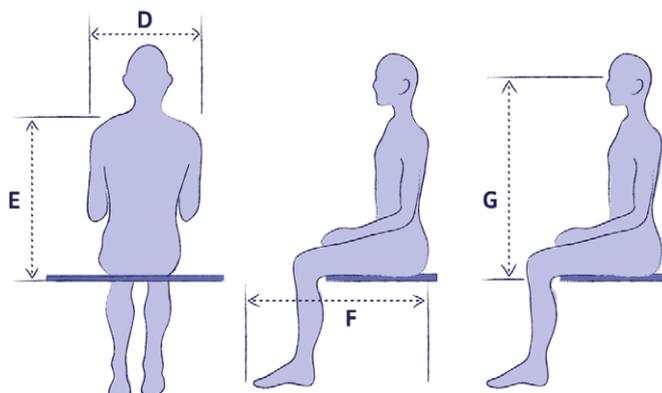


O espaço está relacionado diretamente com as suas dimensões. Quando um espaço tem, três dimensões (a altura, a largura e a profundidade), dizemos que é um espaço tridimensional. Neste contexto, as formas que ocupam um determinado espaço tridimensional são formas tridimensionais. No entanto, numa fotografia, todos estes elementos, parecem estar representados num plano, no pedaço de papel. A estas formas de superfície

damos o nome de formas bidimensionais, ou seja, espaço sem espessura, um espaço a duas dimensões - altura e largura.

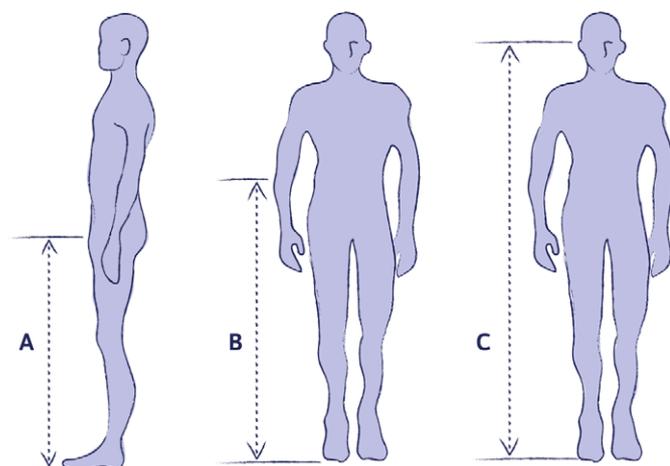


necessitamos para nos movermos, as dimensões dos mobiliários onde nos sentamos, trabalhamos e dormimos e os utensílios que são prolongamento da ação dos membros, são criados em função das medidas do homem.



- D - Altura metade do ombro, sentado
- E - Largura dos ombros
- F - Largura nádega-ponta do pé
- G - Altura do olho, sentado

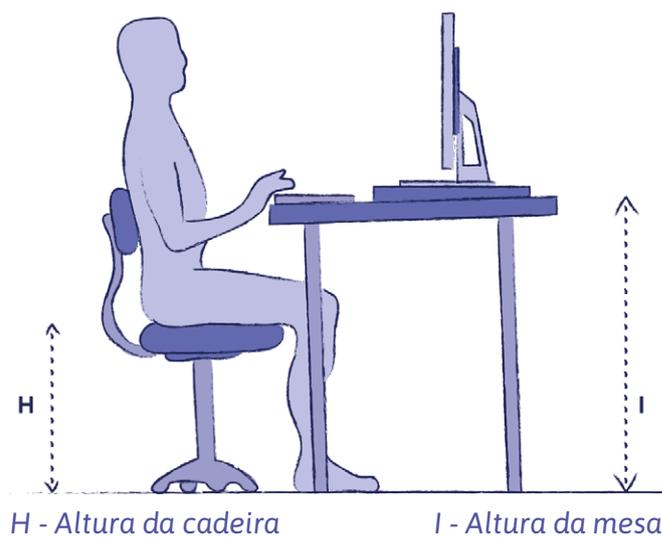
## ANTROPOMETRIA E ERGONOMIA



- A - Altura da virilha
- B - Altura do cotovelo
- C - Altura do olho

Antropometria é a dimensão e a proporção do corpo humano e as suas formas anatómicas que influenciam na criação do espaço e na proporção das coisas. As formas e os espaços arquitetónicos em que vivemos, o volume do espaço de que

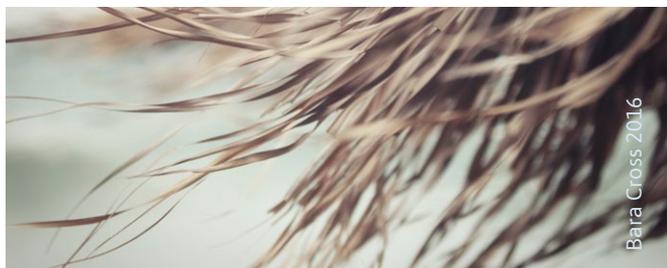
A ergonomia é a ciência que trata da adequação dos espaços e objetos à sua utilização pelo homem. Engloba vários estudos científicos que permitem pensar espaços e objetos de modo a serem utilizados pelos homens com a máxima segurança, conforto e eficácia. Por exemplo, as janelas dos edifícios, as secretárias e as cadeiras adequadas às medidas do homem ou da criança, os espaços de circulação de modo que permitam a deslocação de uma cadeira de rodas, etc.



- H - Altura da cadeira
- I - Altura da mesa

## MOVIMENTO

Tudo na vida está em movimento, embora muitas vezes o nosso olhar não o consiga captar. No nosso dia a dia, deparamos sempre com movimentos inerentes às formas de vida, através da observação das aves voando, das ondas do mar, do movimento das pessoas, dos carros e dos ruídos da cidade, das árvores e do movimento das suas folhas, ouvimos ritmos cadenciados do vento. Essas expressões dos ritmos da dinâmica das formas são condições essenciais à vida e a isto, nós chamamos de movimento.



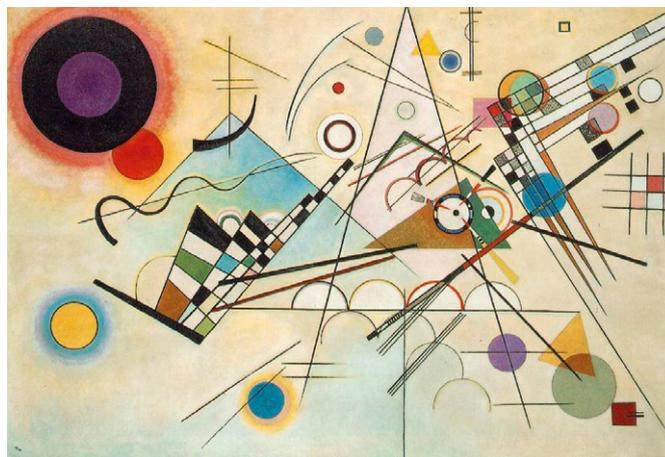
Bara Cross 2016

O Movimento é definido pela alteração da posição de um objeto em relação a outro. Podemos dizer que é a deslocação desse objeto do lugar que se encontra para um outro lugar ou espaço. A nossa vida gira em torno de movimento. Esse movimento é que gera a vida, quer em termos biológicos referentes ao nosso corpo, quer em termos físicos, relacionados com o movimento da terra à volta do sol. Tudo tem movimento e tudo na vida está em movimento.



Bara Cross 2016

Para haver movimento, tem de haver espaço. Não há movimento sem espaço. Não podemos caminhar ou correr se não houver lugar para esses atos. Sempre o homem tentou captar esses movimentos. Nas artes procuram exprimir a ideia de movimento através de diversas estratégias.



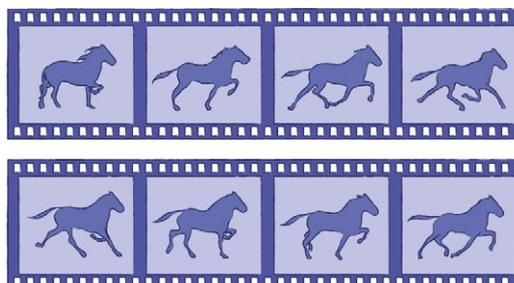
"Composição 8", Kandinsky, 1923.



"Dinamismo di un'Automobile", Luigi Russolo, 1912.

## MOVIMENTO REAL

É o movimento que realmente existe e que não é uma ilusão de ótica. É o movimento que caracteriza a vida humana e decorre da ação que implica tempo e deslocação de um objeto num determinado espaço. Hoje, esse movimento real consegue ser representado no ecrã, através do cinema e das novas tecnologias digitais.



## MOVIMENTO APARENTE

Servimos de determinadas ilusões óticas, para transmitirmos uma noção de movimento. É uma sensação que induz o nosso olhar e a nossa atenção a uma mobilidade visual.



"Recordações de infância", Severo Delgado, 2011. Coleção AKUABA

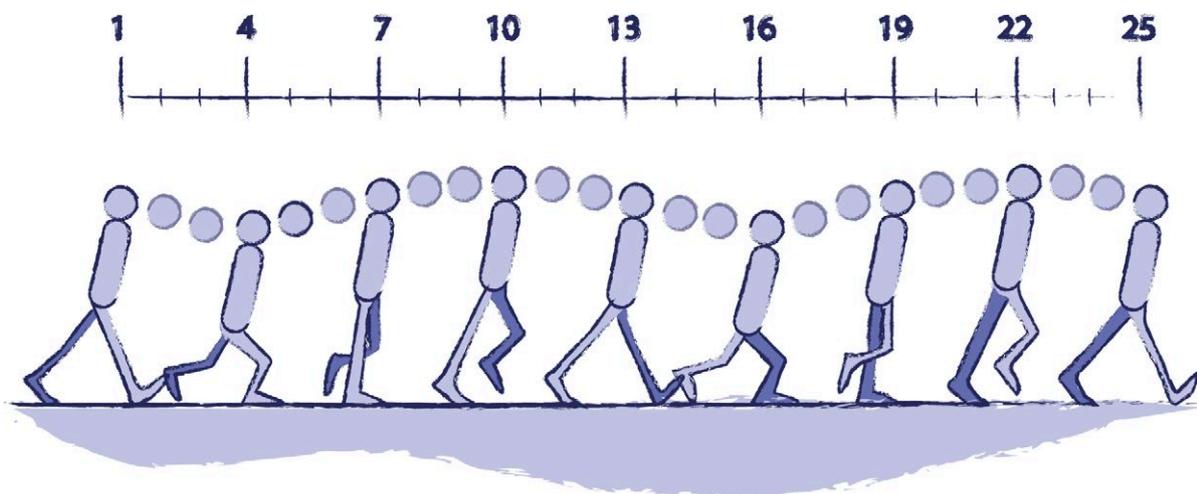
No desenho e na pintura a representação é através do movimento aparente. Muitas vezes, ouvimos falar num movimento de um desenho, de uma pintura ou de uma fotografia. Nesses casos, fixamos habitualmente apenas uma fase desse movimento visual, que é dado através da repetição de formas irregulares representadas com linhas curvas e quebradas.



"Kola SamJon", João Fortes, 2014. Coleção AKUABA

## SUGESTÃO DE MOVIMENTO

Uma forma de sugerir movimento é através dos signos cinéticos, habitualmente utilizados na banda desenhada. Esses são sinais que procuram registar o movimento das formas. É conhecido por movimento implícito.



Podemos também registar, simultaneamente mais do que uma fase de um determinado movimento. Aqui é a repetição que vai ajudar a sugerir-lo. Numa composição, se a mesma forma aparece repetida, sentimos, automaticamente, um movimento de deslocação.

Sabemos da importância que o movimento tem nos nossos dias. Aprendemos que desde sempre o homem se preocupou em captar movimento, mas é só a partir do século XIX, durante a revolução industrial, que surge um verdadeiro interesse em dar vida às figuras, através das máquinas. Foi o início da animação ou do cinema.



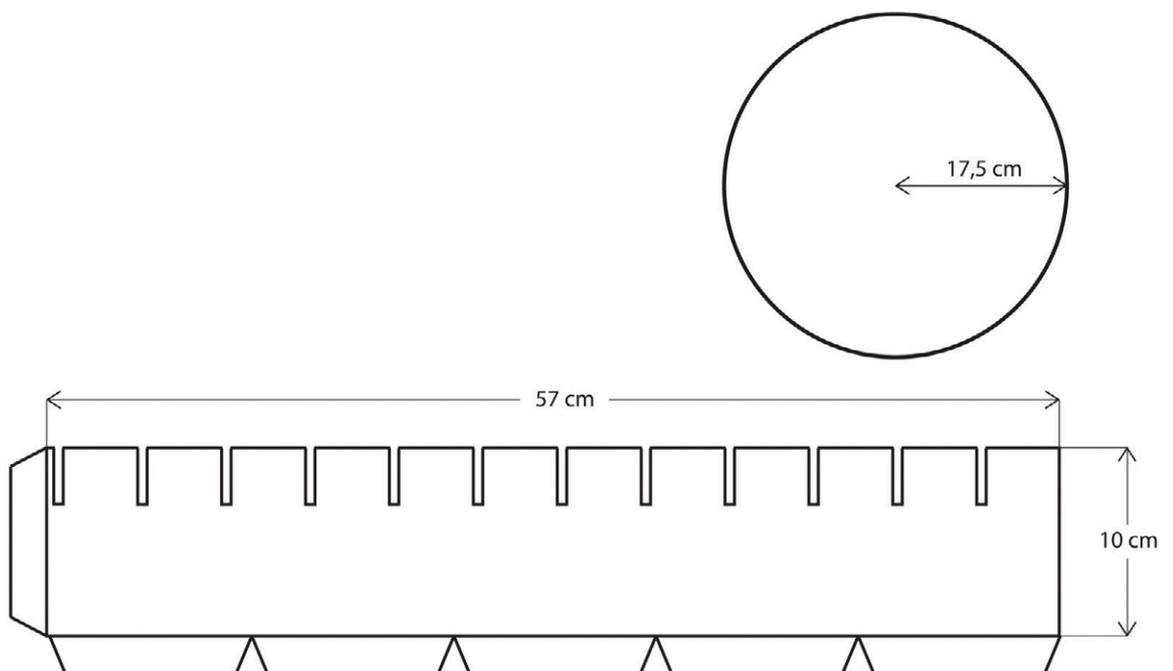
## MECANISMO DE ANIMAÇÃO (ZOOTRÓPIO, MOBILE)

Hoje em dia há determinadas obras de arte que têm mecanismos próprios que lhes permitem movimentos reais. É a arte cénica.

Associado ao movimento surge o ritmo. O ritmo resulta da repetição e contraste existente entre as diversas formas e, ainda, entre estas e o intervalo que as separa.

A repetição das formas no espaço vai obrigar o nosso olhar a seguir de maneira cadenciada determinado trajeto. As linhas, os pontos, as manchas, as cores vão provocar contraste com o forte-fraco, sobe-desce, longo-curto, claro-escuro. São estes contrastes que produzem o ritmo. Se a repetição das formas é regular, obtemos um ritmo regular, mas se, pelo contrário, a repetição é irregular, o ritmo obtido é irregular e a noção do movimento surge de maneira mais intensa. É o ritmo cinético.

Percebemos como o ritmo e o movimento são importantes e valorizam a representação dos objetos. Por isso mesmo, fazem parte das qualidades visuais das formas.



## PARTE 4 TÉCNICAS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO



Rita Rainho, 2012

### O DESENHO

O desenho é uma linguagem gráfica utilizada pelas crianças desde os primeiros momentos da infância, quando, ainda, em fase de experimentação e exploração do seu mundo interior, na relação com o meio, começa a criar aquela famosa confusão em casa, com riscos por todo lado: no chão, nas paredes, nos mobiliários, nos pertences dos pais ou dos irmãos mais velhos.



pixabay.com

Seja com caneta, lápis, marcadores, carvão, giz, tinta, batom, ou qualquer outro material riscador que estiver ao alcance da criança e na ausência de um “fiscal”, inicia-se a atividade de expressão e representação, considerada pela investigação qualificada, como sendo a fase mais expressiva e rica do ser humano.

Embora, na maior parte das vezes, seja uma prática clandestina e censurada pelos donos da casa, a criança sente-se envolvida em deliciosos momentos de verdadeira e fantasia “art attack”, num caminho da descoberta de um mundo imagético e de expressividade singular que se inicia a partir dali e, infelizmente vai-se perdendo, ao longo dos vários níveis do ensino básico, principalmente no atual 2º ciclo.

Aquela fase de registo desinibido daquilo que observamos ou imaginamos, de afirmação pessoal em relação ao mundo que nos rodeia ou de expressar nossos pensamentos, conhecimentos e sentimentos, é gradualmente substituída pelos nossos estudantes por uma fase de resistência, de autocensura e sentimentos pessimistas em relação aos seus desenhos.

Com os meios educativos e materiais disponíveis, o desenho deverá acompanhar cada indivíduo, até a fase adulta, como um instrumento fundamental de aprendizagem integral e transversal, em casa, no jardim, na escola e na comunidade.

O (A) professor (a) ou professora deve conhecer bem os estádios do desenvolvimento da expressão gráfica infantil e as especificidades de cada etapa de representação e de criação de formas, por meio de materiais riscadores, para entender e orientar os alunos do 5º e 6º anos. Consideramos este período escolar, como sendo uma fase muito delicada e frágil, visto que, normalmente, é aqui que se verifica, com maior predominância, aquela fase de “negação” da prática do desenho e de pintura para o “não sei desenhar”.

O desenho, bem como as outras técnicas de expressão e representação, deve ser explorado na escola, como uma linguagem multicultural, transversal e complexa, com um papel de destaque na comunicação e evolução tecnológica e artística das várias civilizações.

O desenho da criança não deve ser encarado apenas como uma simples atividade escolar ou “dom” de artista. Cabe ao (à) professor(a) o papel de ver e entender o desenho da criança e do adolescente, para orientar e dinamizar práticas ou projetos inseridos num contexto de diálogo constante entre o aluno e o meio envolvente, estimulando o desenvolvimento de processos criativos através da imagem.

No estudo do desenho como linguagem e técnica de representação gráfica, é necessário desenvolver atividades com preocupações educativas de aplicar os elementos básicos e específicos: o ponto, a linha, a forma bi e tridimensional e o espaço. O aluno, gradualmente, vai adquirindo capacidades para explorar o carácter narrativo desta linguagem, através de composições figurativas ou não, carregadas de conhecimentos técnicos específicos, de fantasia ou imaginação, de experiências cognitivas, sensoriais ou memórias.

## TIPOS DE DESENHOS

Os tipos ou modalidades do desenho estão diretamente ligados aos modos de representação e interpretação do nosso meio envolvente, dos nossos sentimentos, sonhos, imaginação, e de algo que pretendemos construir, entre outros.

A maneira como organizamos os elementos gráficos - linhas, pontos, manchas, formas, volumes - rigorosamente ou livremente, determina o resultado da imagem representada numa composição figurativa, naturalista, realista, abstrata, surreal....pois, varia por época, idade, contexto, tema, e área de representação ou expressão como o design, arquitetura, engenharia, de um artista renascentista, africano, latino, oriental, tradicional ou contemporâneo.

A partir destes do 5º e 6º anos de escolaridade já se pode considerar o desenho como linguagem ou meio de aprendizagem fundamental para o desenvolvimento da percepção e sensibilidade estética da criança e do adolescente.

## Desenho de memória

Acontece quando o (a) professor (a) solicita ao (a) aluno (a) para elaborar um desenho de acordo com um tema específico ou de livre escolha (objetos, pessoas, espaços diversos), baseando-se apenas nas informações ou situações guardadas na sua memória.

## Desenho de observação

A própria denominação já nos direciona para trabalhos realizados na presença do que se pretende representar na folha de papel ou noutro suporte. Neste tipo de desenho, o (a) professor (a) deve ter um especial cuidado para não influenciar a turma inteira a representar tudo do mesmo modo, porque cada um possui capacidades e habilidades próprias, de observação, interpretação e registo das formas, dos espaços e respetivos pormenores. Cada aluno (a) possui capacidades diferenciadas de identificar e representar pormenores, interpretar e coordenar pontos de vista.

## Desenho criativo

As atividades do desenho criativo podem assumir duas vertentes:

### 1. Desenho livre

No desenho livre é possível colocar em prática as capacidades de imaginação e de criatividade do (a) aluno (a). Ele (a) consegue exteriorizar os seus sentimentos, pensamentos e ideias. Explora a sua espontaneidade, sendo considerado o elemento mais importante de expressividade e singularidade da sua personalidade.



Concurso de Desenho Nós somos Energia, 2018

Nestes dois níveis já se nota alguma resistência ou receio para desenhos deste tipo, por isso, deve-se promover um clima natural para que cada um se sinta confortável na realização dos trabalhos propostos.

### 2. Desenho dirigido

O desenho dirigido já é muito importante nesta fase em que, mesmo sendo de livre criação ou expressão, necessita de uma orientação e acompanhamento permanente, tendo em consideração vários aspetos da linguagem gráfica e visual:

- Linhas, pontos, formas e respetiva organização no espaço.
- Mudança de tamanho e sobreposição de formas e planos para representar a distância ou profundidade.

- A tridimensionalidade.
- A narrativa e a temática.
- Os materiais e suportes.
- Exploração de um tema específico, correspondente a uma necessidade e problemas identificados num projeto ou unidade de trabalho.



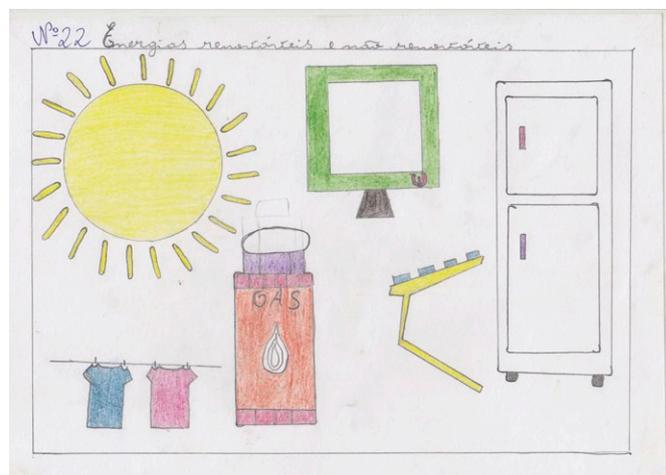
Concurso de Desenho Nós somos Energia, 2018

No entanto, nesta fase de escolaridade, o(a) professor(a) ao dirigir as aulas de desenho, e sendo, também, uma linguagem que acompanhará as atividades práticas em quase todos os conteúdos explorados nesta disciplina, deve-se evitar os tão persistentes e enraizados ensinamentos forçados da perspetiva clássica e ocidental. As “normas” e ou “regras” do desenho vão sendo interiorizados pelo aluno gradualmente, em contextos específicos de cada atividade, projeto e os níveis posteriores de escolaridade.

## Desenho rigoroso

O desenho rigoroso é um tipo de desenho ligado ao estudo da geometria e distingue-se de outras áreas de expressão e comunicação visual pelo uso do ponto, da linha e de volumes, elaborados a partir da utilização rigorosa de instrumentos de trabalho próprios, como a régua, o esquadro, o transferidor e o compasso.

Existem certas regras e normas definidas universalmente para o uso correto dos instrumentos, os materiais e traçado rigoroso de formas como ângulos, retas, suas posições relativas no espaço e entre si, segmentos de reta, polígonos regulares, estruturas modulares, divisão da circunferência e inscrição de polígonos e sólidos geométricos.



Concurso de Desenho Nós somos Energia, 2018

O desenho rigoroso utiliza unidades de medida e escala, tornando possível colocar qualquer volume numa folha de papel para posterior construção, como por exemplo, a planificação de sólidos geométricos, a planta de um edifício ou um objeto projetado por um designer.

## MATERIAIS DE DESENHO

No 5º e 6º anos, o (a) aluno (a) já deve começar a relacionar a qualidade e expressão do seu desenho com as características de cada material riscador que utiliza. Criar uma lista de materiais e a verificação da sua disponibilidade no mercado já se torna importante nesta faixa etária.

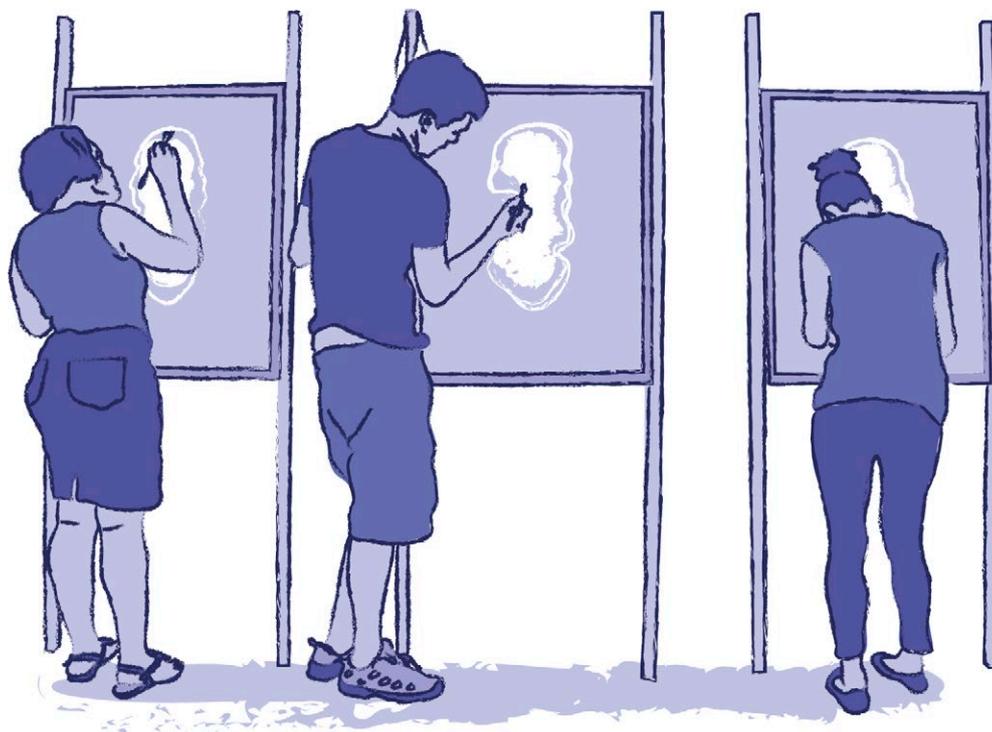
Deve-se procurar mostrar a importância da experimentação de algumas durezas ou especificidades do lápis de grafite e de lápis de carvão, lápis de cor ou de cera. As minas moles, por serem mais maleáveis, são mais recomendáveis para esboços e desenhos livres. Para os desenhos geométricos, as minas mais duras ajudam mais, porque permitem um traço mais fino e rigoroso.



Para melhores resultados é preciso manter o local de trabalho, os materiais e as mãos limpas e evitar o uso excessivo da borracha.



## PINTURA

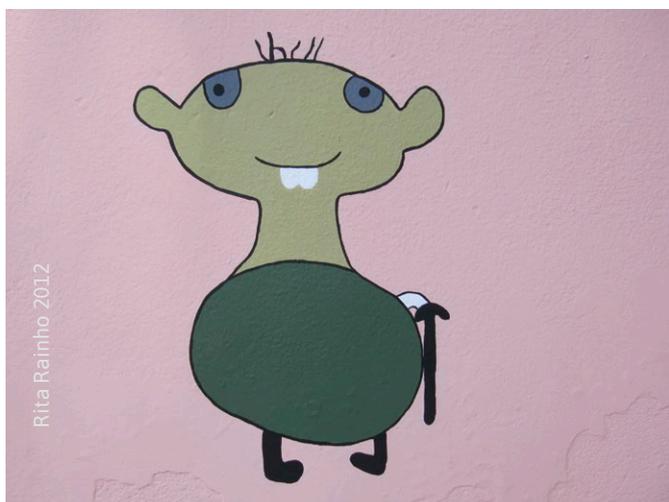


A pintura é uma linguagem que, principalmente nas salas de aulas do EBO, se encontra ligada ao desenho e relaciona-se diretamente com o uso da cor na realização dos trabalhos escolares. A aplicação da tinta ou pigmentos líquidos numa superfície permite a exploração de diversas tonalidades e texturas.

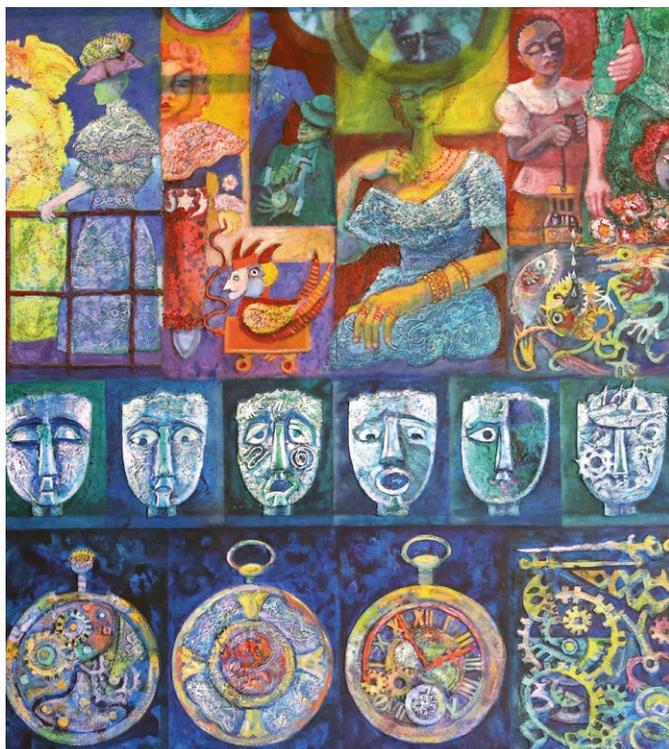
É uma linguagem plástica explorada desde a primeira infância, de forma natural e espontânea. Pois, também, através da pintura a criança vai interpretando e interrogando o mundo com as suas imagens coloridas: pinta os seus sentimentos, o que pensa dela mesma e dos outros, representa as suas memórias e experiências, no contacto estabelecido com o meio familiar, comunitário, escolar e virtual.



"Apanhadores de caranguejo", Tchalé Figueira, 2014.  
Coleção AKUABA.



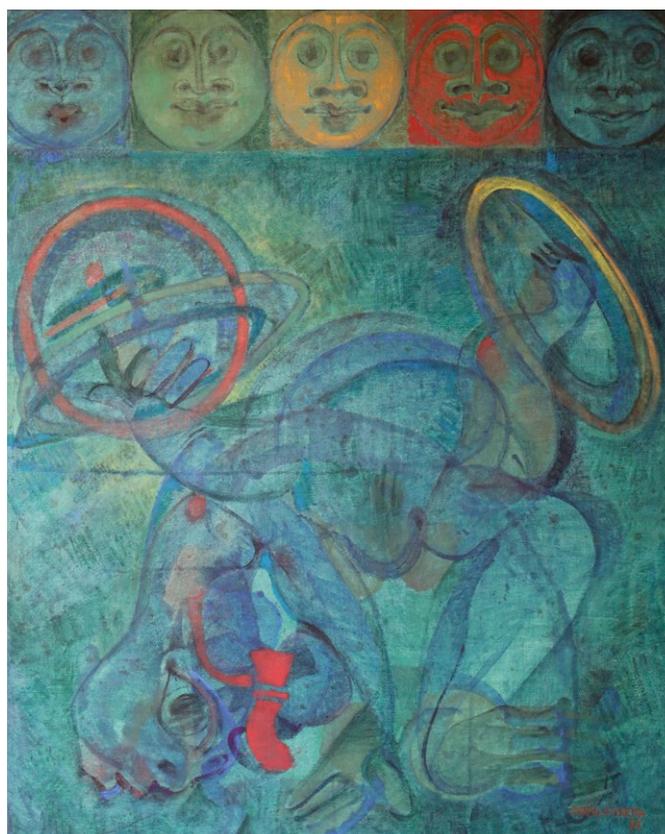
Observar, desenhar, pintar e construir narrativas, a partir de temas contextualizadas, são atividades que devem ser estimuladas e orientadas para distanciar o sujeito da tentação de decalque, do simples copiar ou colorir desenhos, planos e estereotipados, retirados da Internet. Num ambiente de brincadeira, mas consciente das suas responsabilidades e metas traçadas, o aluno vai interpretando, recriando ou criando uma outra realidade, através das suas composições cromáticas.



"Últimas conversas e brincadeiras". Navio Hartwell naufragado perto da ilha da Boa Vista em 1787. Luísa Queirós, 2004, Coleção AKUABA

As propostas de trabalho levadas para a sala de aula deverão estimular o (a) aluno (a), individualmente e em grupo, a interpretar, a representar e a pintar situações ligadas ao seu mundo interior e o meio envolvente. O(a) professor(a) deverá criar momentos educativos de modo a permitir aquisição de conhecimentos e experiências na área da pintura como uma forma de atividade artística de grande valor expressivo. No desenvolvimento de cada atividade, unidade de trabalho ou projeto, é possível explorar diversas técnicas simples ou mistas, respeitando as necessidades sentidas e os problemas identificados.

As atividades e estratégias de ensino e aprendizagem devem ser direcionadas para leitura e interpretação de artistas nacionais e internacionais, contactos com pintores nacionais, utilização de imagens projetadas quando não é possível ter acesso a uma exposição, ou atelier.



Ingénio desejo II, Manuel Figueira, 1997, Coleção AKUABA.

## PROPOSTA DE LEITURA GRÁFICA SOBRE UMA PINTURA

### As atividades

#### Proposta 1

1. Escolhe uma imagem de um quadro.
2. Divide a folha A3 em 4 partes.
3. Faz uma cópia das principais linhas de contorno, sobre uma folha de papel vegetal.
4. A partir da folha de papel vegetal passa as linhas de contorno para a folha de papel cavalinho e faz o seu trabalho, utilizando vários meios gráficos (grafite, lápis de cor, aguarela, lápis de feltro, guache, etc.).

#### Proposta 2

1. Escolhe uma imagem de um quadro.
2. Divide a folha A3 em 4 partes.
3. Coloca uma folha de papel vegetal sobre a imagem e copia-a.
4. Cria uma nova imagem, utilizando linhas, retas e curvas, utilizando vários meios gráficos (lápis de cor, aguarela, guache).

## PROPOSTA DE GUIÃO PARA ANÁLISE DE UMA IMAGEM GRÁFICA OU PLÁSTICA

Recomenda-se ao (À) professor (a) que este guião sirva apenas como uma orientação e cada tópico deverá ser explorado de acordo com os conteúdos trabalhados com a turma e a obra plástica disponível. Significa que nem sempre é necessário ou possível explorar todos os elementos sugeridos nesta proposta.

### 1 Descrição

- **Autor**
- **Assunto**
- **Título**
- **Data**
- **Técnica:** desenho; gravura; técnicas mistas; colagem; pintura a óleo, acrílico; guache, pastel óleo ou seco...
- **Formato**
- **Suporte:** tipo de papel, tipo de madeira ou derivados de madeira; vidro; muro...

### 2 Elementos Formais

#### Expressão Técnica

- Pincelada: curta, longa, solta, espontânea...; utilização de espátulas...

#### Linha

- Presença/ausência de linhas de contorno
- Intensidade, continuidade, interrupção
- Função da linha
- Tipo de formas – simbólicas, naturalistas, abstratas...
- Noção de espaço(s)

#### Modelação

- Existência ou não de volume das formas representadas
- Gradação de luz/cor/contrastes suaves ou esfumados
- Fortes contrastes de claro/escuro

## **Perspetiva**

- Tipo de perspetiva
- Bidimensionalidade; utilização ou não de planos de profundidade, efeitos de perspetiva, distanciamento...

## **Luz**

- Tipo: estúdio, natural ou artificial
- Origem: de um foco ou fonte de luz como lâmpada, sol...ambiental (claro e escuro); originada da própria composição ou objeto e da sua relação com as formas visuais.

## **Cor**

- Gama e tonalidades
- Relação com a luz: cores quentes, frias, graduações, contrastes, saturação, brilho, cores planas, tons complementares...
- Natureza da cor: realista, naturalista, simbólica...

## **Formas**

- Distribuição das formas no espaço, ritmo e dinâmica
- Relação figura-fundo
- Organização da luz e da cor das formas no espaço da composição

## **Composição**

- Relação estabelecida entre as imagens
- Composição com dinâmica visual ou estática
- Produção da dinâmica visual e recursos correspondentes; movimento das formas, sua relação espacial e respetivo peso visual

## 3 Abordagem histórico-cultural

- Pequena biografia do autor
- Época: a corrente artística e histórica.
- O contexto da obra: relação da obra com a situação política, social e cultural global, nacional e local.
- O tipo de mensagem: conceção estética e crítica do tema retratado; as metáforas; a simbologia da obra.

## 4 Interação com a imagem

- Interpretação pessoal da obra
- Juízos de valor sobre a imagem
- Produção gráfica/plástica: interpretação e reinterpretação individual ou em grupo

### **Cabe ao (à) professor (a) a responsabilidade de:**

- Desenvolver atividades pontuais para aprofundar conhecimentos sobre as possibilidades expressivas dos diferentes materiais e suportes: guache, aguarela, tintas...papel cráft (saquinha), reciclado, objetos construídos pelos alunos, caixa de pizza, de galinha, etc.
- Orientar a aplicação de diversas técnicas em função das características, do tipo de projeto a executar ou do tema proposto.
- Explorar temas diversos, relacionados com situações reais ou imaginárias, fantasias, propostas futuristas, estados emocionais, ideias, interpretação de um poema, música ou situações dramáticas, manifestações culturais e festivas, feiras, mercados, locais de produção ou atividades económicas do meio urbano e rural.

Da parte do (a) professor (a) é necessário munir-se de ferramentas e conhecimentos para uma necessária compreensão e análise de desenhos e pinturas infantis para que as suas aulas, unidades temáticas sejam planificadas de acordo com o desenvolvimento da criança e do adolescente, as suas experiências, a sua cultura e a sua produção imagética.

Os desenhos e pinturas infantis revelam conceitos e ideias que o (a) autor (a) possui de si próprio, dos espaços e dos objetos. A representação e interpretação do mundo, através de composições gráfica e plástica, consiste numa produção cultural do aluno, tendo em conta vários aspetos como a memória, a observação, as questões de género e contextos de localização geográfica.



O (a) professor (a) conseguirá contribuir para um maior desenvolvimento integral da criança, previsto na nossa legislação, a partir do momento em que decide investir mais no seu saber, observar e analisar os desenhos e pinturas infantis, sendo esta a condição essencial para um maior conhecimento sobre o crescimento afetivo, cognitivo e social da criança.

## MATERIAIS DE PINTURA



A carência financeira dos (as) nossos (as) alunos e alunas das escolas cabo-verdianas deve ser sempre encarada pelo (a) professor (a) de Educação Artística, como um desafio pessoal e profissional, visto que estará permanentemente envolvido(a) numa busca de alternativas para o funcionamen-

to das suas aulas. O nosso ambiente de trabalho será de escassos recursos, por isso, devemos criar condições para a utilização de materiais de baixo custo ou de custo zero.

Quanto às tintas e pigmentos naturais é importante recuar na história e mostrar à turma que, tal como aconteceu nas pinturas rupestres, também hoje podemos obter tintas de forma rudimentar:

- água
- farinha
- cola
- corantes obtidos a partir de desperdícios de produtos utilizados em casa, na escola, restaurantes ou fábricas: beterraba, pó(borra) de café, colorau, tomate, água de casca de cebola, água de legumes, corantes artificiais, carvão, restos de papel crepe, pasta de dente, etc.



Durante o processo de fabrico artesanal, é possível obter tintas mais ou menos opacas, conforme a quantidade de matéria de enchimento utilizada. Pode-se, também, atribuir alguma transparência, brilho e espessura ao utilizar água, diluente, verniz, algum produto aglutinante, farinha ou dextrina.

## SUPORTES

Tal como acontece no desenho, os suportes e os formatos também podem variar entre o que pode ser comprado, reciclado ou reutilizado. Conforme as condições disponíveis ou especificidade do trabalho a ser realizado, pode-se usar papel do bloco de desenho, papel de impressão (“papel de fotocópia”), papel cavalinho, cartão, papel cráft (de sacos de cimento ou de leite em pó), madeira (restos das oficinas, caixas de fruta) tela, pedaços de tecido, parede ou muro, objetos construídos pelos alunos, caixa de pizza, de galinha, etc.



## REPRESENTAÇÃO TRIDIMENSIONAL



Nas artes visuais, a escultura destaca-se como uma linguagem artística, que consiste em transformar material bruto, reutilizável ou reciclável, em peças tridimensionais ou espaciais com funções decorativas ou utilitárias.

É uma atividade artística e tecnológica que começou em tempos ainda pré-históricos, quando o homem das cavernas procurou resolver problemas práticos da caça e da pesca, produzindo, assim, a conhecida “pedra lascada”. As suas características variam ao longo da história da humanidade, por estar associada a temáticas e funcionalidades diversas, relacionadas com questões mágicas, míticas, religiosas, arquitetónicas, políticas, estéticas, entre outras. A obra escultórica interage com diversos tipos de público e épocas, graças às suas características próprias e variadas de espacialidade, dimensão, material, durabilidade, interação dos elementos formais e respetiva superfície texturada.



"Rainha Abla pokou", Albertino Silva, 2007. Fotografia de Admilton Santos, 2017.

A diversidade de dimensões, funcionalidades e significados podem ser observáveis nos seguintes exemplos: Vênus de Willendorf, os monumentos da ilha de Páscoa, as estátuas equestres, a imagem de Shiva, em bronze, o exército de terracota de xian, a imagem de Buda, os faraós, as famosas gárgulas góticas e do CCM, a estátua “David”, as máscaras africanas, esculturas dos descobridores de Cabo Verde, heróis nacionais, músicos cabo-verdianos, escritores.



Calau Senufo (Mali, Burkina Faso, Costa do Marfim) Coleção AKUABA

Com recursos a imagens fotográficas e aos vídeos, o (a) professor, juntamente com as suas turmas, poderá desenvolver uma produção tridimensional através do estudo e experimentações relacionados com os tipos de escultura, em baixo, pleno ou alto relevo, as várias técnicas de soldadura, modelagem, fundição, escultura em pedra, e os diversos materiais como madeira, barro, papel, cartão ou materiais recuperados e reciclados.



*Venus of Willendorf, Paleolítico*

## CARACTERÍSTICAS

### Espaço

Uma das características principais da escultura é a espacialidade, isto é, existe um espaço em volta de toda a escultura. Esse espaço pressupõe que se pode andar em torno da obra, apreciando-a através de múltiplos pontos de vista. Muitas esculturas são feitas em relevo num plano. Neste caso, os volumes são pequenos e estão intimamente ligados aos planos, denominando-se baixos ou altos relevos. Assim, essas esculturas só têm um único ponto de vista - de frente.

### Escala

A grande dimensão e o caráter monumental são uma das características das estátuas que se encontram nas cidades. Mas pode-se também encontrar esculturas de pequenas dimensões, como é o caso de peças de joalheria.

### Duração

As esculturas são normalmente executadas em materiais duradouros. Mas também podem ter uma vida curta, quase efémera, como é o caso dos espantalhos.

### Opacidade

Muitas vezes as esculturas apresentam grandes volumes modelados, marcando uma presença muito forte do material em que são feitas. A opacidade é também uma característica da linguagem escultórica.

Embora feitas em materiais opacos, algumas esculturas apresentam efeitos visuais de transparência, o que permite a entrada da luz e a visão do outro lado da escultura. A este efeito chama-se transparência.

### Estático e dinâmico

O movimento aparente na escultura é dado pela maneira como se inter-relacionam os elementos formais. Assim, algumas esculturas são completamente estáticas, isto é, não sugerem qualquer movimento.

### Acabamento

A qualidade e a maneira como é tratada a superfície da escultura, interferem muito no efeito visual da sua expressividade. As superfícies, embora dependendo do material de que são feitas, podem ser lisas ou texturadas, naturais ou recobertas, monocromáticas ou policromáticas.

## FOTOGRAFIA

Nos dias de hoje, “tirar” uma fotografia é muito fácil e já se transformou numa prática assumida por todas as idades, presente em todos momentos, bons ou menos bons, de quase todo mundo. Qualquer um, desde a primeira infância já pode, apenas com a ponta de um dedo, registrar um espaço e formas que o ocupam.



A fotografia já se transformou num instrumento de comunicação de todos. Entre selfies e registos espontâneos, reportagem jornalística, expressão artística ou investigação científica, a maioria das pessoas passa por elas, com um simples “like” ou flash de olhar, sem qualquer preocupação de contemplação ou análise.



*"Integração", Helder Doca, 2017. Projeto enquadrado na Residência Artística Catchupa Factory - Novos Fotógrafos.*

No entanto, na escola, é preciso levar o (a) aluno (a) a um outro tipo de relacionamento com a imagem fotográfica, isto é, uma linguagem técnica e artística que desde a sua origem se desenvolveu como um meio poderoso de representação e expressão de emoções e sentimentos.



Fotografar, em contexto da Educação Artística, é comunicar pela imagem e exprimir artisticamente, considerando, por isso, elementos técnicos e estéticos como a luz, a cor, o claro/escuro, a aproximação ou o distanciamento do objeto, a perspetiva, o formato, o enquadramento, o ângulo, o assunto e a sua relação com o público-alvo.



*"2+2+2=4", Grace Ribeiro, 2017. Projeto enquadrado na Residência Artística Catchupa Factory - Novos Fotógrafos.*

# GEOMETRIA

Desde a época antiga, o homem observou as formas da natureza e, gradualmente, foi explorando vários elementos geométricos na planificação, organização e construção de objetos com funções utilitárias, decorativas, tecnológicas, artísticas, míticas ou religiosas. É legítimo considerar então que a geometria é uma área de estudo ligada ao desenho e à matemática, que a humanidade desenvolveu como um meio para resolver problemas práticos, tecnológicos e estéticos do cotidiano.



A natureza está cheia de formas geométricas: o próprio planeta terra é uma esfera, tal como o sol e a lua. Ao observarmos, atentamente, a linha que separa o mar do céu, podemos perceber um autêntico arco geométrico e depois da tão esperada chuva podemos, ainda, como um bônus oferecido pela mãe natureza, contemplar um arco de cores-luz – o arco íris. Podemos identificar estruturas geométricas modulares, no interior de uma laranja, na teia de uma aranha, nos famosos favos de mel, no casco de uma tartaruga. Igualmente, é possível definir uma linha, imaginária, de simetria numa borboleta, no rosto humano ou no corpo inteiro.



A geometria está presente nos objetos da nossa escola como a caneta e o lápis que, normalmente, possuem formas de um cilindro ou um prisma hexagonal, a folha do livro ou caderno que é retangular, os nossos livros e cadernos, a porta da sala que são paralelepípedos, os hexágonos e pentágonos que dão origem a um padrão de uma bola de futebol... enfim, a predominância de vários outros elementos geométricos verificados na escola, em casa, no campo, na cidade e leva-nos a uma questão que deverá estar sempre presente nas aulas de geometria: É possível o funcionamento, a organização da nossa escola e o meio envolvente sem a geometria?



No desenho geométrico, em vez de se limitar apenas aos traçados geométricos previstos no programa, deve-se criar contextos temáticos de modo a permitir uma aplicação dos conhecimentos geométricos dentro de uma abordagem técnica, histórica, estética, cultural, e, simultaneamente, explorar e produzir formas bi ou tridimensionais.

## INSTRUMENTOS E UTENSÍLIOS DE TRABALHO

Para traçar linhas e formas geométricas com rigor é preciso a utilização correta e cuidadosa dos instrumentos do desenho geométrico. Torna-se também necessário mantê-los em bom estado de conservação e sempre limpos, para não sujar a folha de desenho. Deve-se, por isso, ter presente nas aulas de geometria os seguintes instrumentos:

- lápis de grafite (o nº 2 HB é o mais recomendável).
- apara-lápis.
- borracha.
- régua, esquadro e transferidor.
- compasso.



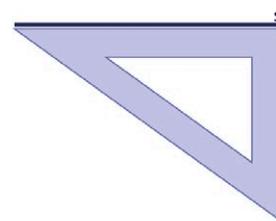
## RETAS PARALELAS

São retas que não se tocam, que mantêm entre si sempre a mesma distância.

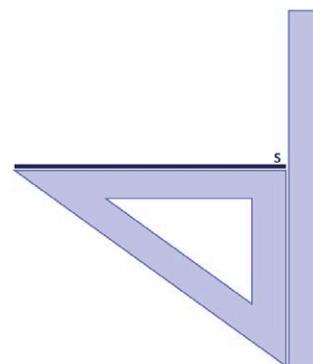
### Traçado de retas paralelas

Para traçar retas paralelas, utiliza-se, habitualmente, uma régua e um esquadro ou, então, dois esquadros.

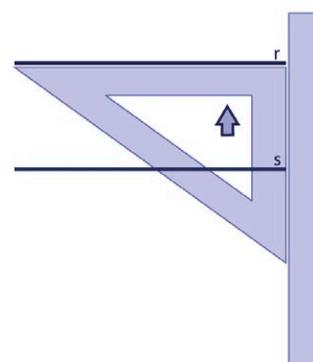
1º - Começa-se por encostar rigorosamente o esquadro à reta  $s$ , como mostra a primeira figura.



2º - Seguidamente, segura-se o esquadro, encostando à régua, como mostra a segunda figura.



3º - Por último, segura-se a régua com uma mão e com a outra, desloca-se o esquadro ao longo desta, até ao ponto desejado, traçando então a reta  $r$ , de acordo a terceira figura.

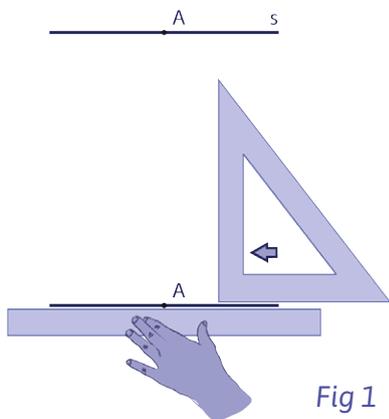


## RETAS PERPENDICULARES

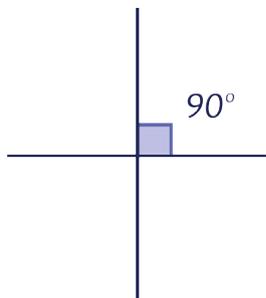
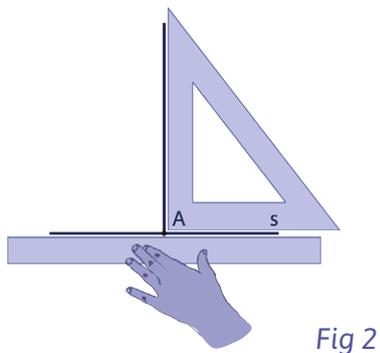
São retas que se cruzam, formando em si ângulos de  $90^\circ$  (ângulos retos). Para traçá-las serve-se de uma régua e de um esquadro, ou então de dois esquadros.

### Traçado de retas perpendiculares

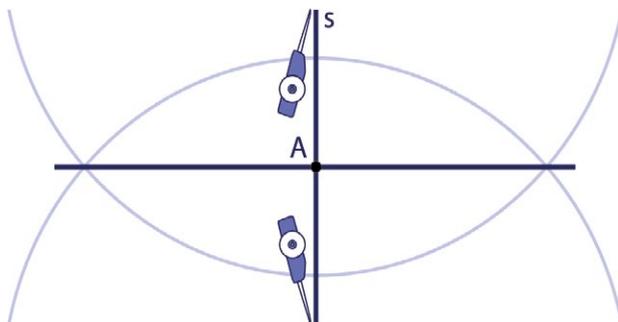
1º - Tendo a reta  $s$  e o ponto  $A$ , por onde se quer traçar uma outra reta  $r$ , que seja perpendicular a  $s$ , encosta-se a régua a reta  $s$  que se segura com uma mão, como mostra a figura 1.



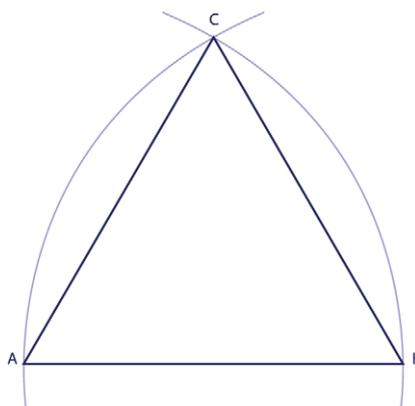
2º - Continuando a fixar a régua, encosta-se o esquadro como mostra a figura 2. Segurando a régua, desloca-se o esquadro ao longo desta, até poder traçar a reta  $r$ , que passa pelo ponto  $A$ .



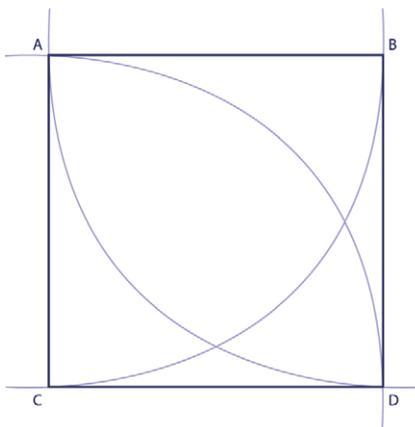
É possível traçar, também, uma perpendicular com o compasso, dividindo um segmento de reta em duas partes iguais.



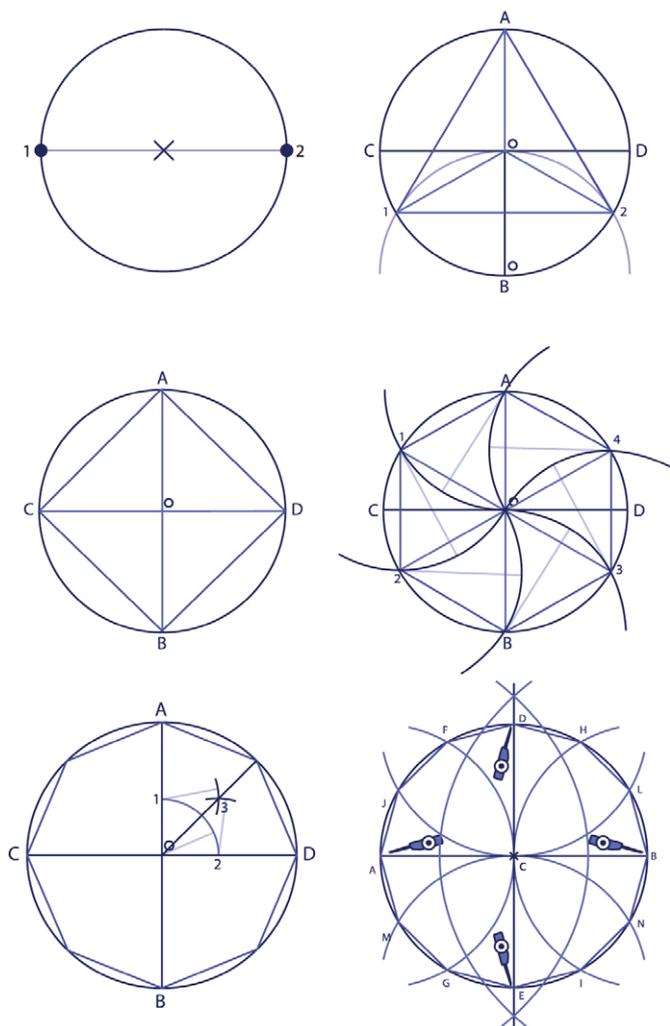
### Traçado de um triângulo



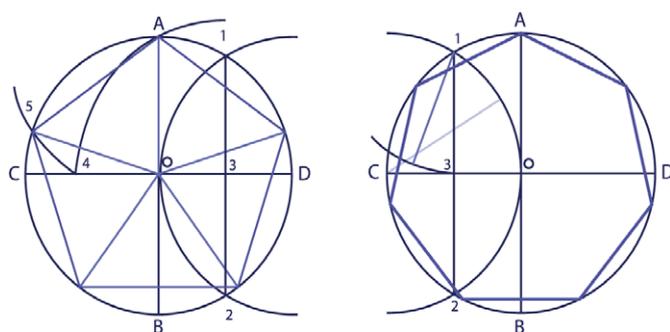
### Traçado de um quadrado



## Divisão de circunferência em 2, 3, 4, 6, 8, 12



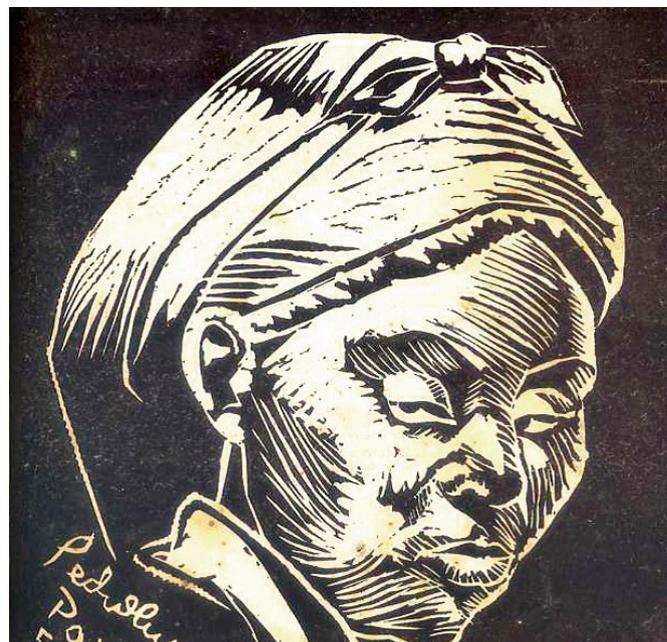
## Divisão de circunferência em 5, 7



## TÉCNICAS DE IMPRESSÃO E REPRODUÇÃO GRÁFICA

Consideramos que uma imagem é impressa e reproduzida quando colocamos tinta na superfície de um objeto (matriz) e o decalcamos sobre uma folha de papel ou outros suportes como madeira, tecido, parede, etc. Este processo é conhecido, normalmente, por gravura e impressão, que consiste em reproduzir, pressionando sobre o suporte, um desenho, numa matriz, com relevos ou moldes (stencil).

É uma área de expressão e comunicação muito importante ao desenvolvimento de projetos e atividades plásticas em sala de aula, porque permite a exploração de diversas técnicas, materiais e instrumentos com grandes facilidades de elaboração ou reutilização, a partir de materiais recuperados.

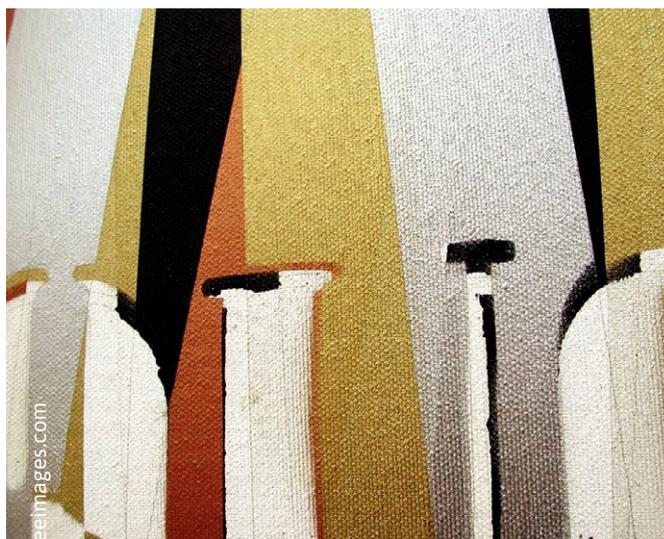


*Criola de São Nicolau, gravura, Pedro Gregório Lopes, anos 50*

Podemos fazer as nossas próprias matrizes, abrindo sulcos com uma goiva ou outro instrumento, em linóleo, madeira, derivados de madeira e reutilizando restos de materiais das oficinas de carpintaria ou caixas de fruta.



O "Areias" no plano inclinado - Desenho e linóleo do Comandante Sousa Machado



A matriz também pode ser feita através da colagem de pedaços de cartão sobrepostos, com diferentes relevos.



## PARTE 5 Trabalho, Materiais e Técnicas



Ángelo Lopes 2012

### O PAPEL

O papel é conhecido desde a antiguidade e serve para escrever, desenhar, pintar etc. Constituído por fibras celulósicas, é um produto de uma das mais poluentes indústrias atuais. Era feito de fibras diluídas em água e depois derramadas numa tela lisa e de tecido.



Antigamente, na China fazia-se papel (desde o século I), técnica que demorou muito tempo a desenvolver-se noutros países. Mais tarde o segredo do seu fabrico foi divulgado pelos outros continentes. No século XVIII começou-se a fabricar papel através da mistura de produtos químicos, mas mesmo assim de forma artesanal. A certa altura passou-se a fazer papel de trapos e madeira desfeita e o seu fabrico passou a ser industrial. Diversificaram-se as variedades, segundo as utilizações que também se generalizaram. Hoje utiliza-se o papel para inúmeros fins, o que fez crescer excessivamente a sua indústria.

O aumento da poluição provocada por este setor da indústria, como também as desflorestações atingem já proporções assustadoras. Por ser uma matéria prima indispensável à vida moderna, todos quando utilizam o papel têm que se responsabilizar pelos seus próprios gastos. O papel que usamos, vulgarmente, é feito de celulose, um conjunto de fibras vegetais unidas como um feltro. Para obter celulose, é necessário abater

árvores, contribuindo assim, para a degradação ambiental. Este papel que normalmente utilizamos para escrever, vem do eucalipto.

Devido a uma grande variedade de papéis, umas estão mais indicadas para determinados trabalhos do que outros, dependendo assim, de algumas características que os definem:

**Espessura** - É a grossura da folha de papel.

**Gramagem** - Está diretamente ligada à espessura do papel, sendo o seu peso obtido em gramas por metro quadrado.

**Textura** - São as características da superfície do papel, perceptíveis através dos sentidos da visão e do tato.

**Resistência** - Quando sujeitos a determinados esforços ou aderência com a água, os papeis apresentam resistências diferentes.

**Composição fibrosa** - É a qualidade das fibras.

**Grau de colagem** - É a capacidade de aderência a colagem.

Por ser feito a partir de matéria orgânica, o papel está sujeito a algumas transformações, por isso, para conservar as suas características deve-se ter alguns cuidados com o seu armazenamento:

## ARMAZENAMENTO

- Na horizontal
- Numa gaveta ou caixa
- Evitar exposição ao sol
- Em lugar seco
- Protegido do calor

## PORQUÊ RECICLAR

A reciclagem do papel é um procedimento que permite recuperar as fibras celulósicas do papel

velho e incorporá-las na fabricação de novo papel. Não é um processo isento da produção de resíduos, mas a produção de pastas virgens também não o é, assim, sempre se minimizam os problemas relacionados com a produção de matéria prima e com a deposição do papel velho.



## ECONOMIA FEITA COM RECICLAGEM:

- 1000 kg de papel reciclado = 20 árvores poupadas
- 1000 kg de papel reciclado = 2000l de água
- 1000 kg de papel não reciclado = 100 000l de água

## CONFEÇÃO DE PAPEL

Pode-se fazer papel de uma maneira muito simples, servindo-se dele para pintar, recortar ou desenhar:

- Cortar pequenos bocados de papel de jornal e mergulhá-los em água. Juntar um pouco de detergente deixando de molho de um dia para outro.



- Com uma varinha mágica, triturar o papel até ficar desfeito na água. Nos sítios onde não há eletricidade ou varinha mágica, deve-se triturar o papel num pilão até obter uma pasta fina.



- Deitar a pasta dentro de um recipiente onde caiba uma grade que se pode fabricar facilmente, fazendo duas molduras de madeira com caixilhos iguais, em que uma delas tem uma rede de nylon colocada na face e bem esticada.



- Mergulhar as molduras até ao fundo e deixá-las subir até a superfície, transportando a pasta. O caixilho sem a rede fica por cima do que recolhe a pasta.



- A seguir põe-se o tabuleiro na posição horizontal para escorrer a água e depois retira-se o caixilho que não tem rede. Cobre-se a pasta de papel que ficou na rede com um pano fino e por cima coloca-se um retângulo de madeira.



- Pressiona-se para retirar o excesso de água. Vira-se ao contrário e tira-se a rede com cuidado, deixando o papel no pano. Mais tarde, pode-se fazer evaporar o resto da humidade, utilizando o ferro elétrico, uma prensa ou secar ao sol.



- Quando a pasta estiver no alguidar deita-se um corante o que dá uma cor suave ao papel.
- A textura do papel pode variar de acordo com a textura do pano que se utiliza. Podem-se também imprimir na folha, enquanto estão húmidas, marcas prensando folhas, tronquinhos e outras matérias.



## A ARGILA

As argilas são rochas sedimentares muito finas que tiveram origem na decomposição química e pelos agentes erosivos como chuva, ventos e pelos glaciares das rochas, como o granito que foi arrastado, formando sedimentos.

Estes são encontrados na natureza em estado puro ou articulados a outros materiais, podendo adquirir propriedades e designações específicas. A argila é um tipo de terra que, misturada com a água, forma uma pasta que é fácil de modelar o barro.

De acordo com as percentagens do composto de ferro ou de outros componentes minerais, com o respetivo grau de oxidação, os barros adquirem cores diferentes depois de cozidos e a escala das cores vai do preto, passando por vermelho, amarelo, branco, cinza, verde e azul.

### O BARRO PODE SER CLASSIFICADO COMO:

#### Barros gordos

São excessivamente plásticos devido a forma ou combinação, com pequeníssimas partículas e por agregarem uma percentagem muito elevada de produtos orgânicos. Esse tipo de barro apresenta um certo grau de problema na secagem, possui um elevado índice de retração e uma certa tendência para o aparecimento de deformações e de fendas.

#### Barros magros

São menos plásticos devido ao tamanho mais grosseiro das partículas e à presença de certa percentagem de calcários. São mais friáveis, contudo, têm um melhor comportamento na secagem, nomeadamente no que se refere a resistência à roturas e deformações.

Para saber se o barro é gordo ou magro, basta pegar num pedaço de argila, seco ou húmido, e analisar o rompimento das superfícies. Pode-se, também, apanhar um pedaço de barro, fazer rolinhos compridos e dobrar: no caso de aparecer fissura pode-se dizer que este barro é magro e se ficar tudo liso, é gordo. No barro gordo as superfícies são mais lisas e brilhantes, mas no magro são rugosas. Se colocarmos uma bola de barro magro dentro de um recipiente com água, o barro ficará desfeito ao fim de três horas, mas com um barro gordo isto acontece ao fim de um dia ou mais, dependendo da sua composição.

### PROPRIEDADES DO BARRO

A argila é uma matéria que, tal como qualquer outra que a natureza nos fornece, apresenta um conjunto de características diversas.

#### Cor

A argila, na natureza, apresenta uma variedade de cores, de acordo com a sua composição: branco, vermelho, amarelo, cinzento. Quando uma peça de olaria é submetida a alta temperatura, a sua cor inicial fica alterada.

#### Plasticidade

O barro é um material maleável que mantém uma forma que lhe damos quando o trabalhamos, e podemos moldá-lo de acordo com a forma que pretendemos. Se a peça que trabalhamos estiver seca apenas pela ação natural, ele pode ser novamente trabalhado se a ele adicionarmos água.

#### Resistência

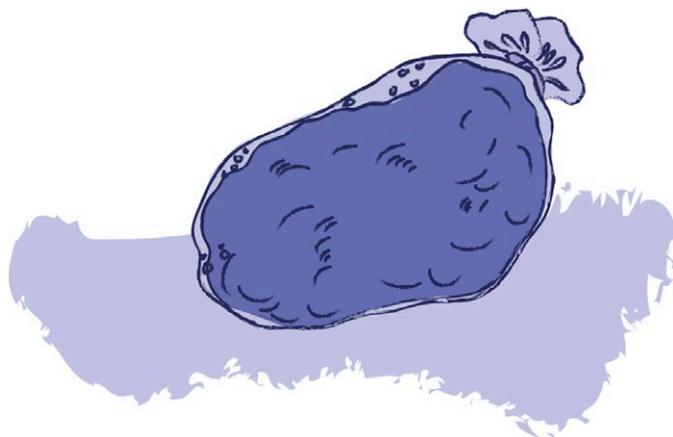
Uma peça torna-se mais resistente ao choque quando submetido a cozedura e a sua forma inicial já não se altera, podendo apenas retrair.

## Impermeabilidade

É a capacidade da peça guardar líquido após a cozedura, não correndo o risco de se desfazer ou verter.

## ARMAZENAMENTO DA MATÉRIA-PRIMA

Depois de preparar a quantidade de barro necessária, é preciso evitar que se torne a secar. As pequenas quantidades podem ser embaladas em plástico e as quantidades maiores têm de ser colocadas numa caixa especial, bem hermética. Pode-se também utilizar contentores de plástico que se fecham bem, tais como baldes grandes ou caixotes de lixo. O barro contido nessa caixa já tem uma melhor consistência e maleabilidade apropriada para ser modelado, mas precisa ter outro tratamento antes da modelagem.



O barro ainda contém bolhas de ar que podem rebentar na cozedura, o que fará com que o objeto se quebre. Portanto temos de o amassar em cima de uma superfície sólida e dura, como por exemplo, o tampo de uma mesa, de superfície lisa, para expulsar as bolhas de ar.

## INSTRUMENTOS DE TRABALHO



## TÉCNICAS DE TRABALHO

### Preparação do material

O barro comprado nos ateliês ou nas fábricas, pode não estar ainda em boas condições para se iniciar o trabalho. Sendo assim, é necessário ter em conta as seguintes fases:

1º - Amassar o barro com as mãos, torcendo-o para o misturar devidamente. Ao mesmo tempo, vão-se retirando as impurezas que possam aparecer (areias, pedras ou pequenos pedaços de madeiras).

2º - Se o barro não se pegar às mãos, nem à prancheta e não estiver quebradiço, isso significa que se pode iniciar o trabalho.

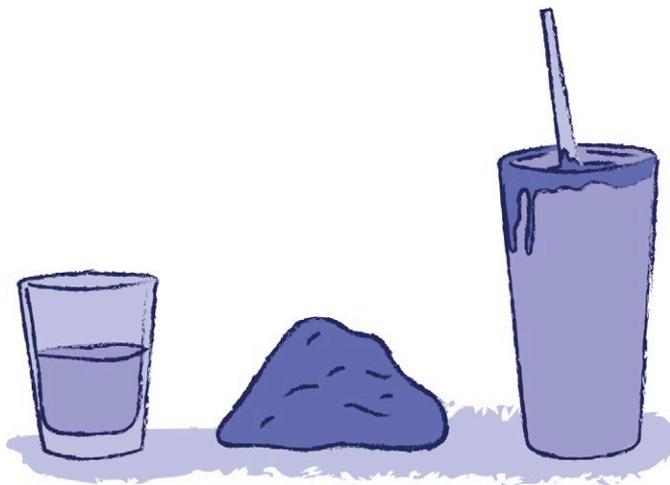


## A lambugem

A lambugem é uma mistura de barro e água que facilita na união entre as peças de barro. Prepara-se da seguinte forma:

1° - Num recipiente, coloca-se barro e água, em idênticas quantidades.

2° - De seguida, mistura-se muito bem, para obter uma lambugem homogénea.



## Modelação

Modelar é dar forma ao barro, construindo objetos que representam o que nos rodeia, ou o que se quiser criar com a imaginação.

Partindo de um pedaço de barro, ao qual podemos dar a forma de um sólido geométrico, ao repuxá-lo, pode-se obter as diferentes partes que compõem um objeto.



## Ligação das peças

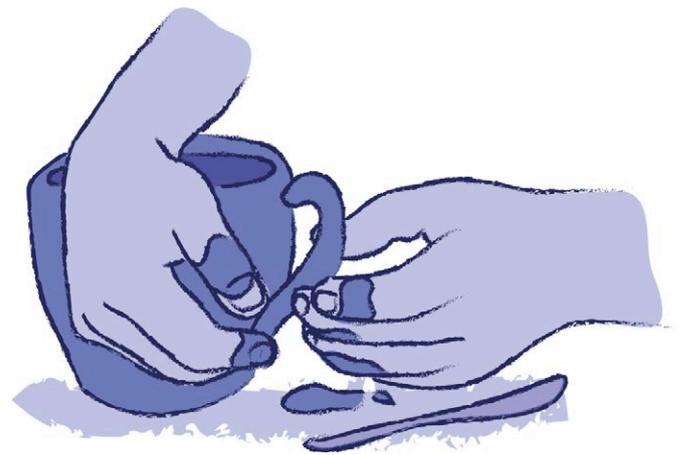
Por vezes, acontece que durante a construção de um trabalho, é necessário unir certas peças de barro. Para estas situações, há que utilizar a lambugem e proceder da seguinte forma:

1° - Fazer ranhuras nos locais de união das diferentes peças.

2° - Aplicar a lambugem sobre as partes a unir.

3° - Unir e pressionar as peças, umas contra as outras.

4° - Com o auxílio de um teque, puxar o barro de uma peça para outra e aperfeiçoar a ligação.



## Técnica da bola

É a técnica da olaria mais simples de executar. É aplicada na execução de peças pequenas e funcionais. Com este processo, podemos modelar peças a partir de uma bola de barro.

## Técnica do rolo



É o método ideal para a realização de formas abertas:

1º - Dar a forma de uma bola a um pedaço de barro. Com os polegares, fazer uma abertura na bola.

2º - Alargar a abertura, dando às paredes da peça uma espessura uniforme.

3º - Por último, passar à fase de aperfeiçoamento.

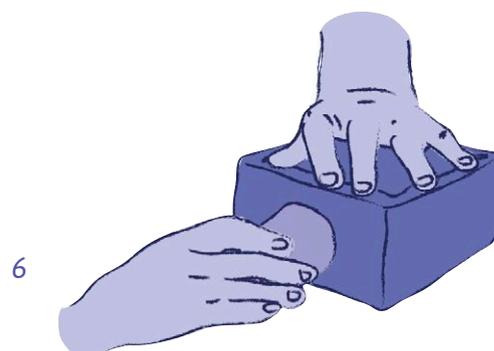
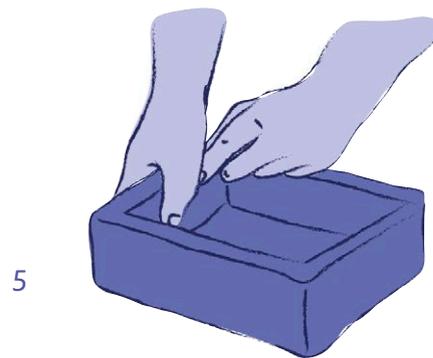
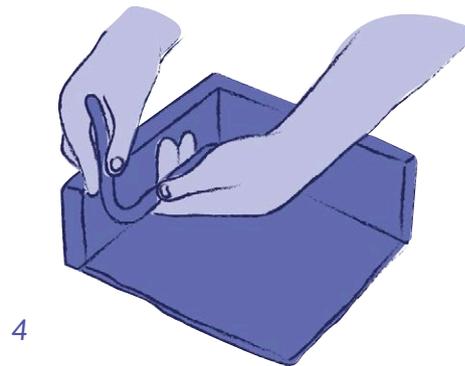
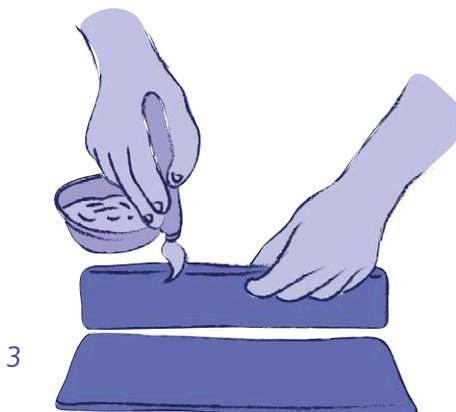
Consiste na obtenção de peças pela união de rolos de barro. Com este método, é possível modelar qualquer tipo de peça, mas é necessário estar atento (a) à uniformidade dos rolos. Estes serão finos ou grossos, de acordo com a espessura das peças que se pretende executar. É aconselhável que, de início, não tenham mais do que 25 cm de comprimento.

- Na primeira parte, produzir a base da peça, começando por cortar uma placa do tamanho da forma desejada ou enrolando o rolo de barro.
- Fazer pequenas incisões com um teque e algumas pinceladas de lambugem para permitir maior aderência e colagem entre os rolos.
- Para levantar a peça desejada é preciso, a partir do fundo, enrolar os pedaços de barro, com alguma pressão dos dedos e, em simultâneo, fixar o lado de fora do rolo precedente.

## Técnica da placa ou lastra

Este processo consiste no seguinte:

- Colocar duas ripas de madeira sobre o plano de trabalho.
- O passo seguinte consiste no preenchimento do espaço existente, entre estas duas ripas paralelas, com o barro. Com o auxílio do rolo de amassar, deslocar este instrumento de trabalho, em todas as direções, até conseguir uma placa lisa e de espessura uniforme.
- De acordo com o tipo de peça projetada, passar à medição, marcação e corte rigoroso das partes, para posterior montagem do objeto.
- A fase da montagem da peça possui um procedimento em que se faz incisões nas extremidades das placas e colagem com a lambugem. Para maior união e estabilidade, deve-se colar pequenos rolos de barro pelo lado de dentro, entre as partes.



## A OLARIA



Artur Marçal 2011

A Olaria Tradicional foi trazida de outros continentes pelos escravos provenientes de um processo, em que as manifestações culturais surgiram sob diferentes formas. As raízes da sua formação encontram-se vinculadas sob duas culturas distintas, a europeia e a africana. Este cruzamento possibilitou ao arquipélago a aquisição de uma cultura e identidade específicas, com características próprias. O contacto entre culturas diferentes permitiu o recorte de uma nova cultura, que adquiriu ao longo do tempo, características puramente cabo-verdianas.



Artur Marçal 2011

A Olaria sempre fez parte da identidade cultural cabo-verdiana e durante muito tempo serviu para satisfazer as necessidades básicas das pessoas que viviam nas zonas rurais, sobretudo no armazenamento, transporte e cozedura de alimentos. Pode-se dizer que ela está intimamente ligada ao dia a dia dos povos que a praticam, fazendo parte integrante da identidade cultural dos mesmos e de Cabo Verde em geral.

No caso de Cabo Verde, a olaria praticada é uma arte popular que tem sido atribuída à produção artística de pessoas que nunca frequentaram escolas especializadas, mas que produzem obras exuberantes com um relevante valor estético e artístico. A Olaria cabo-verdiana, além da sua função utilitária e doméstica, na cozinha e na ornamentação, depende muito da agricultura e da criação de gado, já que os combustíveis utilizados na cozedura das peças são os excrementos dos animais (bostas de vaca) e palhas.



Dessas peças, o mais popular é o binde para cozer o cuscuz, que felizmente ainda não corre o risco de desaparecer. É feito pelas oleiras, à mão ou pelas ceramistas, numa forma de gesso.

A cerâmica é representada por pequenas estatuárias, passando por um leque bastante diversificado de peças utilitárias decorativas, utilizando formas de gesso.

A escolha desse material baseia-se no fato das formas, além de absorver a água, não aderir ao barro. Isso pode ser constatado, basta colocar o barro ainda líquido, numa forma de gesso e em poucos minutos, torna-se numa pasta moldável.

## PAPEL DAS ESCOLAS

A escola deve ser uma instituição aberta para acompanhar a transformação e responder aos problemas da sociedade onde se integra, mantendo um diálogo aberto, permanente, para a reafirmação da nossa cultura.

Em Cabo Verde a escola tem um papel de relevo na vida do país e a sua missão não é só de lecionação do programa de ensino tradicional, mas fundamentalmente debruçar-se sobre aspetos formativos dos adolescentes, preparando-os para a dura realidade do cotidiano. O (a) professor (a) e os (as) alunos (as) ajudarão a definir os contornos da nossa cultura através de formação estética – pedagógica, a partir de práticas e análise dos costumes do nosso povo.

A olaria tradicional é uma arte que é transmitida de gerações em gerações, de mãe para filhos, avós, tias e até mesmo os vizinhos, de forma empírica. Esta prática é transmitida desde muito cedo, através de brincadeiras, fazendo bonequinhas, casinhas, etc.



## OS TÊXTEIS

### ORIGEM DAS FIBRAS TÊXTEIS

As fibras têxteis podem ser de origem natural ou artificial. Quando recolhidas na natureza, não podem ser trabalhadas de imediato, pois precisam passar por um processo de transformação, de diversas fases até serem transformadas em fios prontos para trabalhar. Essa transformação em fios pode ser feita por processos artesanais e industriais. No caso de ser industrial, existem fábricas próprias para este processo de fiação.



Em Cabo Verde existiu sempre a tradição de fiação artesanal das fibras têxteis, (a lã, o sisal e o algodão), usando os materiais como a carda, a roca, kitche, etc.



"Neve Insular", Rita Rainho, 2018

### PROPRIEDADE DE FIBRAS TÊXTEIS

As fibras têxteis têm propriedades importantes, em si mesmas como: a cor, o brilho, a elasticidade, a resistência ao uso, etc. Interessa observar as propriedades das fibras têxteis já transformadas em tecido, pois são essas propriedades que vão conferir as características necessárias à proteção e adaptação ao ambiente.

### A PANARIA CABO-VERDIANA

As investigações históricas, nacionais e internacionais caracterizam a panaria como um dos elementos de destaque do património cultural cabo-verdiano, com as suas origens ligadas à exploração e à transformação do algodão em panos "di téra". Esses panos serviam para confeção de roupas, lençóis, lenços, toalhas e usados pouco tempo depois do povoamento das ilhas, como moeda indispensável ao comércio de escravos e como mercadoria nas trocas com géneros africanos.

O nosso famoso "pano d'obra", inicialmente confeccionado, através da mão de obra escrava, possui fantásticas padronizações resultantes de uma composição visual de elementos geométricos, formas simbólicas e cores contrastantes.



Pormenor Pano Bitcho, Tozat.photography 2018. Acervo CNAD



*Pormenor Pano d'obra, Tozat.photography 2018. Acervo CNAD*



*Pormenor Pano Tchã, Tozat.photography 2018. Acervo CNAD*

É hoje considerado um elemento da nossa cultura visual, explorado e interpretado para além da sua função tradicional. A grandeza da sua padronização e os seus efeitos estético/visuais despertaram, atualmente, um maior interesse pelo seu estudo e abordagem nas políticas culturais e educativas do país, sendo também muito explorado e interpretado pelos vários profissionais das áreas do artesanato, das artes plásticas, do design contemporâneo, entre outros.

## A TAPEÇARIA

A aplicação dos têxteis tem sido muito variada como, por exemplo, vestuários, tapetes, atalhadados, etc. Roupas que vestimos diariamente, as cortinas, os tapetes, as coberturas dos mobiliários, são exemplos de têxteis. São feitos de minúsculas fibras ligadas umas às outras, que provêm de plantas e animais ou são feitas por processos químicos.

Para qualquer destes tipos de trabalho, utiliza-se os fios compostos de fibras têxteis. Pensa-se que o homem primitivo, para cobrir o corpo, tenha recorrido às folhas das árvores e, mais tarde, quando começou a caçar, às peles dos animais.

Para unir essas peles, ele descobriu a agulha (osso pontiagudo que furou nas pontas). Recolhendo fibras na natureza, ele começou a trabalhar cruzando-as e entrelaçando-as em teares primitivos, obtendo assim os tecidos. A lã teria sido uma das primeiras fibras a ser trabalhada. Mais tarde, o homem descobriu a possibilidade de utilizar outras

fibras como o linho e o algodão. O seu trabalho levou à descoberta de meios de tecelagem cada vez mais aperfeiçoados.

Os chineses desenvolveram a tecelagem com a seda e, durante muito tempo, guardaram o segredo da obtenção das fibras, bem como da criação do bicho da seda, animal que as produz.

Com a revolução industrial, iniciada em Inglaterra no século XVIII, foi inventada a lançadeira, que transportava com rapidez o fio de trama de uma extremidade para outra da teia. A par de tudo isto, foi mecanizado a fição, substituindo a roca e o fuso tradicional. Tornou-se possível, finalmente, produzir maiores quantidades de tecido de melhor qualidade e em menor tempo. Embora tenha sofrido transformações tecnológicas complexas, o tear mantém a técnica principal do cruzamento dos fios da teia com a trama, atualmente comandada por um computador.

## A TECELAGEM

No âmbito escolar, a tecelagem é uma atividade que requer muita paciência, tornando o (a) aluno (a) ordenado, cuidadoso, preciso e contribui para o desenvolvimento psicomotor do (a) aluno (a).

Existem a tecelagem **bordada** e a **tecida**, e cada uma delas tem a sua especificidade e técnica de execução.

São atividades que devem ser praticadas ao longo dos anos, e para uma melhor compreensão e motivação, deve-se convidar os artesãos para irem às escolas partilharem o seu conhecimento ou levar os (as) alunos (as) aos seus ateliers.

## TÉCNICAS DE TRABALHO

A técnica de fabrico da peça é desenvolvida por entrelaçamento de fios. Os teares constituem um conjunto de fios paralelos conhecido por teia. O tear faz deslocar um conjunto de fios, a trama, por cima e por baixo dos fios da teia, entrelaçando os fios uns nos outros. Se se utilizarem fios de cores diferentes, obtém-se um tecido com desenhos. Os desenhos também podem ser estampados nos tecidos.



Para produzir um tecido, deve-se ter algumas noções acerca dos equipamentos necessários, bem como das técnicas da tecelagem.

**Bastidor** - É um aparelho simples ou complexo no qual monta-se a teia.

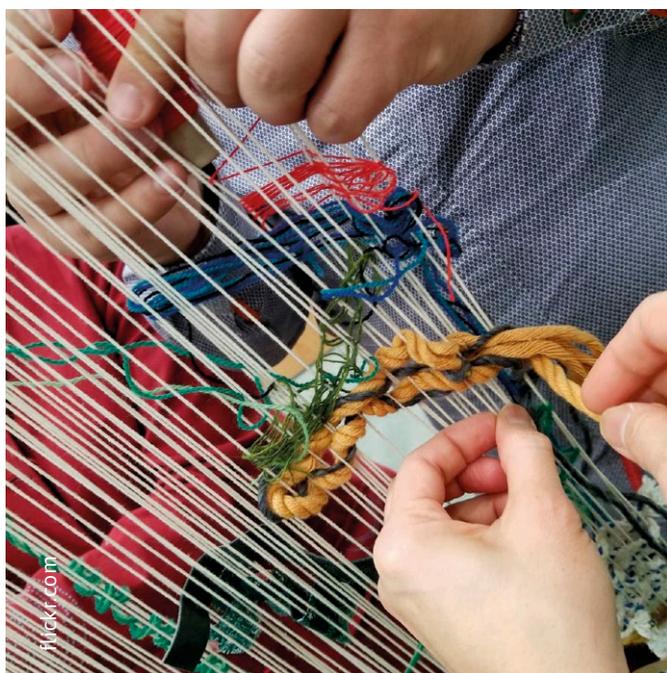
**Teia** - São os fios montados no tear, através dos quais passa o fio da trama que os cruza. Estes fios determinam o comprimento e a largura do tecido.

**Ourela** - É o nome dado aos quatro fios de cada lado da teia que são reforçados passando duas vezes o fio da teia pelo mesmo espaço.

**Trama** - É o fio que cruza os fios da teia para que se obtenha o padrão previamente escolhido. Após cada passagem, o fio da trama deve ser batido com o pente.

**Padrão** - É o nome que se dá ao “desenho” obtido pelo cruzamento dos fios da trama com os fios da teia. Cada padrão implica um determinado cruzamento dos fios da teia com a trama.

## INSTRUMENTOS DE TRABALHO



## A MADEIRA

Apesar de existir atualmente uma grande variedade de novos materiais de construção, a madeira e os seus derivados são ainda dos mais utilizados, na construção civil, nos transportes, mobiliários, embalagens, instrumentos musicais, etc.

É necessário desenvolver algumas aulas expositivas e de reflexão crítica sobre questões técnicas e ambientais relacionadas com utilização da madeira, as suas origens e o longo processo de preparação, nomeadamente a serragem, secagem e tratamento. Os (as) alunos (a) devem conhecer os tipos de madeira e derivados, contraplacados, aglomerados e cartão prensado, existentes no mercado, no entanto, aconselha-se o desenvolvimento de atividades que promovam uma postura de reutilização nos trabalhos escolares.

## TEARES SIMPLES

Há vários tipos de teares e podem ser construídos em vários materiais. A madeira é o material mais adequado e, normalmente, o mais utilizado. Para além dos vários tipos de teares, são necessários utensílios que ajudam no trabalho de tecer.

## FERRAMENTAS





## A CESTARIA

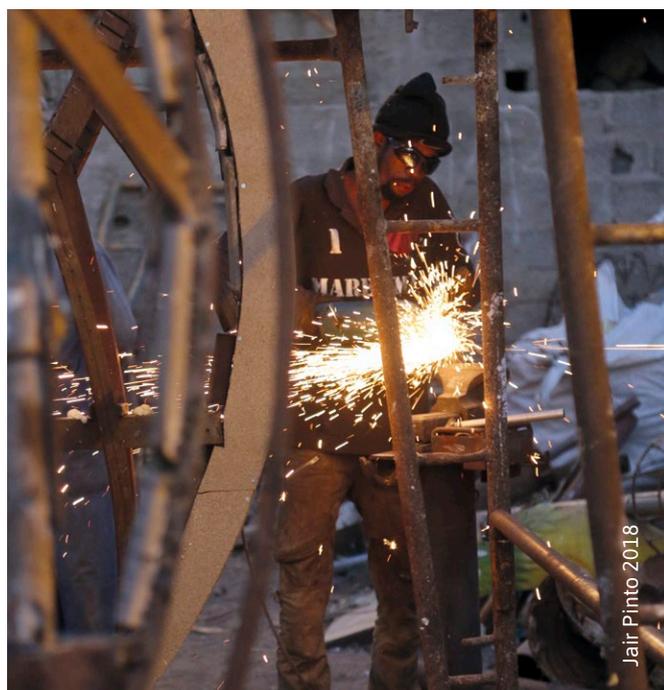
Antigamente, o artesanato cabo-verdiano refletia o cotidiano da população através das temáticas e dos materiais utilizados. Tratava-se de um artesanato muito ligado ao meio rural e servia para as necessidades do dia a dia.



Apesar de não haver uma indústria instalada para a produção, encontramos uma grande variedade de cestos, que se diferenciam de acordo com os materiais e as regiões de fabrico. Os mais populares são os balaios de caniço, que serviam antigamente para transportar os alimentos. Além desses balaios, podemos ainda encontrar cestos de bernadeira mais característicos das ilhas de São Nicolau, Santo Antão e também as esteiras e esteirados que serviram muito na construção das habitações.

A sua execução técnica consiste num entrelaçar de fibras (caniço, bernadeira, bananeira, tamareira, coqueiro, etc.) para a criação de um objeto que pode ser utilitário ou decorativo. Nas escolas, por inacessibilidade das fibras naturais, recorre-se às fibras sintéticas para a execução dos cestos, pois, a intencionalidade educativa visa o desenvolvimento da destreza, da motricidade, da capacidade estética e da criatividade.

## OS METAIS



Podemos identificar vários tipos de metais utilizados no nosso cotidiano, em obras arquitetónicas, construção civil, objetos de uso doméstico, como os talheres, no gradeamento das portas e janelas, na construção de estátuas, nos fios e cabos elétricos, nos tubos das tintas, pastas de dentes ou de algumas pomadas, entre outros.

Arame, cobre, estanho, bronze, aço inox, ferro, chumbo, chapa, são diferentes materiais provenientes de um trabalho, duro e perigoso, de extração de diferentes minérios que, depois de submeti-

dos a altíssimas temperaturas, faz-se a fundição e consequente transformação em diversos metais.



*Brinquedo de lata, Jair Pinto 2018*

Os tipos de metais estão diretamente relacionados às suas propriedades e aplicações. Apresentam cores diferentes, mais ou menos maleáveis, leves ou pesados, grossos ou finos, aquecem com maior ou menor rapidez. Enquanto que uns são bons condutores da corrente elétrica, outros possuem processos diferentes de oxidação ou dilatação com o calor.

*Albertino Silva Meridianos CNAD, 2017*

*Fotografia: Rita Rainho 2018*



## PARTE 6 Propostas de Atividades



Rita Rainho 2013

### ESTRATÉGIAS

Na Educação Artística Plástica, as aulas práticas e teórico-práticas devem ser trabalhadas em ateliers, pois, isso incentiva uma cultura participativa, onde a partilha de saberes e saber fazer faz com que a aprendizagem flua na horizontal.

Para melhor organização dos ateliers e tendo em vista a criação de uma dinâmica na turma, muitas vezes o (a) professor (a) deve trabalhar em grupos para definir as regras de atuação com os seus (suas) alunos (as) que serão cumpridas com mais rigor se eles contribuírem na sua elaboração. De igual modo, devem definir as regras de SHST – Saúde Higiene e Segurança no Trabalho.

O trabalho em pequenos grupos deverá também ser incentivado no desenvolvimento de projetos. Os (as) alunos (as) podem discutir a solução para um trabalho em pequenos grupos, antes de debaterem em grande grupo, pois, isto estimula a participação porque há mais oportunidade para eles darem a sua opinião.

Para uma aprendizagem significativa e um ensino mais eficiente, recomenda-se que o (a) professor (a) organize o seu trabalho em torno de Unidades de Trabalho, isto é, partindo de uma situação que diga respeito aos alunos. Esta situação significativa faz com que o (a) aluno (a) interesse pelo tema, investigando de uma forma motivada. Essa procura de solução desemboca, naturalmente, num pequeno projeto que deve ser executado de acordo com a metodologia de projeto, destinada a diferentes faixas etárias.

Tal como os cálculos matemáticos, a oralidade e a escrita da língua portuguesa, inglesa ou francesa, a linguagem plástica precisa também de “treino”.

É necessário o desenvolvimento de atividades e estratégias motivadoras para levar o (a) aluno (a) a entender que, na área de expressão plástica, o fazer é indispensável à construção do saber técnico, estético e sociocultural. Para isso, o (a) professor (a) deverá ser o primeiro a acreditar na linguagem plástica como uma ferramenta importante ao desenvolvimento da observação, interpretação e representação de temáticas específicas, favoráveis à implementação de projetos específicos da plástica, integrados ou interdisciplinares.

Na avaliação dos produtos finais dos alunos, os professores devem levar em conta a sua faixa etária, o seu desenvolvimento cognitivo e afetivo e as suas particularidades pessoais. Para isso, os trabalhos devem ser comparados apenas com os trabalhos do mesmo aluno e a sua capacidade de produção, respeitando assim o seu ritmo e personalidade.

## AVALIAÇÃO

Na Educação Artística Plástica, como noutras áreas, avaliar é recolher informações necessárias para valorizar as aprendizagens e para a orientação e tomada de decisões respeitante ao processo de ensino-aprendizagem, assumindo diversas formas e momentos.

Na avaliação formativa, que é feita durante a aprendizagem, quando o (a) aluno (a) está a desempenhar uma tarefa, o (a) professor (a) observa o decorrer do processo e vai dialogando sobre o trabalho com o (a) aluno (a), permitindo que os trabalhos executados vão ao encontro aos objetivos que se pretende alcançar. Essa avaliação permite tanto aos alunos, ao longo das tarefas, reformularem as suas estratégias, como ao (à) professor (a) avaliar o seu processo de ensino e refletir sobre os métodos utilizados na sua atuação.

A avaliação dos projetos concebidos, ao contrário do que decorre na avaliação formativa, acontece no final de uma sequência de ensino ou de um trabalho final e tem um carácter de balanço das aprendizagens adquiridas e postas em prática na referida atividade.

Trata-se de avaliar somaticamente o projeto que espelha a progressão da aprendizagem, tendo em conta a autoavaliação e o produto final apresentado.

**EXEMPLOS DE PROJETOS  
E PLANIFICAÇÃO  
DE UNIDADES DE TRABALHO**

Título

# ESCULTURA

## PLANO DE UNIDADE DE TRABALHO DO PROJETO DE ESCULTURA

Período de realização

de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_º ano de escolaridade

**Duração:** \_\_\_ aulas

### Tema

Escultura no Ensino Básico

### Situação Problema

Construção de esculturas de pedra, para uma exposição na escola

### Fundamentação

Na análise feita aos programas de Educação Artística, do EBO, constatou-se que ainda a Escultura não faz parte dos conteúdos a serem abordados na sala de aula. Constatou-se ainda durante o estágio pedagógico que na escola de Ribeira Bote e em outras escolas da ilha de São Vicente, a Escultura não faz parte da realidade desses contextos. Nas conversas com os professores que lecionam o EBO, notou-se que a escultura é uma área quase não trabalhada nas escolas. Por isso, achou-se pertinente desenvolver o projeto nesse âmbito, de forma a estudar o assunto e proporcionar aos alunos do EBO uma oportunidade de trabalharem e de desenvolverem as competências inerentes a este tema.

### Pertinência

Partiu-se do princípio que a Escultura deve estar presente na vida das crianças desde muito cedo. Quer sejam esculturas de papel ou de outro material, as crianças quando são expostas ao ambiente com linguagens diferentes, expressivas e enriquecedoras, de vez em quando ou diariamente, elas

tornam-se mais apreciadoras dessa arte e, os alunos ganham mais conhecimentos das diferentes manifestações artísticas. Por isso, torna-se um necessário, como futuro docente da EA, aproveitar a escultura, para despertar o gosto pelo mesmo e desenvolver nos alunos, a destreza, a concentração, a criatividade, a forma de trabalhar com as ferramentas específicas para escultura, entre outros.

A arte tem uma influência muito grande na vida de uma criança. Quando faz as suas construções, está a constituir um processo bastante complexo, porque ela, ao longo da sua vida vai acumulando diversos elementos da sua experiência, para formar um novo significado, um todo. Na aprendizagem da arte é que ela vai ter o contacto com alguns elementos extremamente relevantes e que são importantes para a construção humana.

### OBJETIVO GERAL

Promover e valorizar a cultura Cabo-verdiana através da escultura nas escolas como estratégia de ensino aprendizagem.

### TIPO DE TRABALHO

Construção de esculturas de pedra

### AVALIAÇÃO

- Higiene e segurança
- Criatividade
- Participação

## CRONOGRAMA

Aulas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Datas				
				Maio		Junho		
<b>Aula 1</b>	- Escultura - Projeto	- Apresentação do projeto que vai ser desenvolvido - Diálogo com os alunos fazendo um levantamento prévio do conhecimento sobre o tema - Breve abordagem sobre conceito e tipos de escultura - Origem da escultura	Vídeo projetor Papel Caneta Professor Alunos	24	31	7	14	21
<b>Reunião</b>	- Escultura - Projeto - Visita de estudos	- Explicação do projeto aos encarregados de educação - Pedido de autorização para sair com os alunos e para serem fotografados durante o projeto	Carta					
<b>Aula 2</b>	- Escultura de papel - Técnicas básicas de escultura - Atelier	- Experimentação de técnicas básicas de escultura - Conversa sobre o funcionamento de um ateliê - Construção de uma escultura de papel	Vídeo projetor Ferramentas básicas de escultura					
<b>Aula 3</b>	- Desenho cotado - Memória descritiva	- Esboço do desenho que pretende construir com as respetivas medidas - Elaboração individual de uma memória descritiva da sua peça	Papel Lápis Borracha					
<b>Aula 4</b>	- Técnicas de escultura	- Visita de estudo a um Atelier de escultura	Papel Lápis Fotografia					
<b>Aula 5</b>	- Escultura de pedra	- Início do levantamento da peça	Material para esculpir (pedra, madeira e cola)					
<b>Aula 6</b>	- Escultura de pedra	- Com todas as peças prontas far-se-á uma exposição das peças	Mesas Ferramentas de escultura					

**OBS:** Este exemplo foi retirado de um projeto de fim do Curso de Licenciatura em Educação Artística, no IUE, implementado numa turma do 6º ano, na ilha de São Vicente.

Título

# GEOMETRIA

## PLANO DE UNIDADE DE TRABALHO DO PROJETO DE GEOMETRIA

Período de realização

de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_º ano de escolaridade

**Duração:** \_\_\_ aulas

**Tema:** A geometria na arte: tesselações de polígonos regulares

### Situação / Problema / Necessidade

Esta unidade de trabalho, é a parte prática do projeto de intervenção educativa (PIE) a ser desenvolvido na turma C, do 6º ano da escola do EB Dr. António Aurélio Gonçalves, apresentada no âmbito da conclusão do curso de licenciatura em Educação decorrido no Instituto Universitário da Educação.

### Fundamentação

Sendo que a geometria é uma disciplina que nos vem acompanhando desde os primórdios, em que as primeiras ideias geométricas surgiram a partir de necessidades e de práticas dos nossos antecessores relacionadas à agricultura, construção e astronomia, sentiu-se a necessidade de transmitir conhecimentos relacionados com a mesma aos alunos do 6º ano da escola Dr. António Aurélio Gonçalves.

Nesse contexto, é destacado o papel da geometria plana no que diz respeito ao ensino básico e à compreensão, descrição e representação de formas e medidas que lhe são apresentadas direta ou indiretamente no mundo em que vivemos. Como sabemos a geometria surgiu a partir de várias observações feitas pelos homens há muitos milénios e que desde então nos vem acompanhando

### Pertinência do problema

Uma vez que foram realizados estágios no 1º e 2º ciclos, foi constatado que durante as aulas de expressão plástica, os professores não aprofundavam os conhecimentos ligados à geometria na expressão plástica, pelo simples fato de a mesma ser uma área bastante interessante e que esta no dia a dia dos alunos.

Dessa observação constatada, relativamente ao ensino da geometria na disciplina de expressão plástica, uma vez que eu enquanto aluna do curso de especialização em educação artística tive a oportunidade de trabalhar a geometria como conteúdo em Expressão Plástica, como forma de reunir conhecimentos para o meu currículo enquanto educadora e, tendo adquirido estes conhecimentos, surgiu-me então esta ideia de trabalhar este problema como forma de dar meu contributo à esta causa e de transmitir conhecimentos adquiridos durante o meu percurso no curso.

### OBJETIVOS

Conhecer a natureza das tesselações de polígonos regulares face à geometria aliada à expressão plástica, como suporte criativo que servirá de suporte didático no processo ensino e aprendizagem, dos alunos do 6º ano da escola Dr. António Aurélio Gonçalves.

### TIPO DE TRABALHO A REALIZAR

Na implementação do PIE, pretende-se realizar trabalhos que abrangem tanto a teoria como a prática.

#### *Na parte teorica*

- Cor
- Módulo/Padrão
- Tesselações de poligonos regulares
- Vitral
- Artesanato nacional

#### *Parte prática*

### PRODUTO FINAL DO PROJETO (APRESENTAÇÃO)

Exposição realizada com os trabalhos dos alunos referentes aos conteúdos trabalhados, sendo que estes serão realizados em grupos (5 grupos de 6).

Trabalhos de grupo:

### 1 Cor

- quadros de composição usando a cor;

### 2 Módulo/padrão

- conjunto para tempêros (potes de vidro decorados com um módulo criado)
- porta retrato de cartão decorado com um módulo;

### 3 Vitral

- decoração de garrafas de vidro com papel celofan;
- decoração de pequenos potes de vidro (iluminárias);

### 4 Tesselações

- carteiras de caixa de sumo decoradas com um padrão criado;
- construção de um painel feito a base de tesselações;
- painel de mosaicos decorativos;

## AVALIAÇÃO

### a) Contínua:

- Participação;
- Assiduidade;
- Pontualidade;
- Apreciação crítica sobre o trabalho final apresentado;

### b) Criteriosa

- Critérios Mínimos
  - CM1** – Compreensão;
  - CM2** – Conhecimento (utilização das ferramentas da disciplina).

## CRONOGRAMA

Conteúdos	Atividades	Recursos	Datas			Nº de aulas
			Abril 18-25	Maio 02-30	Junho 06-13	
<b>Polígonos regulares</b>	- Revisão do conteúdo; - Traçado de polígonos regulares; - Planificação de sólidos de Platão;	<i>Papel de impressão A4</i> <i>Caixas de papa ou cereais</i> <i>Cartolinas</i>				2
<b>Cor/ Construção</b>	- Cores primarias e secundarias; - Circulo Cromático; - Construção do círculo cromático baseado em figuras geométricas;	<i>Tintas aguarelas primarias</i> <i>Caixas de papa ou de cereais</i>				2
<b>Módulo/ Padrão</b>	- Introdução do conteúdo; - Criação de módulos - Preenchimento de superfícies utilizando as formas de padrão;	<i>Cartão</i> <i>Pedaços de cartolina</i>				2
<b>Vitral</b>	- Introdução do conteúdo - Construção de luminárias decorativas; - Decoração das janelas da sala com vitrais;	<i>Papel vegetal</i> <i>Palitos de espetada</i> <i>Papel celofane</i> <i>Papel cartolina</i>				2
<b>Artesanato nacional</b>	- Introdução do conteúdo; - Visita de estudos ao Cap Verd Design;					2
<b>Tesselações de polígonos regulares</b>	- Introdução do conteúdo; - Preparação dos polígonos regulares a serem utilizados; - Preenchimento de planos com polígonos regulares; - Preenchimento do painel pelos alunos, utilizando polígonos regulares;	<i>Papel offset</i> <i>Esferovite</i> <i>Papel kraft</i> <i>Cola branca</i> <i>Papel cartolina de várias cores</i>				2
<b>Ateliês</b>	- Construção dos produtos finais para a exposição;	<i>Esferovite</i> <i>Potes e garrafas de vidro</i> <i>Papel kraft</i> <i>Papel cartolina</i> <i>Papel de lustre</i> <i>Colas, Tintas</i> <i>Tecidos</i> <i>Pinceis</i> <i>Papel celofane</i>				
<b>Apresentação do projeto</b>	- Exposições dos trabalhos feitos pelos alunos; - Lanche na escola com os encarregados da educação e com o publico;					



Título

# OLARIA TRADICIONAL

## PLANO DE UNIDADE DE TRABALHO DO PROJETO DE OLARIA TRADICIONAL

Período de realização

de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_º ano de escolaridade

**Duração:** \_\_\_ aulas

**Tema:** Olaria tradicional

### Situação / Problema

Durante o estágio académico constatou-se que os professores do EB trabalham a modelagem (barro) que é um conteúdo que faz parte do programa do 2º ciclo (6º ano), de forma muito superficial, não dando ênfase à Olaria Tradicional e nem fazendo uma ponte de ligação entre a escola e os artesãos.

### Fundamentação

A Olaria é uma prática artística antiga em Cabo Verde, de origem africana e as técnicas usadas pelas oleiras em geral, não têm sido exploradas em contextos escolares pelos professores que lecionam a EA, bem como dos professores de uma forma geral. Sendo ela, parte do património artístico e cultural cabo-verdiano, merece ser valorizada, transmitida e trabalhada com os alunos do EB, de forma a conhecerem as suas raízes e as suas histórias.

O trabalho com a argila tem sido utilizado nas escolas em pouca escala, se formos comparar com outros materiais artísticos. E, sendo um material muito apreciado e preferido pelas crianças e, infelizmente, o menos permitido pelos professores do EB, torna-se assim necessário deixar as crianças expressarem o seu “eu” e o mundo “exterior”.

### Pertinência

A Olaria é uma arte que proporciona habilidades do ponto de vista educacional, relacionado com a exploração das habilidades motoras na criança, desenvolvendo competências produtivas e expressivas, no domínio das técnicas da Olaria, desenvolvimento do conhecimento e na compreensão da história e da cultura.

A atividade de modelagem está associada a alguns valores como a ordem, a paciência, o asseio e a persistência. A criança ao modelar efetua catarse de muitas tensões da psicologia conduzindo ao estado de calma e de segurança que é constatado logo após alguns minutos de ter começado a modelar. Sendo assim, é um excelente instrumento pedagógico a ser potencializado nas escolas.

### OBJETIVO GERAL

Promover e valorizar a cultura cabo-verdiana, através da escultura nas escolas como estratégia de ensino aprendizagem.

### TIPO DE TRABALHO

- Peças de Olaria

### AVALIAÇÃO

- Assiduidade - Participação
- Critérios Mínimos
  - CM1** – Compreensão;
  - CM2** – Conhecimento (utilização das ferramentas da disciplina)
  - CA** – Criatividade; Higiene e segurança

## CRONOGRAMA

Aulas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Datas													
				Maio					Junho								
				11	18	24	25	31	7	8	14	15	21	22	28	29	
1ª	<b>Material Forma</b>	- Socialização do projeto Olaria Tradicional; - Construção de aventais; - Teste diagnóstico com o barro (levantamento de peças);	Máquina fotográfica Tesoura Sacos de plástico Diário de Bordo Barro														
2ª	<b>Património Forma Função</b>	- Aquisição de conhecimentos sobre a Olaria Tradicional - Visualização de um Power Point sobre a Olaria, tipos de peças da Olaria Tradicional; Diferença entre Olaria e Cerâmica; - Visita de estudo ao ateliê Djoy	Material uso diário Projetor Máquina fotográfica Diário de Bordo														
3ª	<b>Património</b>	- Visita de estudo ao Centro Nacional de Artesanato e Design	Material uso diário Máquina fotográfica Diário de Bordo														
4ª	<b>Material Comunicação Cor</b>	-Visita de estudo aos barreiros de São Vicente “Mote inglês”, “Murrim de cavol”; -Recolha da argila (amostras) em saquinhos de plásticos.	Saquinhos de plásticos Marcadores Máquina fotográfica Diário de Bordo Argila														
5ª	<b>Material</b>	-Tratamento da argila em pastas de barro	Argilas Materiais usados no tratamento do barro (peneira àgua, balde...)														
6ª	<b>Material Forma</b>	- Apresentação de um Power Point sobre as técnicas da Olaria (rolo, placa ou lastra e bola); - Escolha da peça a ser levantado pelos alunos; -Desenho das peças – esboço em papel.	Material uso diário Projetor Máquina fotográfica Diário de Bordo Teques Barro														
7ª	<b>Material Forma</b>	-Experimentação das técnicas com o barro. -Levantamento de peças da Olaria com as técnicas de rolo, placa ou lastra e bola.	Material uso diário Máquina fotográfica Diário de Bordo Barro teques Ripas de madeira Rolo de massa														

Aulas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Datas													
				Maio					Junho								
				11	18	24	25	31	7	8	14	15	21	22	28	29	
8 <sup>a</sup>	<b>Forma Material</b>	-Levantamento de Protótipos das peças desenhadas.	Máquina fotográfica Diário Bordo Barro Teques														
9 <sup>a</sup> e 10 <sup>a</sup>	<b>Forma Material</b>	-Levantamento das peças finais em tamanhos maiores.	Maquina fotográfica Diário Bordo Barro Teques														
11 <sup>a</sup>	<b>Material</b>	- Acabamento das peças utilizando diferentes tipos de lixas.	Maquina fotográfica Diário Bordo; Lixa de madeira														
12 <sup>a</sup>	<b>Material Património</b>	-Apresentação de um Power Point explicando os tipos de fornos para cozedura	Material do uso diário Projetor Computador Diário Bordo														
13 <sup>a</sup>	<b>Material</b>	-Cozedura das peças num forno tradicional utilizando como combustão, bostas de vaca.	Peças olaria Bosta de vaca; Palha														

**OBS.** Este exemplo foi retirado de um projeto de fim de curso de licenciatura em educação artística, no IUE, implementação numa turma do 6º ano, na ilha de São Vicente.



Título

# CESTARIA

## PLANO DE UNIDADE DE TRABALHO DO PROJETO DE CESTARIA

Período de realização

de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_° ano de escolaridade

**Duração:** \_\_\_ aulas

**Tema:** Cestaria

### Situação / Problema / Necessidade

Esta unidade vem da necessidade que temos de preservar uma das primeiras manifestações cultural existente em Cabo Verde. Queremos resgatá-la, tentando explorá-la nas atividades com crianças, no ensino e aprendizagem.

### Pertinência do problema

É importante que o professor conheça caminhos que possibilitem as crianças a recuperar algo da nossa cultura artesanal, levando-as a refletir sobre a nossa identidade do passado e o caminho que está tomando. É nosso dever como professor (a) preservar certos valores e desde já, vamos estimular nas crianças o gosto pela cestaria, dando-lhes oportunidades de aprender algo que não têm vindo a tomar a devida atenção;

### TIPO DE TRABALHO A REALIZAR

- Trabalho teórico e prático de cestaria

### OBJETIVOS GERAIS

Adquirir conhecimentos que permitem a criança a explorar, criativamente, os conceitos da cestaria. Desenvolver na criança o interesse pela nossa cultura.

### AVALIAÇÃO:

- Participação
- Grelha de observação
- Tomando notas das observações diretas sobre os alunos
- Trabalhos individuais
- Apreciação do trabalho final

## CRONOGRAMA

Aulas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Datas																
				Abril/ Maio/ Junho																
				28	5	8	12	15	19	22	26	29	2	5	9	12	16	19	23	
1	<b>Estudo Cestaria</b>	Diálogo sobre o projeto -Teste diagnóstico - Pesquisa sobre os materiais e técnicas utilizadas na cestaria	-Texto -Data Show -Portátil																	
2	<b>Estudo Cestaria</b>	Entrega das pesquisas - Troca das informações obtidas através das pesquisas; PowerPoint sobre cestaria;	Pesquisas Data Show -Portátil																	
3	<b>Material</b>	Explicação do cesteiro para os alunos sobre de como fazer cesto com 4 folhas	Fibras de tamareira, linha, agulha, canivete																	
4	<b>Elementos da gramática visual (estrutura, textura, forma)</b>	Aula teórica sobre: estrutura, textura e forma.	Data Show Computador Data Show; Folhas, moeda, parede, vidro, janela																	
5	<b>Elementos da forma gramática visual</b>	Continuação da aula teórica sobre estrutura, textura e forma -Função; Higiene e segurança;	PowerPoint Computador																	
6	<b>Forma Material</b>	Preparação dos materiais recolhidos a serem utilizados (jornal, tecido, cartolina)	Jornal, Tecido Cartão, Tesoura																	
7	<b>Forma função Material</b>	Exploração dos materiais com a técnica de entrelaçamento	Jornal, Tecido, Cola Cartolina, Tesoura																	
8	<b>Forma Material</b>	Iniciação da base dum cesto de canudos de jornais com entrelaçamento	Canudos, cola e tesoura,																	
9	<b>Forma Material</b>	Levantamento da base do cesto da aula anterior	Canudos, cola e tesoura																	
10	<b>Forma Material</b>	Construção de esteira de forma tradicional	Tesoura, corda, linha, pau, flor cana, pedra																	
11	<b>Forma Material</b>	Continuação da aula de esteira	-tesoura, corda, linha, flor cana, Goia;																	

Aulas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Datas															
				Abril/ Maio/ Junho															
				28	5	8	12	15	19	22	26	29	2	5	9	12	16	19	23
12	Forma Material	Construção de cesto com material natural (Goia)	Goia																
13	Forma Material	Levantamento da base dum cesto com entrelaçamento de fibras naturais	Goia																
14	Desenho	Cada aluno vai fazer uma planificação da peça final que pretende construir para o fim do projeto.	Lápis, Régua Folha, Compasse																
15	Forma Material	Iniciação da peça final para o fim do projeto	Nervura folha tâmara Flor cana, Jornal Cola, Goia, Tesoura, X-acto, Linha, Cartão Folha tâmara																
16	Forma Material	Continuação da peça, dando-lhe acabamento	idem																

**OBS.** Este exemplo foi retirado de um projeto de fim de curso de licenciatura em educação artística, no IUE, implementação numa turma do 5º ano, na ilha de São Vicente.



Título

# OLI CAVALA

## PLANO DE UNIDADE DE TRABALHO DO PROJETO DE EXPRESSÃO PLÁSTICA / TÉCNICAS DE IMPRESSÃO

Período de realização

de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_º ano de escolaridade

**Duração:** \_\_\_ aulas

**Tema:** OLI CAVALA - Técnicas de Impressão na Produção Visual e Sensibilização Artística em Sala de aula.

### Situação/Problema/Necessidade

Este projeto veio da necessidade de trabalhar, na prática, o projeto de intervenção educativa, como conteúdo, técnicas de impressão no Universo Sócio - Cultural da Cavala, utilizando as técnicas de impressão na produção visual e sensibilização artística em sala de aula, para a reprodução de imagens e desenhos de letras a partir de desenhos sob moldes vazados com tintas em diferentes suportes utilizando vários materiais recicláveis sob forma de aproveitar o potencial desses materiais.

### Fundamentação

A gravura e técnicas de impressão como qualquer outro tipo de atividade remetem para uma aprendizagem que pode ser ensinada em qualquer faixa etária do desenvolvimento da criança. Para isto é preciso uma seleção das atividades adequadas e adaptadas a cada idade.

Através da exploração gráfica, as crianças descobrem um mundo cheio de cores, formas, linhas e desenvolvem sentimentos de imaginação e simbolizam experiências. A pintura e o desenho estimulam a comunicação, a sensibilidade e aumentam a capacidade de concentração, desenvolvem a

coordenação e a forma de expressão das crianças. Neste sentido, pretende-se que os alunos trabalhem a impressão de várias técnicas com as imagens da cavala em vários suportes.

### Pertinência do problema

É relevante que o professor como um agente educador conheça caminhos que possibilitem aos alunos a aquisição de diferentes formas de envolvimento com a sua cultura.

Consciencializar os alunos sobre a importância e o contributo da cavala, na pesca em São Vicente e Cabo Verde no geral e sensibiliza-los esteticamente de que a arte está em tudo. É importante que o professor conheça caminhos que possibilitem a estimulação os alunos e consciencialização sobre a importância de proteger o património sócio-cultural da cavala, também a necessidade de dá-los oportunidade de manusear materiais e ferramentas diversas, com finalidade de ganhar habilidades e aprender algo novo que não se tem vindo a dar a devida importância nas escolas do nosso país.

### TIPO DE TRABALHO A REALIZAR

#### Trabalho prático

Reprodução e impressão de desenhos, imagens e letras em gravura e técnicas de impressão em suportes diversos.

Criação de matrizes e impressão de imagens com as letras do logótipo "cavala Fresk" a partir da gravura e técnicas de impressão em suportes diferentes.

### OBJETIVO GERAL

Desenvolver a capacidade de criação artística através da gravura e técnicas de impressão como forma de valorização da cavala e sua importância no desenvolvimento e na sensibilidade estética dos alunos.

## CRONOGRAMA

Saberes	Atividades	Recursos	Meses		
			Maio	Junho	
<b>Comunicação</b> <b>Património</b>  <b>Técnica</b> <b>de Impressão:</b> <b>Monotipia</b> <b>Estampagem</b> <b>Carimbagem</b>	Socialização com a turma para a apresentação do projeto; Visualização de imagens e vídeo sobre técnicas impressões, o conceito; Conhecimentos sobre o património socio-cultural e artístico da cavala; Conhecimentos e experimentações básicas sobre técnicas de impressão; Exposição de vídeos Produção de imagens em monotipia. Aplicação correta dos procedimentos estudados Utilização correta dos materiais e ferramentas adequadas Produção de cartazes	<i>Pesquisas</i> <i>Portátil</i> <i>Imagens</i> <i>Folha A3, A4</i> <i>Régua,</i> <i>Compasso,</i> <i>Esquadro,</i> <i>Lápis.</i> <i>Digitinta</i>			4
<b>Património</b> <b>Materiais</b> <b>T. Impressão:</b> <b>Stencil</b> <b>Borrifo</b>	Aplicação das técnicas básicas de stencil, pochoir e borrifo Exposição de vídeos Construção dos carimbos para Estampar Impressão de letras e imagens "cavala"	<i>Computador,</i> <i>Tecido, X-ato,</i> <i>Cavalinho A4,</i> <i>Acetato, Tesoura,</i> <i>Tinta, Esponja,</i> <i>Imagens,</i> <i>Folha EVA, Cartão,</i> <i>Fita crepe,</i> <i>Papelão, Cola,</i> <i>Computador,</i> <i>Tinta, Peneira de rede,</i> <i>Escova de dentes.</i>			4
<b>Técnicas:</b> <b>Xilogravura</b> <b>Património</b> <b>Materiais</b>	Visualização de um vídeo e aplicação técnica Produção de gravuras e impressões	<i>Imagens, Tinta acrílica,</i> <i>Tinta gráfica,</i> <i>colher, Madeira,</i> <i>Papel químico,</i> <i>Goivas, Tecido,</i> <i>Papel vegetal,</i> <i>Papel cartão,</i> <i>Placa linoleo</i>			4

**OBS.** Este exemplo foi retirado de um projeto de fim de curso de licenciatura em educação artística, no IUE, implementação numa turma do 5º ano, na ilha de São Vicente.



# FONTES DE CONSULTA RECOMENDADAS: PLÁSTICA

Barbosa, A. M. (2005). *A Imagem no Ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos* (6ª Edição ed.). São Paulo: Perspectiva S. A.

Carreira, A. (1983). *PANARIA Cabo-verdiana-guineense*. Praia: ICL

Duarte, A. (1994). *Educação Hoje, Educação Patrimonial*. Lisboa: Texto Editora.

Eça, T. (2009). A educação artística e as prioridades educativas do início do século XXI. In: *Revista Ibero-americana de Educação*, n. 52, Set./Dez., 2009. Disponível em <http://www.rieoei.org/rie52a07.htm>.

Fagundes, A. (1977) *Manual Prático de Introdução à Cerâmica*. Lisboa: Editorial Caminho

Frick, J. (1978). *A Cerâmica*. Lisboa: Editorial Presença

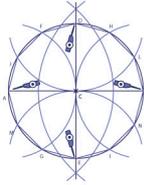
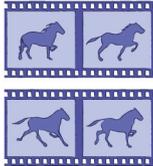
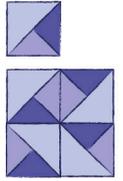
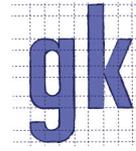
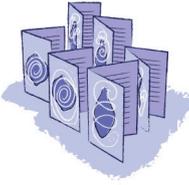
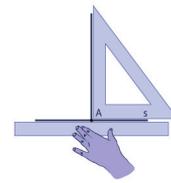
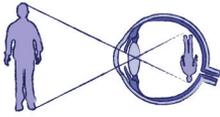
Hernandez, F. (2000). *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed

Ramos, E. & Soares, V. (1987). *Educação Visual*. Porto: Porto Editora

Telmo, I. (1997). *Expressão Plástica*. Praia: IPCV

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. 1º, 2º e 3º Volume. Lisboa: Instituto Piaget

UNESCO (2006). *Conferência mundial de educação artística*. Lisboa: Unesco. Disponível em [http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul\\_tema.php?t=34](http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul_tema.php?t=34)

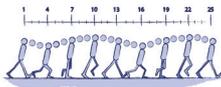


## Hino Nacional Cântico da Liberdade

Canta, irmão  
canta, meu irmão  
que a Liberdade é hino  
e o Homem a certeza.

Com dignidade, enterra a semente  
no pó da ilha nua;  
no despenhadeiro da vida  
a esperança é do tamanho do mar  
que nos abraça.  
Sentinela de mares e ventos  
perseverante  
entre estrelas e o Atlântico  
entoa o cântico da liberdade.

Canta, irmão  
canta, meu irmão  
que a Liberdade é hino  
e o Homem a certeza.



## Ministério da Educação

